





47
47

✓

CA

3318

L
3318
P O E S I A S

D E

ANTONIO DINIZ DA CRUZ

E S I L V A .

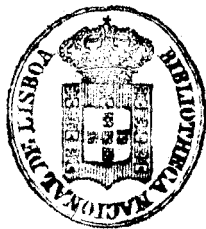
Na Arcadia de Lisboa

ELPINO NONACRIENSE,

... , ...

T O M . IV .

Que contém Poesias varias.



LISBOA: 1814.

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

Rua da Condeça ao Carmo N. 19.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Самъ Писатель въ Мѣстѣ въ Дѣлѣ Императора въ Россіи

Въ Мѣстѣ въ Россіи въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ

И въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ

Въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ



Самъ Писатель въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ

И въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ

Quo me cunque rapit tempestas, defector herpes.

ЕГЫПТО МОЛАСКИЕНСЕ

И въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ въ Мѣстѣ

Е С I G A V

ANTONIO DIINI DA SILVA

D E

POESIAS

SONETOS.

Os Sonetos seguintes serão ainda escolhidos entre os que ficarão de fóra das tres Centurias, impressas no Tom. 1. e serão tirados das diversas Collecções.

O 1. 2. 3. vem nos Apontamentos Originães do Author. O 4. he da terceira Collecção. O 5. vem em todas as Collecções. Finalmente o 6. he tirado do Original de Coimbra.

seguintes: João de Almeida
João de Almeida
João de Almeida

João de Almeida

Tempo ab oculos hinc

Que longas esperanças vás traçando,
 Se a breve e véloz vida o não consente,
 Oh pensamento meu! gosa a presente,
 De futuras fortunas não curando.

Se o votaz Tempo vem aproximando
 De meus annos o fim rapidamente;
 Porque, louco, me dize e imprudente,
 Sobre o ar altas torres vás formando?

A mole immensa, a maquina infinita,
 Que traças sobre debil fundamento,
 A deixalla a Razão hoje te incita.

Pois inda que benigno o firmamento
 De vida largos annos me permitta,
 Será só para magoas e tormento.

II.

A José Basilio da Gama, Author do Poema intitulado Quitubia.

ERrado o vulgo cegamente cria,
 Que a sã virtude, esse dom sagrado
 A raras almas raramente dado,
 E que ao templo da Fama os mortaes guia,

Entre as asperas brenhas se não via,
 Onde até o seu nome era ignorado;
 E que da Africa o campo dilatado
 Só crueis feras, só monstros produzia.

Maç tua Lyra, que triunfante prostrá
 O Tempo, e negra Inveja, e que altamente
 A difficil do Pindo estrada mostra;

Hoje do bom Quitubia á cega gente
 A fé pintando e o grão valor, demonstra
 Que tambem tem heróes Africa ardente.

SONETOS.

.VI

SONETOS.

.VI.

SONETOS.

Vendo Amor seu imperio soberano
Vencido da inconstancia e da ventura,
E em seu altar render com chama impura
Continuas oblações ao torpe Engano:

Intentou restaurar-se deste dano,
Buscando hum novo azilo á desventura,
Onde occultando as iras na ternura,
Das almas outra vez fosse tirano.

Entre muitos, que vio, ternos e bellos,
Os olhos escolheu de Cinthia bella,
Sublime occasião de meus desvelos.

E sahio-lhe tão bem esta cautella,
Que quem he tão feliz que chega a vellos,
Em render-lhe mil cultos se desvela.

IV.

*A morte do Senhor D. José , Príncipe
do Brazil.*

Lançou em fim por terra astro inimigo
O novo ramo, ramo florecente,
A cuja sombra a Lusitana gente
Na tormenta esperava certo abrigo.

Cahio por terra, e ella que o perigo,
Que a queda lhe ameaça, vê patente,
A penetrante dor, que n'alma sente,
Em pranto exhala sobre o grão jazigo.

Ah! que torvo Cometa sanguinoso,
Solta a cauda espantosa, em ti fitado,
Tem, oh Lisia, o aspecto furioso!

E quanto melhor fora, oh Céu sagrado,
Não nos ter dado o Príncipe piedoso,
Se o hayias de levar apenas dado!

V.

DE Glaucos li eu já que mastigando
Certa planta hoje occulta á mortal gente,
De humano pescador subitamente
Em Deos do mar se fora transformando.

Tu tambem do Parnaso, meu Filio
Apenas metes no restolho o dente,
De sordido pajóla impertinente
Te foste em trovador logo tornando.

Hoje pois que com riso Apollo grava
Teu nome em seu canhenho, em feliz hora
Desse mesmo restolho te orne a frente.

E se até aqui em rirão andava,
Taes beiços taes alfates, desde agora
Tal Poeta tal croa diga a gente.

VI.

Q Uando, oh Céos, deixará o sentimento
De fazer-me perpetua companhia ?
Ou quando chegará o feliz dia ,
Em que co' a vida acabe o meu tormento ?

Ou brilhe o roixo Sol no firmamento ,
Ou de sombras o cubra a noute fria ,
A pallida e voraz malincolia
Jámais de mim se aparta hum só momento.

Morte , em que te detens , que a fouce dura
Não vibras contra mim , no golpe irado
A' alma triste cortando a ligadura ?

Levanta já o braço descarnado :
Mas (oh dor sem igual , oh desventura !)
Até a morte foge a hum desgraçado.

EPIGRAMMAS.

Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta.

Lucret. Libr. 3. v. 11, 12.

Estes Epigrammas serão fielmente copiados d'hum volume original das Poestas de Diniz, que nos communicou o Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo, o qual volume he dividido em duas partes: na primeira contem — Propempticon, ao Conde da Ega. — Astréa, Visão. — o Genio do Museo, Sonho. — Carta do Padre Macedo e Resposta. — Traducção d'hum Satira de Horacio. — Elegia ao Terremoto; as quaes obras adiante se imprimem neste mesmo volume: e alem disto a Canção — Epithalamio — Ode Alcaica — duas Odes Saficas, e a Ode ao Garção; o que tudo se imprimio no 3.º Tomo: finalmente o Idyllio: Pastores que habitais &c. que he o primeiro dos impressos no 2.º Tomo. A segunda parte contem os Epigrammas e Apologos. A este volume chamamos Collecção terceira.

Em quanto aos Epigrammas, os pri-

meiros 53 vem quasi pela mesma ordem na terceira Collecção: ommittimos pôem muitos outros que por diversos respeito não parecerão dignos da impressão. Dos impressos. 0. 4. 5. 14. 16. 23. 34. 35. 39. 40. 41. 42. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. são desconhecidos nas outras Collecções. Todos os outros vem, ainda que com lição hum pouco diversa e menos apurada, tanto na de Coimbra, como na Vimeirense.

Os Epigrammas 54. 55, e o Madrigal são tirados do Original de Coimbra. O Epigramma 56 he tirado dos Apontamentos Originaes do Author, que conservamos em nosso poder.

I.

A Sua Alteza o Conde Reinante de Schaumboug Lippe, mandando ao Author huma medalha d'ouro com o seu busto, e huma Carta muito honrosa, agradecendo-lhe huma Ode, que o mesmo Author lhe fizera.

SE no campo Marcial Guilherme armado
 No valor Alexandre parecia ;
 Em a paz o parece desarmado ,
 Honrando liberal a Poesia.

II.

O grande Affonso d'Albuquerque pertendeo para seu filho natural Braz d'Albuquerque a Grandeza: El-Rei D. Manoel lh'a não concedeo; mas mandou que se chamasse Affonso como seu Pai.

Querêdo honrar Manoel d'Affonso o nome,
Manda ao filho de Affonso o nome tome:
Sabiamente discorre o Rei benigno,
Que a seu valor não ha premio mais digno.

III.

Navegando o grande Vasco da Gama perto da Costa da India, quando hia por Vice-Rei daquelle Estado, de repente começou o mar a tremer. Assustarão-se os navegantes; e elle para os animar lhes disse o mesmo, que dá toda a força ao Epigramma.

Abrindo o grande Gama o mar ufano,
Tremor se sente todo o Oceano:
Hum gelado tremor de toda a gente
Os ossos corre: mas o herôe valente,
Não temais, lhes bradou, bravos Soldados,
Que os mares de nós tremem assustados.

IV.

Cruzando Diogo da Silveira o mar da Arabia, encontrou com huma rica Náo de Mouros; cujo Capitão veio a seu bordo, muito confiado em huma Carta, que trazia, de hum Portuguez cativo, a qual este lhe havia dado com engano; pois em vez de interceder por elle, recommendava aos Capitães Portuguezes, que encontrando-o o tomassem, e castigassem por ser muito máo. Diogo da Silveira leu a Carta, e deixou ao Mouro continuar sua viagem sem lhe fazer dâmino.

No Cartaz enganoso confiado,
Se apresenta a Diogo o Mouro ousado:
Vê Silveira o engano, e a rica presa,
Mas sua alma sem par tudo despreza.
Que alto varão, a quem virtude anima,
Mais que hum tesouro a boa fé estima.

V.

A Duarte d'Almeida, a quem deceparão as mãos, para largar o Real Estandarte, que levava na Batalha de Toto.

Decepadas as mãos, o grão Duarte
Só larga o que arvorou Regio Estandarte:
Se livre dos contrarios o salvára,
Menos o seu valor executára.

VI.

Salvador Ribeiro havendo conquistado só
com o seu valor e industria o Reino de Pegú,
e sem ajuda da Coroa, largou o seu go-
verno tanto que El-Rei o ordenou.

Em render de Pegú o Reino inteiro
Oh quanto esforço mostra o grão Ribeiro!
Mas em deixallo mais esforço mostra,
Pois as proprias paixões triunfante prostra.

VII.

Ao mesmo.

Do Trono, a que subio independente,
Ribeiro desce ao Principe obediente:
Mostrando, quando assim fiel o entrega,
Que aos Reis se deve obediencia cega.

VIII.

Ao mesmo.

Valeroso, prudente, justiceiro
Se fez digno do Trono o grão Ribeiro:
Mas quando deixa a vasta Monarquia,
Então mostra melhor que a merecia.

IX.

A Pedro Antonio Joaquim Correa Garção. (a)

Alvergue digno as Graças procurarão,
E do sabio Garção na boca entrarão.

X.

Aos Virtuosos.

Não teme do martello o estrondo e o peso
A bigorna onde geme o ferro acceso:
Nem varão, que tenaz segue a virtude,
O insano murmurar do Povo rude.

(a) Αἱ Χάριτες τέμενός τι λαβεῖν ὅπερ ἔχει πιεῖται
Ζητῆσαι, Ψυχὴν ἔνθρον Ἀριστοφάνους.

Está na Synopsis da vida de Aristofanes Thom. Magistr. na Edicção de Aristofanes de Porto.

Deste seria talvez imitação o Epigramma de Diniz. He de Platão; e a traducção vem nas Notas de Menage a Diogenes Laercio:

Trina sibi æternum quærebat Gratia tẽplum:
Unius invenit pectus Aristophanis.

Nota do Editor.

XI.

Tirado do Grego.

Com o famoso Heitor cahio rendida
Troia soberba a cinzas reduzida:
De Alexandre, que muda a Terra admira,
Com a morte, de Pella a gloria expira:
Que não da patria aos homens se derrama,
Mas des homens á patria immortal torna.

XII.

Tirado em lingoagem do de Virgilio:
Nocte pluit tota.

Não cessa em toda a noute a chova fria,
Volvem os Espectaculos c'o dia:
Dividido com Cesar certamente
Tem Jupiter o Sceptro omnipotente.

XIII.

Tirado dos Versos de Author incerto a
Cesar. (a)

Na gloria de vencer em campo armado

(a) Tirado dos seguintes versos de hum celebre Poeta.

16 EPIGRAMMAS.

Comtigo, Cesar, tem parte o Soldado:
Mas na de perdoar ao inimigo,
Ninguem, oh Cesar, parte tem comtigo.

XIV.

Tirado do Grego.

Podes impor fallando fraudulento
Aos homens: a Deos nem e' o pensamento.

XV.

Essa feliz abelha, que imprudente
Tua boca mordeo tirannamente,
He digna de perdão, Lilia formosa;
Pois ao vella, julgou que era huma rosa (a).

Gloria vincendi juncta est cum milite, Cæsar:
Cæsar, parcendi gloria tota tua est.

O pensamenso he de Cicero na Oração
pro M. Marcello. (2.^a Collecção).

(a) Paraphrase do Epigramma de Antonio de
Cabedo:

Quod tua purpureos vincentia Cynthia flores
Labra nimis felix, sed mala punxit apis:
Parce illi, causas prætendit hic error hoæstas,
Crediderat veras scilicet illa rosas. (1.^a Coll.)

XVI.

Se os Poetas, segundo o teu juízo,
 Todos huns loucos são, se não tem siso;
 Como não hes Poeta, meu Filetas?
 Mas já sei, loucos são e não pateras.

XVII.

Se sães, Marilia, na manhã saudosa,
 Não he a luz da Aurora tão formosa:
 Se da noute ao romper, não são tão bellas
 No Céu sereno as tremulas estrellas.

XVIII.

A N. que dizia mal da Poesia.

A raposa, que ás uvas não chegava,
 De verdes, e de azedas as notava:
 Assim Alcandro, a quem engenho falta,
 Os Poetas com criticas assalta.

XIX.

A outro, que tinha a mesma mania.

Com razão Celio as Musas desestima,
 Que quem não sabe a arte, não a estima.

Tom. IV.

B

XX.

A M. de S. que inculcava por seu hum
 Soneto, contra certos Poetas, d' hum solo I
 Dizem, Bavió, que em velho dialeto
 Fizeste a alguns Poetas hum Soneto:
 Mas testemunhos são de homens perversos,
 Que tu nunca soubeste fazer versos.

XXI.

Tirado do de Virgilio: Monte sub hoc & c.

Debaixo destas pedras sepultado
 Balista jaz em roubos affamado:
 Bem podes sem temor de noute e dia
 Proseguir, caminhante, tua via.

XXII.

Ornada hes, Amarinda, Citherea;
 Sem adornos, Celeno torpe e fea.

XXIII.

A huma Dama, que usava de dentes con-
 trafeitos.

Mas os dentes de marfim, que traz Daliana,

Por seus a todos nos inculca ufana,
 E nós que são postiços praguejamos:
 Mas faz bem, pois he nosso o que compra-
 (mos.

XXIV.

A certos homens, que punhão todo o seu
 merecimento n'hum affectada seriedade e tris-
 teza,

Se o ser sesudo e triste he só ter siso,
 Quem te desbanca, oh burro, no juizo!

XXV.

A N. que se deleitava com pinturas des-
 honestas, e tinha a sua Camara ornada dellas.

Em vão provocas a lascivia tua
 Com a Venus, Silvandro, que tens nua:
 Que a fina lá, que a matizada seda
 Em desejos os homens mais entreda.

XXVI.

Queres pintar, Florindo, a Citherea?
 A minha pinta sem igual Tresea.

XXVII.

A certa Dama infamada de pintar as cãs.

A trança dizem, Marcia, que pintaste :
Mas mentem, porque tu negra a compraste.

XXVIII.

A N. que estando em grande valimento,
esquecido da antiga pobreza, se jactava das
qualidades que apontão os versos, e recebia
com grande sobrançaria os pertendentes.

Dizes que hes sabio, nobre e poderoso ;
Louva o Ceo que te fez tão venturoso :
Que eu de ti nada curo, altivo Fabio,
Inda que hes poderoso, nobre e sabio.

XXIX.

Endecasyllabos a N.

Este Timagenes, palreiro eterno,
Grande Filosofo, grande Jurista,
Grande Rhetorico, grande Humanista,
Poeta e Critico, Censor moderno ;
Não vio o celebre Latino Foro,
Não vio o portico da sabia Athenas,
Não ouvio Cicero, nem das Camenas

A grata musica, o suave coro :
 Mas dos corpusculos o mestre agudo
 Nos intermundios lhe ensinou tudo.

XXX.

De Venus tens o rosto e a galhardia ;
 Mas as unhas, Anidia, são de arpia.

vidua

XXXI.

Tirado do Grego.

Sonhou Hermon, que muito ouro gastava ;
 E de paixão, dormindo, se enforcava.

XXXII.

Se o trazer grandes barbas dá sciencia,
 Vence hum bode a Platão na intelligencia.

XXXIII.

Certo Pascasio, que passar queria
 Por profundo Filosofo, dizia :
 Das seitas entre a grande variedade
 Qual poderá causar-me novidade ?
 Se Platão me chamar, sem ter receo,
 Na Academia entrarei de idéas cheo :
 Se Zeno, se Aristoteles famoso,

Ao Portico, e ao Lyceo irei gostoso:
 Se o immortal Pythagoras sesudo,
 Subito me vereis calado e mudo...
 Dos circumstantes hum entáo lhe clama:
 Ouve, amigo, Pythagoras te chama.

XXXIV.

A certa Dama, que chamava ao Author
 seu Apollo.

Teu Apollo serei, como desejas;
 Com tanto que tu Dafne me não sejas.

XXXV.

Hum Poeta o Epitafio engrandecia
 Que para os ossos seus composto havia;
 E hum ouvinte lhe tofia: está tão bello,
 Que já em seu lugar tomára eu vello.

XXXVI.

Duas pombas no casco d'hum soldado
 O seu ninho fizeram desejado:
 Bem manifesto fica desta sorte,
 Quanto Venus amou sempre a Mavorte (a).

(a) Este Epigramma he traduzido do seguinte de Palladio:

XXXVII.

Vendo Asclepiades, misero avaro,
 Hum ratinho saltar pelo aposento,
 Lhe' pergunta o que quer sobresaltado:
 Mas o rato, depõe o vão cuidado,
 Surrindo-se, lhe torna; que eu, Amigo,
 Comida aqui não busco, busco abrigo (a).

XXXVIII.

Se Apelles Citherea não pintará,
 Escondida no mar sempre ficará:

XXXIX.

Quando, Laurindo, sahés tão penteado,

Militis in galea nidum fecere columbæ:
 Apparet Marti quam sit amica Venus.

(3.ª Coll.)

(a) Este Epigramma he tirado do Grego de
 Lucillio: Delle ha a seguinte traducção La-
 tina:

Murem Asclepiades ut apud se vidit avarus,
 Mus, quid in æde facis, dixit, amice, mea?
 Nus blande arridens, illi inquit, amitte timorem,
 Hic ego non victum quero, sed hospitem.

(3.ª Coll.)

Tão nédio , tão gentil e tão rosado ,
 Da matreira raposa n'hum momento
 Logo me vem o dito ao pensamento :
 Oh que bella cabeça por Apollo !
 Mas que prol ! se não tem dentro miolo.

XL.

Ao mesmo.

Tudo , Laurindo , tens : trajas á Ingleza ,
 E a perna manca arrastas á Franceza :
 Hes bonito , hes facundo , hes engraçado ,
 E em extremo das moças cobiçado :
 Só huma leve falta em ti diviso ,
 Sabes de que , Laurindo ? de juizo.

XLI.

Epitafio de hum cão.

Os ladrões com meus ladros perseguia ,
 Mas os amantes mudo recebia :
 E portando-me sempre desta sorte ,
 Ao marido aprazi , mais á consorte.

XLII.

Em lauta mesa Mestre Hilario hum dia
 Da frugal vida os bens engrandecia :

A crapula , dizia , he mái fecunda.
 Da molle inercia e da luxuria immunda :
 A temperança a vida nos conserva ,
 E são de mil achaques nos preserva :
 E em quanto aos Commensáes assim falla-
 No bucho seis perdizes ensacava. (va,

XLIII.

A hum menino muito gentil , que tinha
 hum só olho , filho de huma mái muito for-
 mosa , que tinha igual defeito (a).

Esse olho que só tens , bello menino ,
 A tua bella Mái o dá benino :
 Assim ambos ficais de bom partido ;
 Ella Venus será , e tu Cupido.

(a) Este Epigramma he traduzido do se-
 guinte de Ausonio :

Parve puer, lumen, quod habes, concede Parenti :
 Sic tu cæcus Amor, sic erit illa Venus.

Deve-se porem observar, que o mesmo
 se acha alterado e accrescentado nas obras
 dos Amaltheos pela maneira seguinte :

Lumine Acon dextro, capta est Leonilla sinistro,
 Et poterat forma vincere uterque Deos :
 Parve puer, lumen, quod habes, concede sorori,
 Sic tu cæcus Amor, sic erit illa Venus.

(3.ª Coll.)

XLIV.

O Poema de Homero celebrado
 Hum asno devorou todo estaimado :
 Que hum burro ou hum cavallo o Céu des-
 Seção sempre de Troia alta ruina (a). (tina

XLV.

Que contem o Epitafio de Aretino por
 Paulo Jovio (b).

Aretino aqui jaz Vate Toscano,
 Que a todos lacerou com dente insano :

(a) Este Epigramma he tirado do seguinte
 de Palladio :

Carminis Iliaci libros consumpsit asellus :
 Hoc fatum Troiæ est, aut equus, aut asinus.
 (3.^a Coll.)

(b) Este Epigramma he traduzido, cu tira-
 do do Epitafio composto por Paulo Jovio ao
 celebre e licencioso Aretino. O original he
 o que se segue :

Qui giace l'Aretin, Poeta Tosco,
 Che de ognun dice mal, fuor che de Dio :
 Scusando-si con dir: non lo conosco.

Este mesmo Epitafio foi traduzido em La-
 tim pela maneira seguinte :

Só Deos de seu furor não sente o excesso,
Porque (dará por causa) o não conheço.

XLVI.

Contem o Epitafio de Paulo Jovio feito
pelo Aretino (a).

A cinzas reduzido aqui habita
O grande Paulo Jovio hermafrodita:
Que vale o mesmo no vulgar sentido,
Que dizer foi mulher e foi marido.

XLVII.

Hum vizinho a hum vizinho chocarreiro
Zombando lhe chamava alcoviteiro;
E o vizinho lhe volve pronto e ledô:
Tua mulher não sabe ter segredo.

Condit Aretini cineres lapis iste sepultos,
Mortales atro qui sale prefricuit:
Intactus Deus est illi, causamque rogatus,
Hanc dedit: Ille, inquit, non mihi notus erat.

(3.ª Coll.)

(a) Os Versos do Aretino são os seguintes:

Qui giace Paulo Jovio hermaphrodito:
Che vuol dire in volgar moglie e marito.

(3.ª Coll.)

XLVIII.

Ao M. R. Francisco Pereira Cacheta,
Conego Magistral da Sé do Porto, enviando
ao Author huns pasteis d'hum gosto exquisi-
to, com hum Epigramma Latino (a).

Doces pasteis Francisco hoje me envia,
Doces versos em sua companhia:
Doces são os pasteis, dos mais diversos,
Mais doces são porém seus doces versos.

XLIX.

(lhava,
Augusto a hum camponez, que o asseme-
se a Mãi viera a Roma perguntava:
E o camponez lhe torna sem receio,
Minha mãi não, meu pai mil vezes veio.

L.

Tirado do Grego de incerto Author: *Ἡρώς &c*

Quando moço, vivi sempre em pobreza;

(a) O Epigramma, que se accusa, he o se-
guinte:

Non hic ambrosiæ stillat, vel nectaris humor,
Non hic exhaustos spargit et Hyblæ thymos:
Stillat amor, sparsos que tuos; vir maxime, flores,
Hausit, construxit, reddit, et ipse flores.

(3.a Coll.)

Hoje , que velho sou , tenho riqueza :
 Em todo o tempo cruel , sempre mesquinha
 Encontrei infeliz a sorte minha :
 Não tive , quando pude desfructallo ,
 Não posso , hoje que tenho , já gozallo.

LI. (a).

A fome me attribula , e amor sobejo ;
 Destes dous males a pobreza elejo.

LII. (b).

Desse horto Ninta sou , e sou tutella
 Desta fonte risonha , fria e bella ,
 Que ao brando som da placida corrente
 Aqui dormindo jazo docemente.

(a) Este Epigramma he tirado do seguinte de Claudiano :

Esuriens pauper telis incendor Amoris
 Inter utrumque malum diligo pauperiem.
 (3.^a Coll.)

(b) Este Epigramma he tirado do seguinte Latino :

Hujus Nympha loci sacri custodia fontis
 Dormio dum blandæ sentio murmur aquæ.
 Parce meum, quisquis tangis cava marmora, som-
 Rumpere : sive bibas , sive lavere , tace. (num

Vê Grutero pag. 182. 3. Sobre este mesmo E-

Oh tu, que a ella chegas! chega manso,
 Olha não interrompas meu descanso.
 Se a lavar-te, ou beber vens encalmado,
 Lavar-te, ou beber podes, mas calado.

ONNET

LIII.

Ao retrato de certa Dama.

Esta de Egle gentil he a figura,
 Sem igual na modestia e formosura:
 Destra mão copiou seus dons em parte,
 O que não fez natura, fe-lo a arte.

LIV.

A Scevola queimando a mão, que errara
 o golpe em Porcena (a).

Queima Scevola a mão, que o golpe errara;
 Menos, se o não errasse, executára.

pigramma escreve Smet. Hoc Epigramma re-
 centi marmoris nuper incisum, in hortulo Ca-
 latiano, ad aquæ virginis ductum, qua aquæ
 digitus per canalem adducitur, collocatum est.
 Sed an vere antiquum sit, et in vetusto mar-
 more alibi olim extiterit, nescio.

(3.^a Coll.)

(a) He tirado do Epigramma de Marcial,
 Libr. 1. Epigr. 22.

LV.

Para pintar de Helena a formosura
 Sinco moças gentis Zeuxis procura ;
 Se Zeuxis minha Aglaia em Grecia achára,
 Helena só com ella retratára.

LVI.

Traducção do Epigramma de Moscho : O
 Amor Lavrador.

Depondo o fero Amor o arco , e as flechas,
 Tomou hum a aguilhada , e pendurando
 Nos hombros hum çurrão , ao jugo prende
 A paciente cerviz d'huns bois tardios.
 A lavrar começou , e enchendo os surcos
 Dos grãos de Ceres , diz aos Ceos olhando :
 Enche , Jove , de espigas estes regos ,
 Senão , qual n'outro tempo a bella Europa
 Roubaste , pucharás por este arado.

LVII.

Madrigal.

Estas rosas a ti , Venus formosa ,
 Tirse Pastor te offrece ,
 Em sinal de que Leucade piedosa

De seu mal se enternece.
Por ora rosas só, Dione, te offereço :
Porém se compassiva
Croat de glorias mea amante excesso,
Nesta arvore altiva
Cortarei: Tirse que logra os favores
Da mais gentil Pastora,
A ti, Deosa gentil, mái dos Amores,
Que Egnido e Chipre adora,
Este mirto consagra alto e sombrio,
Choça, cães e armentio.

A P O L O G O S.

Me mea Calliope cura levioꝛe vagantem
 Jam revocat: parvoque jubet decurrere gyro:
 Et secum gracili connectere carmina filo.

Columel. Libr. 10. de Cult. hortor.

Estes Apologos achão-se no Original de Coimbra, mas o Poeta na terceira Collecção, que seguimos, aperfeiçãou a sua lição.

I.

HUm pardal, que invejoso hum aivão vi-
 Às nuves remontar-se generoso,
 De a par delle voar á gloria aspíra;
 Bate as azas veloz, vòã vaidoso.
 Mas mal do vento a região subira,
 Hum borborão soprando revoltoso,
 O triste envolve, leva arrebatado,
 E o lança no alto mar precipitado.

Mostra este exemplo a quem o considera,
 Que facilmente co' a ruina encontra
 O que vão quer sahir da sua estera.

S O P O T O P A
II.

Compadre Grillo (a hum Grillo, que vivia Junto della , dizia huma Toupeira)
 Não cante tanto. E o Grillo lhe volvia :
 Sempre , comadre , foi grande palreira ;
 Que lhe importa o meu canto ? E proseguia
 Em cantar todo o dia , e a noute inteira.
 Té que hum Gallo, que ali perto morava ,
 De sua voz chamado , o devorava.

Este exemplo , loquaz , falla contigo :
 A solta lingua entrea , se não queres
 Na lingua achar talvez o teu castigo.

III. p. J. b. h. g. m. l. h. i.

Huma Aguia generosa a huma Andorinha
 Motejando dizia : forte presa ,
 E forte bico tens , Ave mesquinha !
 Teu genio ver de perto o Sol despresa ,
 Voando á terra sem cessar vizinha :
 De taes dons graças dá á Natureza.
 Mas em quanto vaidosa assim discorre ,
 Ás mãos de hum Caçador a triste morre.

Neste exemplo vereis , oh vós vaidosos ,
 Qu'os pobres, qu'os humildes, qu'os peque-
 Mais seguros estão que os poderosos. (nos

IV.

Hum rato , qu' a primeira vez sahia
Do sombrio buraco , onde vivia ,
Ao ver-se sobre a terra , quanto olhava
Espanto tudo , e admiração lhe dava.
Mas o que mais o tinha embellezado
Era a pele de hum gato bem malhado ,
Que meneando a cõlla , se dispunha
Nelle a empolgar a retorcida unha :
Quando hum Gallo emproado passeando
No meio de ambos se meteo cantando.
O ratinho de o ver todo medroso ,
No buraco se esconde pressuroso ; (pera ,
Onde a mãi , qu' impaciente ha muito o es-
Lhe pergunta o que vio , e o detivera.
Mil cousas vi , que de prazer me encherão,
E ali (lhe torna o filho) me prenderão.
Mas entre todas o que vi mais bello
Foi , Mãi , hum animal branco e amarello,
Qu' os olhos tendo sobre mim pregados ,
De longe me fazia mil agrados ;
Mas outro qu' em çous pés só se sustinha,
E huma coroa na cabeça tinha ,
Gritando a mim se volve cheo de ira ,
E me matára , se lhe não fugira.
Então a Mãi lhe diz : Filho innocente ,
O animal , que te olhava brandamente ,
Devorai-te queria carnicero ;

E esse , de quem fugindo vens ligeiro ,
Da morte te livrou , e fôj tua goarda :
Delle não temas ; do outro te resguarda.

Deste conto consiste a intelligencia
Em quanto erra , e se engana tristemente
Quem se move a julgar pela apparencia.

V.

Hum Gallo , que famelico pastando ,
N'hum pardieiro vigilante andava
Com as unhas a arêa esgravatando ,
Hum bello diamante acaso achava
Entre a miuda arêa sintillando ,
E junto delle hum grão de milho estava :
O gallo ao milho sem demora avança ,
E c'os pés para trás a pedra lança.

O Gallo , que despreza o diamante
Pelo milho , nos mostra que devemos
Escolher antes o util , que o brilhante.

VI.

A Raposa c'o Grou fez sociedade
Para comer com elle em companhia ,
Para a bolça cada hum dando a ametade.
Farta era a mesa ; mas de que servia
Das viandas ao Grou a variedade ,

Se em quanto dous bocados mal comia ,
A Raposa o banquete devorava,
E do simples á custa gorda andava ?

Se nossa perdição não desejamos ,
Olhar devemos, como o exemplo ensina,
Antes de contratar, com quem tratamos.

VII.

Hum Lobo da voraz fome acoçado ,
Não achando outra presa, perseguia
Os passaros, que saltão pelo prado :
Mas por demais após elles corria ,
Por demais brande a garra, e salta irado ,
Qu' o mesquinho nenhum colher podia :
Quando hum gato, que morto se affectava,
Em tanto a seu prazer muitos caçava.

Este exemplo, Leitor, pôde ensinar-te,
Que da vida no trato muitas vezes
O que não vence a força, vence a arte.

VIII.

C'huma Lebre hum Coelho se ajustava
Para a vida passarem commummente :
A mesma lousa a ambos abrigava,
A pastar ambos hião juntamente :
Mas o Coelho tanto retôçava

Que pressentidos erão facilmente ;
 Té que a Lebre, qu' em vão o aconselhára ;
 Da sua companhia se sépara.

Esta fabula a todos admôesta,
 Que de hum genio inquieto e revoltoso
 A sociedade para nada presta.

IX.

Huma velha Raposa abriu matreira
 Aos coelhos hum fojo muito alto ;
 E se pôs a esperallos sorrâteira. (salto ;
 Nisto deo de entre a selva hum lobo hum
 Ella então a fugir entrou ligeira ,
 Mas o tino perdeu c'o sobresalto ,
 E no fojo cahio , e ficou presa ,
 E ali a devorou do Lobo a presã.

Esta fabula mostra , que a mentira (a) ,
 Que a calumnia mil vezes presa fica
 Nos mesmos laços, que á innocencia ordira.

X.

Os ratos , que se vião cruelmente
 Ser o cevo dos gatos , assentaráo

(a) O Poeta escreveo Esta fabula nos mostra &c.

Em seu favor chamar o cão valente,
 Vem estes , e depois que destroçaráo
 O ardiloso animal c'o forte dente ;
 Contra os mesquinhos ratos se voltaráo,
 E em pouco tempo não se vio hum gato ;
 Mas tambem se não vio nem hum só rato.

Aos fracos este exemplo lhes ensina ,
 Qu' a alliança e' os tortes muitas vezes
 Mor estrago lhes traz , maior ruína (a).

XI.

Hum Lobo, que comêra hum bom carneiro,
 Para a caça prear mais facilmente ,
 Com sua pele se cobrio matteiro.
 Assim sahio das brenhas mansamente ,
 E na relva se deita sorrateiro (b).
 A Raposa , que o mede attentamente ,
 Senhor Lobo , lhe disse , não me engana,
 Que o rabo de quem he me desengana.

Esta fabula mostra , que o prudente
 Tudo attento especula , tudo adverte ,
 E enganar se não deixa facilmente.

(a) *Nos Originaes lê-se* Maior estrago lhes traz &c.

(b) *Nos mesmos Originaes* E sobre a relva &c.

PROPEMPTICON (a)

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Manoel de Saldanha
de Albuquerque, primeiro Conde da Ega,
hindo por Vice-Rei para a India no an-
no de 1758.

Illustrissimo Conde, em cujas veias
Heroicamente pulsa o Regio sangue
Dos antigos Saldanhas, que entre tantos

(a) Entende Idyllion, ou Odarion, isto he:
Ode á despedida. Este Poema foi feito para
se recitar na Aradua aos 30 de Março de 1758,
e vem escrito na primeira Collecção com o ti-
tulo de Ode Monocolos. Esta antiga lição he
pouco differente da que agora seguimos, á excep-
ção do preambulo que o Author ultimamente
ommittio. Era deste modo:

Chegou em fim o tempo, amada Lira,
De deixar o silencio; o priguiçoso
E vil pó, que te cobre, hoje sacode.
Ao glorioso exercicio, que te illustra,
Grande empreza nos chama; a soberana
Calliope me inspira: soem, soem
No Menalo outra vez as tuas vozes!
Porém não como quando as ternas queixas
De Amiclas Pescador do claro Tejo,
Ou na morte de Auliza ao pobre Ergasto
Em baixo e rude estilo acompanhaste,
Vibrem, vibrem agora as tuas cordas

Excellentes Varões, que a Patria adornão
 De altas virtudes, escolhido fostes
 Para reger no Oriente o rico Imperio,
 Pelo Luso valor ha tantos annos
 Á custa de impio sangue sustentado:
 Vós, que da rectidão, e da piedade,
 Do esforço, da constancia, e da inteireza,
 E d'outras cem virtudes rodeado,
 Nos dais huma segura confiança
 De ver-mos renascer em nossa Idade
 Dos Castros, Albuquerque, e Pachecos
 O Seculo ditoso: de Neptuno
 Arando os largos campos felizmente,
 Hide restituir ao antigo lustre
 Do Nome Portuguez a heroica fama,
 Renovar as façanhas, e a memoria
 Desse povo de Heroes. O rico Trono,
 Onde vossos maiores ja fizerão
 Tremar com susto do Oriente os Reinos,
 Hide occupar. A prospera Fortuna,
 De palmas, e de louros carregada,
 Sobre as possantes náos já bate as penas:

Hum som mais levantado e magestoso,
 Digno de Heróes, igual ao nobre objecto,
 Que na idéa me brilha, e me transporta:
 Hum som tão singular, que para ouvilho,
 Largue o silvestre Pan a propria flauta;
 E de seu doce accento arrebatado,
 Deixe o extremoso Alfeo o centro frio.
 Preclarissimo Conde, em cujas veias &c.

Já o Cabo espantoso , que bramindo ,
 De longe espanta as atrevidas Quilhas ,
 Serena as tempestades , e dos Ventos
 A colera insofrida affugentando ,
 Com aspecto sereno ledo off'rece
 A passagem segura á vossa armada.
 Hide pois , oh Senhor ! immenso campo
 Lá ás vossas virtudes abre o Fado.
 Hide colher as palmas , que a Victoria ,
 Para ornar-vos o carro do triunfo ,
 Ha tanto tempo corta. A India toda
 Impaciente por vós ha muito espera :
 E o Indo alvoraçado , e o largo Ganges ,
 Deixando á discrição as ricas urnas ,
 Pelo Oceano dentro estão metidos ,
 Com as brancas cabeças fóra d'agoa ,
 Só por vet se descobrem no Horizonte
 Da tua torte Armada as curvas vélas.
 Eu vejo , sim , eu vejo a triste Goa ,
 A Rainha do Oriente , qual viuva
 De negras vestiduras carregada ,
 Desmaiado o semblante , e sobre o rosto
 Esparzido o cabello , que derrama
 Lastimosos gemidos , e pregados
 Os lagrimosos olhos no Occidente ,
 Por vós , illustre Conde , está bradando :
 Por vós afflicta , só , desamparada ,
 Sem socego suspira , por vós clama :
 E coberta de horror , inda de longe
 C'o dedo de Pondá vos mostra os campos ,

Do nobre Vice-Rei em sangue tintos,
 Oh Campos de Pondá ! funestos campos !
 Sobre vós nunca espalhe a roixa Aurora
 Seu frió orvalho , nunca o Sol brilhante
 Com seus raios vos cubra , nem produza
 Frescas flores em vós a Primavera :
 Abrolhos só vos vistão , e em sombrios
 Ciprestes se convertão vossas palmas.
 Mas que lugubre imagem pouco a pouco
 Diante de meus olhos se levanta !
 De feridas crueis despedaçado ,
 De negro sangue , e pó todo coberto ,
 Inchado , macilento , hum triste vulto (sa.
 Me assombra, me entenece, e me horrori-
 Quem será ?... Se não mente a fantasia (a),
 O aspecto Marcial , a continencia ,
 O rosto , que inda pallido respira ,
 O bellicoso ardor , que lhe inflâmava
 O coração impavido , as feridas
 Em tão nobres lugares recebidas, (Conde.
 Bem mostrão que este he d'Alva o illustre
 O mesmo he; mas quão outro, quão differen-
 D'aquelle illustre Conde, que do Tejo (te
 A corrente deixou , enchendo ufano
 De susto , e d'esperança Europa , e Asia !
 E que barbara mão pôde atrever-se
 A derrathar , Senhor , o vosso sangue ?

(a) O Poeta escreveu Quem será ? ah ! se não mente &c.

Sangue de tanto Heróe! comb' cahiste
 No conflicto cruel: o próprio esforço
 A vida vos tirou. Em vão intentas, Sundo
 Oppor-se á multidão animo ousado,
 Que a virtude he do numero opprimida.
 Valeroso Saldanha, aquelle sangue,
 Aquellas cruelissimas teridas
 Vingança estão pedindo. A vós pertence
 Castigar este insulto, a negra mancha,
 Que a desordem lançou na Lusa gloria,
 Apagar, extinguir: sim: saiba, saiba
 O barbaro Concão que ainda existem
 Em Portugal Heróes; que ainda brota
 Albuquerque terriveis Lusitania.
 Sinta o ousado Sunda os duros golpes
 D'essa talhante espada; e qual hum tempo
 O Danubio vos vio, seguindo os vãos
 Das Aguias Imperiaes, em campo armado
 Encher de espanto e susto o Rheno e o Se-
 Assustado do Sal vos veja o Rio. (na,
 Treme, sim, treme; que veloz já parte
 O brioso Saldanha: colhe, colhe
 De teus campos veloz os doces fructos,
 Barbaro Maratá, perfido Sundo,
 Em quanto tempo tens, em quanto tarda,
 Rasgando os largos Campos de Amfitrite,
 O baixel alteroso; em quanto gemem
 Do grão peso opprimidas suas agoas;
 Em quanto o valeroso... Mas que novo
 Desusado furor m'inflâma o peito!

Que espirito sagrado me transporta
A distante pais ! que mão propicia
D'ante os olhos me affasta a grossa nevoa,
Que os futuros arcanos me encobria !
Ouvís ? ou me engana a fantasia ?
Ah ! delirio não he ; sim , sinto , sinto
De Marciaes instrumentos o ruído ,
Temendos batalhões em campo oppostos
Prontos a se ferir ante mi vejo :
Já marchão a encontrar-se , já se rompe
A cruenta batalha , já se travão
As oppostas fileiras : aide a guerra,
Os bellicos trovões nos ares soão ;
E entre nuves de pó e fumo voão
Os incendidos raios de Mavorte.
E que gentil guerreiro será este ,
Que entre o furor da lide sanguinosa ,
De sangue , de suor , de pó coberto ,
Discorre todo o campo , despresando
De balas , e azagayas hum chuveiro ?
Ante elle o Terror vem , e a dita Morte
Larga estrada rompendo : a terra treme
Aos resoantes golpes , com que a ferein
Do soberbo cavallo , que domina ,
As grossas ferraduras. Conde illustre ,
Vós sois que , semelhante a hum largo rio
Das chuvas engrossado , hides levando
Ante vós quanto oppor-se-vos intenta.
E com que ardor levanta o forte braço
A fulminante espada ! com que estrago

Os espantosos golpes descarrega!
 Tal não vio o Escamandro amedrentado
 Na campanha de Troia ao tero Achilles
 Em sacrificio aos Manes de Patroclo
 Com a lança fatal prostrar por terra
 Cerrados Esquadrões de Gente Frygia.
 Mas já do Ceo batendo as brancas azas,
 De triuntantes insignias adornada,
 Descendo vem a prospera Victoria;
 Já se põe a seu lado, e já o campo (a)
 A pouco e pouco largão os contrarios:
 Já desmaião de todo, e se confundem;
 E do negro Esquadrão desbaratado
 Huns voltão costas, outros semeando
 No campo ensanguentado as rotas armas,
 Aos pés do Vencedor piedade implorão.
 Lusitanos Soldados, vinde, vinde,
 Trazei fortes algemas, e esses braços,
 Que contra vós ousarão levantar-se,
 Prendei: triuntai. E vós claro Saldanha,
 Segui ligeiro a rapida Victoria,
 A rapida Victoria, que vos chama
 Aos muros de Pondá, que já titubão.
 De vosso grande nome já ao brado

(a) No Original lê-se do campo: o Author
 tinha talvez presente a antiga lição deste lu-
 gar:

Já a seu lado se põe, já os contrarios
 Pouco a pouco do campo se retirão.

A soberba cerviz o Gates prostra ,
 Estremecem os muros levantados
 De Taná , Baçaim , Supem , e Usua ;
 Cahem por terra as barbaras , e torpes
 De Visnáo , e Madeu falsas Deidades.
 Em todo o vasto Oriente á vossa fama
 Magestosos troféos já se levantáo ;
 E as Ninfas do Menáo do Indo, e Ganges,
 Deixando o vitreo fundo, em alto accento,
 Ao tom das aureas Citharas , entoáo
 Em vosso applauso nobres Epinicios.
 Hide pois a gozar de tanta gloria :
 Com bonançoso vento do Oceano
 Os paramos cortai : que sobre os muros
 Da Soberana Goa vos espera ,
 De triunfantes palmas carregada
 Para ornar-vos a fronte vencedora ,
 Do triuntante Albuquerque a grande Som-
 (bra.

A' Ill.^{ma} e Ex.^{ma} S^{ra}.^a D. Teresa de
Mello e Breyner, Condessa de Vi-
mieiro.

A S T R É A

V I S Ã O.

*Impressa segundo a lição que se acha
na terceira Collecção, a qual he mui pouco
diversa da que vem no Original Vimiei-
rense.*

DAs castas Musas pelo vasto imperio
Vagava o pensamento ; e contemplando
A riqueza immortal , que em larga copia
Seus fertes campos cobre , a alma absorta
Em suavissimos extasis se via :
Quando rasgando as nuves , a meus olhos
Gentil donzella airosa se apresenta.
Da bella còr de Tyro lhe cobria
Os alvos membros roçagante veste ,
Que em partes presa n'hu brilhante cinto,
Todo de ouro e gemmas tauxeado (a) ,
Os aureos borzeguins á vista off'rece ,

(a) Var. De rica chaparia repassado.

De fino aljofar todos recamados.
Talhante espada de metal luzente
A dextra lhe guarnece, e lhe pendia
Da esquerda huma fiel aurea balança.
Rompia mansamente os subtis ares,
Deixando impressos na immortal carreira
Brilhantes sulcos, pelo campo ethereo,
De huma serena luz, quaes n'alta noute
Do Estio caloroso deixar vemos
Accesa exhalação que veloz corre.
Apenas chega a mim as azas ceira,
E a doce voz soltando, que pudera
A Discordia infernal, a brava Guerra
Para sempre apartar d'entre os humanos,
Se a seus gratos accents não cerrassem
Os purpureos Tirannos os ouvidos,
Entre alegre e severa, assim me falla:
Oh tu, que ao som da lira tão famosos
De Aglaia, de Treséa, e Jonia os nomes
Pelas fraldas do Menalo tens feito,
Ninfas, em que formosas, que alvergavão
No duro peito hum coração de tigres
Pronto a despedaçar tuas entranhas;
(Ah que bem por teu mal o tens provado!)
Como de Breyner a viriude e graças
Inda em silencio deixas? Por ventura
Não tem ella belleza? Não se adorna
Sua alma de mil dons, e qualquer delles
Capaz de realçar a muitas almas?
Pensas quiçá que a cithara sonora,

Que Apollo te entregou, só te foi dada
 Para infamar-lhe as cordas, modulando
 (Qual escravo, que ao tom dos duros ferros
 Cantando lisonjeia a mão que o fere)
 As fragis graças de huns tirannos olhos?
 E que a Virtude, dadiva celeste,
 A Virtude que os homens eterniza,
 De seus sons não merece a melodia?
 Deixa pois o silencio vergonhoso:
 Tempéra as cordas, e o dourado plectro
 Prepara á grande empreza, q' eu t'ó ordeno,
 Astréa he quem te falla, e quem te anima.

Disse: e soltando as coruscantes azas,
 Por entre as roixas nuves se remonta,
 Qual garça que sentindo lá ao longe (a)
 Bramar o tridentigero Neptuno (b),
 Pelas desertas praias agitado
 Do gráo furor de Boreas, que incha os ares,
 Indicio certo de futura chuva,
 Batendo as leves penas alça o vôo,
 E em levantados giros não socega,
 Até que em salvo sobre as grossas nuves

(a) notasque paludes
 Deserit, atque altam supra volat ardea nubem.

Virgil. Georg. Libr. 1. v. 363.

(b) *Dixeris egregie, notum si callida verbum
 Reddiderit junctura novum.*

Horat. Epist. ad Pison. v. 47.

Ao sol ostenta as atrevidas plumas;
 Assim ralhando o ar aos Ceos se torna,
 D'onde descera, a suspirada Astréa.

Então a mim tornando, velozmente
 A obedecer-lhe corro, a lira tomo.
 E as cordas afinando me disponho,
 Seguindo os passos que estampou glorioso
 Do Ismeno o grão Cantor quando as estrel-
 Do claro Alfeu nas margens levantava (las,
 O destemido athleta, que cingira
 De silvestre oliveira a ardente fronte,
 Teu engenho a cantar, tuas virtudes.

Como soltando ao grande Genio as azas,
 Grande Breyner, por cem Avós illustre,
 E inda por cem virtudes mais illustre,
 Das Artes e Sciencias pelos reinos
 Infatigavel vagas: como colhes
 Nas frescas margens, que Hippocrene rega,
 As mais cheirosas flores, que a teu Nome
 De croa servirão, e mais brilhante
 Que aquellá, que cercou a regia fronte
 De Ariadna gentil, e junto ao pólo
 Convertida em estrellas resplendece:
 Como teu nobre coração, sentindo
 Da piedade os effeitos, corre o pranto
 Nos olhos a secar dos desgraçados:
 Como a tenra Innocencia ao desamparo,
 Pelas mãos da Maldade, ou da Pobreza,
 Exposta infelizmente, em teu regaço
 Benigna acolhes, tomas venturosa,

Mas a voz, que o eburneo plectro tira
 Do brilhante instrumento, rouca e debil
 A' grandeza do objecto não se accorda.
 Então, mudando os sons, de Anacreonte,
 Para cantar as graças de teu rosto,
 O poder de teus olhos, onde reina
 O travesso frecheiro, e onde forja
 A seta de ouro, que traspassa o peito
 De teu Esposo, que fiel te adora,
 As brandas cordas busco, e em vão as busco.

Em fim depois de ter por largo espaço
 Arte e genio provado, mas sem fructo;
 Desenganado a Cithara penduro, (za
 E a mais sublime engenho a grande empre-
 Cheo de magoa largo; pois conheço,
 Que inda que Astréa o mande, minhas vo-
 Não bastão a cantar tuas virtudes. (zes

, 22915 0910 qiri esp

211 N. 1001 0100 1200

211 N. 1001 0100 1200

211 N. 1001 0100 1200

211 N. 1001 0100 1200

211 N. 1001 0100 1200

211 N. 1001 0100 1200

O GENIO DO MUSEO

S O N H O.

Ao Senhor Doutor João Mendes Sachetti
Barbosa.

*Os Versos notados com este sinal * fallão na terceira Collecção, e serão tirados da segunda.*

Cansado de lutar o pensamento
Com mil varios objectos, que humas vezes
Medonhos no semblante me atterravão,
Outras todos alegres, e trajados
Das bellas cores, que pomposas vestem
Lisonjeiras vaidosas esperanças,
Mil fabulosos bens me promettião;
A hum suavissimo sono pouco a pouco
Os sentidos entrego: e breve espaço
Os lasso membros repousado tinhão,
Quando movendo a leve fantasia
Mil confusas imagens, me apresenta
Hum galhardo mancebo, que librado
Sobre pintadas plumas, cruza o vento.
Na cabeça trazia por turbante
De ricas pedras tauxeado buzio,
No qual apavonada borboleta

54 O GENIO DO MUSEO

A miudo batendo as subtís azas,
Em vez de ayrão, servia de remate.
Huma gorgeira de esmaltadas penas
O collo lhe cercava, e nella em partes
De prata, d'ouro, e cobre cem medalhas
De famosos heroes pendentos tinha.
N'huma das mãos trazia hum grande mólho
De varias hervas, de diversas flores:
N'outra hum fruteiro de metaes differentes
Todo lavrado; pois ao mesmo tempo
Entre o ferro, entre o chumbo, estanho, e
Em vistosos florões ali brilhavão (cobre
Com soberbo relevo a prata e o ouro.
Em seu seio mostrava em larga copia
Peixes, conchas, coraes, troncos, e ossos
Em duras pedras todos convertidos.
Antigos camateos d'ouro cercados
Os dedos lhe cobrião, e a cintura
De grossa pele de manchada cobra
Lhe apertava em mil voltas larga faixa.
Em vez de aureo cothurno, finas peles
De estranhos animaes calçava airoso,
Que em mil diversas flores recamavão
De ricas perlas preciosos fios.
Admirado da grande formosura,
Que no rosto lhe brilha, e sobre tudo
Da pompa estranha, que em seu trajo via,
Attonito fiquei por largo espaço:
Quando, soltando a voz, assim me falla
O mancebo gentil: Se pelo rosto,

Pelo gesto, figura, pompa e traje,
Oh rustico mortal, me não conheces,
Ouve, e sabe quem sou. Eu sou o Genio,
Que sobre o teu Museo attento vela,
Que invisivel o cerca, que o protege,
Que cuida em augmentallo, e enriquecello.
Para este fim rompendo a densa nuve,
Que a teus olhos me cerra, a advertir-te
De teus descuidos vigilante venho.
Cono esperas, Elpino, que elle creça
Nas ricas produções da Natureza,
Ou nas que destra mão de antigo mestre
Subtilmente lavrou, que o tempo esconde
De madre Terra no profundo seio,
E que a mão favoravel do Destino
Mil vezes aos mortaes descobre e mostra,
S: ingrato aos beneficios, os esqueces?
Ricas medalhas, exquisitas conchas
Não liberal te envia, e tu não curas
Nem ao menos sequer de agradecellas!
Aqui chegava, quando hum grão ruido
De meus olhos espanta o leve sono;
Nas impressa me fica na lembrança
Do gracioso sonho toda a historia.
Dutissimo Saccheti, tu que o tempo
* Em continuas vigalias sobre os livros
Utilmente gastando, tanta fama
A teu nome tens dado no alto estudo,
Que eterniza de Cós a antiga gloria;
Que aos miseros mortaes da fraca vida

Ou estendes o fio , affugentando
 De seus membros a pallida Doença ,
 Ou de seus males a tiranna força
 Suavemente moderas , tu bem sabes
 Que dos sonhos o alvergue caprichoso
 Duas tem entre si diversas portas (a) ,
 * Diversas na materia e serventia :
 Que de branco marfim huma he talhada ,
 Outra da curva ponta , que guarnece
 Ao roubador de Europa a torva front :
 Que pela cornea saem os verdadeiros
 Se pela eburnea vem os fabulosos.
 Pela cornea os Ceos , creio , me mandão
 Este que acabo agora de pintar-te :
 Para pagar-te , para agradecer-te ,
 Inda que tarde , os dons que me enviast.
 Mas com que pôde hum misero Poeta
 Beneficios pagar , senão com versos ?
 Versos pois te remetto : e tu que as plants
 Longe da estrada do ignorante vulgo
 Estampas felizmente , recebellos
 Com rosto alegre debes ; pois conhece
 Dos versos todo o preço , e que só elle
 Dos vortices do Lethes salvar podem
 Nos seculos futuros nossos nomes.

(a) Allusão ao lugar de Virgilio (*imitação de Homero*) :

Sunt geminae somni portæ &c.

Aeneid. L. 6. v. 893, e seg.

C A R T A

Do Padre Manoel de Macedo ao Author.

*Esta Carta e a sua Resposta vem na
segunda e terceira Collecção.*

DIniz, meu bom Diniz, da vil lisonja
Nunca achacou meu animo. A Verdade
Unicamente he o Idolo, que adora
Hum coração nutrido com os dogmas
Da sã Filosofia. O meu encenso
Só do Merecimento nos altares
Com mão pródiga queimo. De que pejo
Manchadas não veria as minhas faces,
Se o sordido interesse hum louvor falso
Da boca me arrancasse? As almas nobres
Nada torcellas pôde. Do ar corrupto,
Que a descarada Adulação respira,
Com pé ligeiro fogem. Tu o sabes:
Por exp'riencia o sabes. Que me importão
De Anselino as riquezas? Se nadando
No seio das delicias passa a vida,
Da risonha fortuna se entre os braços
A sono solto dorme, revolvendo
Sobre fofos colchões de brandas penas
O regalado corpo: por ventura
Não conhecemos nós que a contingencia

'A que sogeito está , dos bens , que goza ,
 Diminue o valor? Da curva roda
 O curso desandando , tem seus hombros
 Robustas forças para sustentarem ,
 Sem que curvados gemão , sem que estalem
 C'o peso da desgraça? Confundido
 Na poeira , que levanta o grão Colosso ,
 As ruas com estrondo estremecendo ,
 Das douradas berlindas , como os fumos
 Da vaidosa cabeça dissipados
 De repente verá! Cedros mais altos
 Do solto vento ao impeto cedendo (a)
 Não cahirão por terra? Sabia Mestra ,
 Que do mundo os successos nos ensinas
 Para nossa cautela , de que exemplos
 Longa serie nos teces? Quem agora
 A bellicosa fronte guarnecida
 De verdes louros traz , o grilhão torpe ,
 Do vencedor atado ao carro illustre ,
 Não arrastou depois? Sem que voemos
 Por estranhas regiões , dentro da Patria
 De que feas catastrophes não temos ,
 Não só chea a memoria , os olhos cheos?
 Feliz tu , que trilhando outra vereda ,
 Dos Mirandas a par , a par dos Britos ,
 Dos Camões , dos Bernardes , dos Ferreiras ,
 (Honrados apellidos , que do Tempo
 Devorador triuntarão) largo campo

(a) Falta este verso na terceira Collecção.

De te immortalizares tens achado!
 Não he debaixo de estucados tectos
 Que te recolhes : pavilhões soberbos
 Preciosas baixellas não possues:
 Mesquinha foi contigo a cega Deosa
 Que a seu arbitrio os cabedaes reparte.
 Mas hum engenho dando-te aquilino
 A fertil Natureza , que das sciencias
 Os misterios reconditos penetra
 Com rapido progresso , de que especies
 Te não enriqueceo ? Ao casto peito
 Das nove Irmãs creado , com que brio
 O brado engrossas de teu nome amavel ,
 Que por diversos climas leva a Fama
 Nas transparentes azas ? Patria ingrata ,
 Se envolto em lençol pobte repousarão
 Do Epico Cantor as nobres cinzas
 Em rasa sepultura , quem da infamia
 Remir-te poderá ? Do mendigado
 Pão de qué se nutria , quem se lembra ,
 Que de lagrimas ternas não arrase
 Os magoados olhos ? Nova estatua
 Ao seu merecimento levantando
 Do Ganges e do Tejo sobre a crespá
 Superficie soando a tuba de ouro ,
 Que dos Lusos a gloria eternizára.
 Tu que os grandes vestigios tens seguido,
 O passo não affrouxes na carreira.
 Hum patrimonio tens que da injustiça
 E da inveja não teme o voraz dente :

Todos te estimáo : entre todos tenho
Hum distinto lugar para applaudir-te.
Da tua boca pendo quando te ouço :
Quizera ouvir-te sempre. As Graças bellas,
De seu poder o encanto refinando ,
Na tua língoa habitáo. Bens caducos
Como do bom Diniz occupar podera
O espirito divino ? De outra classe
São os dons , que Minerva te prepara
No santo cume do farpado monte.
Para á gloria trabalha : a gloria he tua.

R E S P O S T A

Do Author a Macedo.

SE a sã Filosofia, que o engenho
Com seus raios te illustra, esclarecesse
De todos os mortaes a cega mente,
Quanto, caro Macedo, mais ditosa
Seria a raça humana! Aos pés do Vicio
Jazer não se veria indignamente.
A mesquinha Innocencia: A santa Astréa,
Na dourada balança equilibrando
Merecimento e premio, culpa e pena,
De croas ornaria os virtuosos;
E a mascara rasgando á vil lisonja,
Por terra lhe abatera o torpe vulto,
Que sem vergonha ou medo audaz levanta;
Só se amára a Virtude, e se seguira.

Mas se este dom dos Ceos a poucas almas,
Almas só como a tua, elles offrecem;
Se do mundo nem Eu, nem Tu podemos
Os achaques curar inveterados,
Deixemos que o grosseiro vulgo corra
A encensar os altares da Riqueza;
E das Musas o templo magestoso,
Da Paz e da Inteireza em companhia,
Com Estoica firmeza procuremos.
Esperavas acaso que Lisboa
Mais que Athenas e Roma fosse justa?
Pois se o Lacio já vio, se vio a Grecia

Sem horror condenados e proscritos
 Socrates, Focion, Cicero e Bruto,
 Que muito sem asylo hoje me vejas
 Opprimido do peso da Fortuna?
 Mas que póde fazer-me a caprichosa,
 Que a constância me altere e me perturbe? (a)
 Negar-me o seu favor? Em paz lho soffro.
 Diogenes na tina recostado
 Do vencedor da Persia o fausto insulta.
 Camões, o grão Camões, desamparado,
 Mendigando o sustento, mas na frente
 Cingindo o louro, que colheo no Pindo,
 Oh! quanto aos olhos meus, quanto mais
 Que todas as riquezas de Anselino! (brilha,
 No regaço do Luxo e da Priguiça
 Bena (pois que risonha encontra a sorte)
 Por cristaes de Alemanha em lauta mesa
 O suave licor que o Rheno nutre :
 Em brilhantes carrinhos tremer faça
 As populosas ruas de Lisboa :
 Nem assombro me causa, nem inveja.
 Do bom cisne Dirceo os altos vôos,
 Com que cantando ás nuves se remonta ;
 O sonoro clarim do Luso Homero ;
 E a tua facil, doce, e branda veia
 Só, Macedo, cobiço, só invejo.
 No meio pois da Corte solitario,
 Sem conhecer os ricos, nem os Grandes,

(a) Falta este verso na terceira Collecção.

Dos Grandes e dos ricos desprezado ,
Passo em serena paz as horas leves ,
A's vezes contemplando as varias obras
Da mão da natureza ; ás vezes lendo
As famosas acções que n'outra idade
Obrou o Luso braço. Então minha alma,
D'alto Nume inspirada , se transporta.
Vejo as crueis batalhas , vejo a Guerra
Vestida de diamante pelos campos ,
De sangue e de ruinas tapizados ,
Membros inda fumantes devorando :
Vejo Lima , Furtado e o grão Botelho ,
Ao lado da Victoria eternizando
Com sua espada a Lusitana gloria.
Então a Lira tomo , e em seu applauso
As cordas pulso do Cantor Thebano :
E seguindo seu rasto luminoso ,
No templo da Memoria os grandes nomes
Indeleveis gravar ousado emprendo.
Então com rosto inteiro e socegado ,
Ouço que o vão Alcandro porque cinge
Na calva fronte a respeitavel Mitra ,
De poeta me nota , e de ocioso ,
Em quanto nas pomposas assembléas
Entre tortas , brilhantes serpentinas
Jogando passá o Wisth a noute inteira.
Mas a morte voraz , que a longos passos,
Alçada a curva fouce , o vai seguindo ,
Vingará sem piedade o grande insulto
Feito em mim, feito em ti ás Santas Musas.

Vibrando o fero inevitavel golpe,
 Seu nome lançará n' horror do Lethes;
 Sem q as Honras lhe valhão, nem os Trun-
 Nem todo o resplendor da Jerarquia: (tos
 Em quanto o teu de fama coroado
 Aos confins voará da eternidade,
 Da inveja vencedor, do tempo e morte.

Quantos a Alceu iguaes no grande imperio
 Em seu trono adorou a antiga Lesbos?
 Pois quem deste salvou o grande nome
 De entre as garras crueis do Esquecimento,
 Em quanto para sempre sepultada
 Nas lethargicas ondas a memoria
 Dos outros jaz? acaso foi, Macedo,
 O Real sangue, a purpura brilhante,
 A riqueza, o poder? Ah! tu bem sabes
 Que nada disto foi. A doce Lira,
 Que nas mãos lhe entregou benigno Apollo,
 E cujos ecos, apesar dos annos,
 Inda nossos ouvidos adormentão,
 No mundo eternizou a sua fama.
 Que a cithara sonora he só quem pôde
 Segurar-nos da postuma memoria.

Nestes dogmas ha muito instituido,
 Animado por ti, por teu exemplo,
 A' virtude fiel sacrificando,
 A estrada seguirei do excelso Pindo,
 Estrada que primeiro tu pisaste;
 E talvez que em seu cume inda algum dia
 De altos louros me veção coroado.

TRADUÇÃO

Da Satira IV. de Horacio no Livro I.

No Original de Coimbra acha-se hum fragmento desta Traducção bastante imperfecto: na terceira Collecção he que o Poeta a acabou e aperfeicou.

Eupolis, Aristophanes, Cratino,
 E os mais Authores da Comedia antiga,
 Se alguém digno de nota na Cidade
 Por adult'ro, ladrão, por homicida,
 Ou famoso por outro vicio havia,
 Com muita liberdade o diffamavão.
 Este foi de Lucilio todo o torte;
 Estes seguio, mudando unicamente
 Os numeros e os pés: elle por certo
 He jovial, agudo e penetrante,
 Porém nos Versos duro: nesta parte
 Pecou em demasia. Muitas vezes,
 Sem de hum pé se mover, duzentos Versos,
 Como cousa estupenda, elle dictava:
 E correndo enlodado, muitas cousas
 Nelle acharás, que aproveitar tu possas.
 Palreiro, e de soffter o duro peso

Tom. IV.

E

De escrever incapaz; bem, já se entende (a),
 Que sobre escrever muito nada digo.
 Mas Crispino motando eis me provoca:
 Toma, me diz, se queres, papel toma,
 Lugar se nos assigne, tempo, e goardas;
 E quem mais escrever possa vejamos.
 Graças aos Ceos, Crispino! pois propicios
 De animo me fizeram acanhado,
 E pouco dizidor. Tu se quizeres,
 Nos foles o encerrado vento imita,
 Que não socega, em quanto o duro ferro
 O fogo não abranda. Seja Fannio
 Embora afortunado, que seus Versos
 Em caixas de cipreste bem goardados,
 E sem o pertender vio sua Estatua
 De Apollo collocar na Bibliotheca;
 Em quanto ninguem lê os meus Poemas,
 Porque temo de ao vulgo recitallos
 Que nelle muitos ha a quem erija,
 Como dignos de serem censurados,
 Esta especie de escritos. Quem quizeres
 De entre esse povo tira: da avareza,
 Ou misera ambição he combatido:
 No tempo amor dos Moços hum se abraça
 Outro pelas Casadas endoudece:
 Da prata o resplendor este cativa,
 De bronze Albio nas obras se embelleza
 Trabalhadas por mãos de antigos Mestres:

(a) O Author escreveu bem se entende.

Outro as mercadorias troca e escamba
 Desde onde o Sol se eleva, com aquelle
 A quem a Plaga Occidental aquecta;
 E por perigos mil precipitado,
 Qual pelo remoinho o pó unido,
 He levado, ou porque a soma adquirida
 Diminuição não sinta; ou porque augmento
 O patrimonio. Todos estes temem
 Os Versos, os Poetas aborrecem;
 Foge, que marra, dizem, para longe.
 Com tanto que este a riso se provoque,
 Não ha de perdoar nem ao amigo;
 E aquillo que huma vez no papel borra,
 Tratará de que o saibão inda aquelles
 Que dos fornos se tornão e dos rios,
 Sem que lhe escapem velhos e meninos.
 Ora sus: poucas cousas em contrario
 Ouve. Primeiramente eu me exceptuo
 Do numero d'aquelles a que o nome
 De Poeta concedes: nem bastante (a)
 Para isso digas que he compor hum verso:
 Nem se algum, tal como eu, escreve em me-
 Que a prosa se assemelha, por Poeta (tro-
 O debes reputar: somente a aquelle,
 Que feliz possuir hum alto engenho,
 A mente mais divina; e a voz bastante

E ii

(a) Assim lê o Author na primeira Collecção na terceira, disse por engano; De Poeta tu dás &c.

A entoar cousas grandes e sublimes ,
 Poderás a honra dár-lhe deste nome.
 Por esta causa alguns tem disputado ,
 Se a Comedia he Poema ; pois lhe falta
 No estilo e na materia a nobre força ,
 O espirito sublime , e só differe
 Seu fallar do vulgar em ser medido.
 Mas tem mão : na Comedia algumas vezes
 Hum Pai escandecido se embravece
 Porque o Filho , da amiga Cantoneira
 Abrasado no amor , o siso perde ,
 E corre inda de dia , oh que deshonra !
 Embriagado sacudindo os fachos.
 Dizes bem : mas Pomponio por ventura ,
 Se o Pai inda vivera , menos que isso
 Escutaria ? não : logo não basta
 Com palavras formar puras hum verso ,
 O qual se desligares , qualquer outro
 Da mesma arte tambem se enfadaria,
 Que se enfada na farça o Pai fingido.
 Se a estes versos pois , que eu hoje escrevo ,
 E aos que escreveo Lucilio n'outro tempo
 As medidas e numeros tirares ,
 No extremo lugar pondo a que na ordem
 He primeira palavra , e as derradeiras
 A's que estão antes d'ellas anteponhas ,
 N'elles não acharás , como em est'outros
 DEPOIS QUE ESPEDAÇOU BRUTAL DISCORDIA
 DA GUERRA AS FERREAS PORTAS E POSTIGOS,
 Se acaso os desfizeres , d'hum Poeta

Os deslocados membros. Mas por ora
 Deixemos estas cousas : n'outro tempo
 Se he Poema , ou não disputaremos.
 Só tratarei agora se com causa
 Esta especie de Escritos te he suspeita.
 Roucos com seus libellos Sulcio e Caprio ,
 Ambos dous de ladrões terror e espanto ,
 Pela Cidade vagão ; mas quem vive
 Como deve , sem susto ambos despresa.
 Ora pois , bem que a Celio e Birrho sejas
 Semelhante , ladrões dos mais famosos (a) ;
 Se em mim Caprio não ves, nem ves a Sulcio,
 Que razão pôde haver , porque me temas ?
 Nenhuma logea tem , nenhuma tenda
 As minhas Obras ; nem com ellas suão
 As mãos do vulgo , e Hermogenes Tigello.
 Eu excepto aos amigos as não leio ,
 E isso rogado , e não em toda a parte ,
 Nem diante de todos. Muitos se achão
 Que no meio da Praça , que nos banhos
 Os seus versos recitão , resoando
 O cerrado lugar suavemente ;
 Aos vãos porém somente isto deleita ,
 Que não pensão se o fazem com prudencia,
 Se em tempo conveniente. Mas tu dizes

(a) O Author escreveu :

Ora pois , bem que sejas semelhante
 A Celio e Birrho ; ladrões dos mais famosos.

Que eu gosto de infamar, e que isto faço
 Por má inclinação. Tem-te: onde foste
 Tu encontrar quem isto te dissesse?
 Foi por ventura algum dos com que vivo?
 O que mota do amigo, e o não defende
 Quando outro o culpa, o q̄ com seus dicterios
 Causar riso procura nos mais homens,
 E de motejador deseja a fama;
 Que finge o que não he, e que não póde
 O segredo goardar, que lhe fiarão,
 Este, Romano, he máo, delle te goarda.
 Mil vezes n'hum esplendido banquete
 Onde a quatro se fartão em tres leitos
 Os Convidados, hum verás que folga
 De motejar de todos, salvo aquelle
 Que a cea dá: porém tendo bebido,
 Quando o vinho os fechados peitos abre,
 Tambem delle pragueja. Este faceto,
 Urbano, e deleitavel te parece
 A ti, que contrario hes dos maldizentes.
 Eu se brincando rio, porque cheira
 A pastilhas o simples de Ruffillo,
 Gorgonio a raposinhos, te pareço
 Detractor e mordaz. Se de Petillo
 Capitolino alguém narrar os furtos,
 Estando tu presente, a defendello
 Tu logo sahirás, como costumás:
 Capitolino foi desde menino
 Meu commensal e amigo; a meu respeito,
 E por meu rogo obrou não poucas cousas;

Folgo de que elle. viva são e salvo
 Em Roma; mas contudo lá me admiro
 De que livre sahisse do Juizo.
 Aqui da negra lula está o succo,
 Aqui he o veneno, cujo vicio
 (Se prometter eu posso alguma cousa)
 Que longe sempre esteja de meus versos,
 E inda mais de meu animo prometto.
 Se mais livre disser alguma cousa,
 Se mais jocosa, salva a tua graça,
 Dar-me-has de fazello assim licença.
 Meu pai me ensinou desde menino
 Dos vicios a fugir com os exemplos:
 Se a viver me ensinava frugalmente,
 Olha, dizia, como o filho de Albo
 Vive infeliz, e Barro pobremente:
 Exemplos para que ninguem se atreva
 A dissipar o herdado patrimonio.
 Se do sordido amor das Meretrizes
 Espantar-me queria, semelhante
 A Sectano não sejas, me dizia.
 Para fugir do vicio de adulterio,
 Quando hum licito amor gozar podia,
 Olha, me repetia, de Trebonio
 A má fama, que nelle foi achado.
 Os Sabios a razão, e mais as causas
 Do que buscar se deve, ou esquivar-se,
 Melhor te explicarão; a mim me basta
 Se em quanto tu de guia necessitas,
 A praticar te ensino os sãos costumes,

De nossos bons maiores derivados ;
E posso sás e salvas detender-te
A vida e mais a fama : quando a idade
For crescendo , e com ella juntamente
Nos membros fores e animo crescendo ,
Nadarás sem cortiças. Desta sorte
Desde a infancia me foi instituindo ;
E ou fazer me mandasse alguma cousa ,
Para assim o fazer tens bom exemplo
Elle dizia , e logo me apontava
Hum dos Juizes mais graves e sisudos :
Ou já m'a prohibisse , desta sorte
Me instigava : que ! ser isto mal feito
Inutil , vergonhoso tu duvidas ,
Quando a fulano ves , ves a sicrano
Pelo obrarem de todos diffamados ?
Bem como do vizinho sohe a morte
Ao doente assustar , e com o medo ,
Que della lhe resulta , se refrea
De quebrar a dieta regulada ;
Assim os tentos animos dos vicios
Affugenta talvez o alheo opprobrio.
Assim eu d'esta forma são e salvo
D'aquelles , que estragar sohem os homens,
A vida vou passando ; e se alguns tenho ,
São mediocres , que tu escusar deves.
Quiçá que muitos destes vá tirando
A longa idade , hum bom austero amigo ,
A propria reflexão. Eu mesmo quando
Ou na cama me deito , ou me entertenho

Passeando nos Porticos , não deixo
 De comigo pensar : he melhor isto ,
 Melhor vida terei assim obrando ,
 Aos amigos assim serei mais grato ,
 Alguns (porém não bem) est'outro fazem ,
 E serás tão sem siso , que os imites ?
 Isto entre mim calado considero ;
 E se vago talvez algum instante
 Tenho , escrevendo zombo , e me divirto.
 Hum dos mediocres vicios , de que acima
 Já te fallei , este he. Se o não perdoas (a),
 De Poetas virá hum grande bando
 (Porque sem conto são) em minha ajuda ;
 E assim como os Judeos , te obrigaremos
 A entrar contra vontade em nossa Seita.

(a) O Author escreveo Já te fallei he este &c.

ELEGIAS.

Sobre o Terremoto de Lisboa.

*Esta Elegia no Original de Coimbra
consta de 313 versos; na terceira Collec-
ção he que o Poeta a encurtou e corrigio
da forma por que agora se imprime.*

AI que funesto objecto, e que horroroso
Estão aos tristes olhos off'recendo
As ruínas, que observo lagrimoso!

Que enorme confusão! que estrago horren-
Onde a idea esmorece, e duvidando (do!
Quasi fica do mesmo, que está vendo.

Será este, que absorto estou notando,
O misero destroço de Corintho,
Ou de Numancia o estrago miserando?

Das ruínas no immenso laberinto
Do que forão os lugubres fragmentos
Hum sinal vejo apenas mal distinto.

Batidos do furor dos elementos

ELEGIA I. 75

Por terra , e em terra vil jazem tornados
Os Palacios , Theatros , e Conventos.

Os montes de si mesmos despenhados
Dobráo o espanto , dobráo os temores ,
Em montes de ruinas transformados.

A parte , que do incendio , dos tremores
Resistio aos impulsos , debruçada
Ameaçando esta novos horrores.

Em tão feo espectaculo tornada ,
Quem pôde conhecer-te , oh populosa
Do Lusó Imperio Corte celebrada !

Ai ! de que te valeo o ser famosa
Desde o Atlantico mar ao mar da Aurora ,
E por tantos triunfos gloriosa ?

Que de tantas Nações o ser senhora ?
Se n'hum ponto por terra derrocada
Esquetero de horror jazes agora.

Das entranhas da terra a fronte irada
O sultureo vapor subito alçando ,
N'hum ponto só te reduzio a nada.

Ai que scena de horror ! que aspecto infando
A' consternada idéa me apresenta
Esse instante fatal e miserando !

De horror me cubro, quando a voz intenta
O estrago memorar, quando contemplo
Da grão Lisboa a destruição violenta.

Cae os Altares, cae o Santo Templo,
Deixando nas ruinas sepultados
O povo e Sacerdotes: triste exemplo!

Os que escapão do estrago, desmandados
Pelas ruas errando, ficão nellas,
Huns vivos, outros mortos, enterrados.

A cada passo timidas Donzellas,
Até das que ao Senhor são consagradas,
Ferem com altos brados sol e estrellas.

Qual a banda das pombas, que espantadas
Alção sem tino o vôo temeroso,
Sem tino errando vão descabelladas.

Junto da cara Esposa cae o Esposo;
O filho junto ao Pai, a quem corria
De entre as ruinas a salvar piedoso.

Mas ai que a maior mal o mal subia!
Pois d'humã parte as ondas, d'outra o fogo
Dobráo dos infelices a agonía.

N'horror de tantos males desafogo
Ao consternado povo lhe não resta,

E L E G I A I. 77

Mais que clamar ao Ceo com pranto e rogo.

Qual de deserto monte na floresta
A pequena faisca despresada,
Que c'o vento se accende, e o mato cresta ;

E d'hum tronco saltando accelerada,
N'outro tronco redobra a vehemencia,
Té em cinzas deixalla transformada ;

Tal na infeliz Cidade com violencia
D'hum edificio n'outro hia saltando
O incendio assolador sem resistencia.

Em tanto de seu seio o mar roncando,
Em serras sobre as praias se lançava,
A muitos nas entranhas sepultando.

Em toda a parte o estrago se augmentava,
Em toda a parte o susto, em toda o espanto
Em mil formas a morte apresentava.

Mas ai que ao recordar destroço tanto
O sangue se me gela, e palpitante
Me sinto suffocar em largo pranto.

Tu que passas veloz, oh caminhante,
Cheo de piedoso sentimento,
Detem os passos por hum breve instante.

Repara neste estrago , e observa attento
Essas ruinas , que em silencio triste
Cada huma te está dando hum escarmento.

Se em tempo mais feliz acaso viste
Da opulenta Lisboa a magestade ;
Vê de tanta grandeza o que hoje existe.

Apenas restão da infeliz Cidade
Humas leves reliquias , que ficarão
Para dar desenganos á vaidade.

Os Templos , e Palacios que custarão
Tanto estudo , e primor á Architectura ,
Vê como em pó , em nada se tornarão.

Olha bem , e comigo conjectura
Que se até falta aos marmores firmeza (a) ,
Que firmeza terá mortal ventura.

Assim por terra cae toda a grandeza ,
Sem que a livralla baste esforço ou arte
Da lei commum da fragil natureza.
Pois viste o grão destroço , chora e parte (b).

Ministério do ...

(a) O Author escreveu a firmeza.

(b) O Author escreveu E pois viste &c.

E L E G I A II.

Acha-se no Original de Coimbra no meio d'hum obra, que o Author havia começado a escrever em prosa e verso, á semelhança da Lusitania Transformada, e a que pôz por título Jornadas.

Lá onde o rio Lima socegado,
Cortando os campos cheos de verdura,
Corre a pagar tributo ao mar salgado,

Hum bosque se levanta, onde se apura
A sabia Natureza em seus primores,
Que dos Elysios Campos he figura.

Alí se vem nascer entre outras flores
O vaidoso Narciso, que inda agora
Em as agoas contempla os seus amores.

O Jacinto infeliz, que Febo adora,
Clicie, que a luz do sol segue constante,
E o moço, por quem Venus inda chora.

Junto da madresilva tão fragrante,
Do roixo cravo, da purpurea rosa,
Que a Cytherea deve a cor brilhante,

Crecendo a murta está verde e cheirosa,
Que á bella Mãi de Anteros consagrada
A croa lhe teceo da mais formosa.

O amor perfeito, flor que tanto agrada,
Entre os martirios nasce, entre os azares,
Que inda em flor delles crece rodeada:

Andão na selva os passaros aos pares,
Voando d'hum raminho a outro raminho,
De suave harmonia enchendo os ares.

Em quanto o simples tordo tece o ninho
Para os implumes filhos, o sustento
O negro merlo leva no biquinho.

Alí em brandas queixas rompe o vento
A doce Filomena, que inda sente
Do barbaro Tereu o atrevimento.

O niveo cisne junto da corrente
De seus cantos se apura na cadencia,
Para a morte esperar suavemente.

Do vario pintasirgo em competencia
A casta rola sente lastimada
Do roubado consorte a dura ausencia.

No ramo d'hum faia levantada
Em doces giros com arrulho brando

ELEGIA II. 81

Busca o parceiro a pomba namorada.

A melifera abelha susurrando
 Colhe das lindas flores o rocio,
 Que vai em doces favos transformando.

Dos verdes montes a buscar o rio
 Descem muitos regatos d'agoa pura
 No inverno ou primavera, outono ou estio.

Na grata solidão desta espessura
 Louro fui pastor de manso gado,
 Em quanto o permittio a sorte escura.

Tanto das bellas Ninfas celebrado
 Quando a armoniosa Cithara tangia,
 Como dos Pegureiros invejado.

Em socego feliz, feliz vivia
 Logrando em paz a dita verdadeira,
 Porque inda as leis d'Amor não conhecia.

Ou no baile, ou na luta, ou na carreira
 De tal sorte os cuidados empregava,
 Que a todos levei sempre a dianteira.

Em quanto nesta vida me empregava (a),
 Tom. IV.

(a) O Poeta não reparou na repetição buçiosa da palavra empregava.

Nos olhos da bellissima Licea
As ruinas Cupido me traçava.

Colhendo hum dia conchas d'entre a arêa,
Quando o Sol s'escondia no Occidente,
Este prodigio vi da nossa Aldea.

Abrasado d'amor em continente
A vida lhe rendi, e a liberdade
Envolta d'alma n'hum suspiro ardente.

Vio a Ninfa o meu mal, e a piedade
De meus extremos e ancias commovida,
Jurou de minha ser sua vontade.

Tão fortemente huma alma a outra unida
Ficou, que em nós parece se não dava
Mais do que huma alma só, huma só vida.

D'ella nem hum instante me apartava,
Que nem o Deos frecheiro o consentia,
Nem a vida sem vella me agradava.

Apenas o almo Sol apparecia
Com seus raios dourando o horizonte,
Quando hum d'outro buscava a companhia.

Levavamos o gado para o monte,
Até que por passar a ardente sesta
Buscavamos alguma clara fonte.

ELEGIA II. 83

Alí com a Pastora em doce festa
Lograva venturoso aquellas glorias,
Que Amor aos seus subditos empresta.

Alí (mas ai de mim! que estas memorias
Em meu damno as conserva o pensamento
Porque me matem ditas transitórias)

Alí me reperia o juramento
De minha ser, em quanto conservasse
De vida tão gostosa o doce alento.

E porque a mais a gloria se elevasse,
Outras vezes com ancia me pedia
Que sobre o branco peito me encostasse.

Quantas vezes suspenso no que via,
Receei que as venturas, que lograva,
Fossem só illusão da fantasia!

Com menos ancia a vide se enlaçava
No verde olmo apertando os fortes laços,
Com que no amado tronco se enredava;

Do que nós em suavissimos abraços
Entre alternadas ancias e suspiros
Formámos a prisão de nossos braços.

Oh quantas vezes em amantes giros
De nossa gloria as aves invejosas

Alternarão d'Amor os doces tiros de liza

Oh quem contar pudéra as amorosas
Palavras, as lisonjas, a ternura,
Que o nosso puro amor fez tão gostosas!

Contempla tu, Pastor, se por ventura
Poderá idear a fantasia
Huma vida mais chea de doçura.

Era tudo prazer, tudo alegria
Em quanto se empregava o pensamento,
Sem sombra de pesar, ou agonia.

Quando a sorte mudando o movimento
A' roda, converteo tirannamente
Tanta dita em tão aspero tormento.

Selvagio, Pastor rustico e inclemente,
Que apprendera dos montes a dureza,
Onde o gado goardára antigamente;

De Licea admirando a gentileza,
Deixava de seguir o mesmo gado,
Somente por seguir sua belleza.

Mas vendo os seus serviços despresado,
Como cruel mudou de pensamento,
Em odio todo o affecto transformado.

Hum dia quando o Sol seu luzimento
Começava a esconder, e a noite escura
De nuvens vinha enchendo o Firmamento;

Eu e a minha Pastora da espessura
O gado recolhiamos contentes,
A Amor rendendo graças e á ventura.

Quando d'entre huns penhascos eminentes,
Que fazião sombrio o verde prado
Com os ramos das arvores pendentes,

Vejo sahir hum vulto todo armado,
Que em direitura a nós vinha correndo,
De quatro ou cinco mais acompanhado:

E com a bella Ninta arremetendo,
Agarrando-a veloz entre os seus braços,
Se foi por entre as penhas escondendo.

Qual o tigre feroz, que em duros laços
Lutando o filho vê, que em vão se cansa
Por desfazer da rede os embaraços.

Impaciente bramindo não descança,
Té que pelo livrar, com ancia forte
Entre as mesmas prisões cego se lança;

Nas quaes experimentando a mesma sorte,
Se não pôde evitar-lhe o cruel dâno,

O acompanha fiel na triste morte :

Assim eu vendo presa d'hum tiranno
A prenda , que meu peito tanto amava ,
Envisto aos companheiros cego e insano.

Mas debalde o cajado manejava ,
Pois das flechas fiquei todo ferido ,
Que cada hum contra mim arremessava.

Até que de vigor destituido
Pela copia de sangue que vertia ,
Cahi na verde relva sem sentido.

Quando a rosada Aurora apparecia ,
(Oxalá consentira o duro Fado
Mais não tornasse a ver a luz do dia !)

Tornando a respirar , me vi deitado
Na minha pobre choça , dos Pastores
De todo aquelle valle acompanhado.

Contarão-me ali , como os goardadores
Me encontrarão na selva sem alento ,
Regando com meu sangue as brancas flores.

Disserão-me tambem (oh que tormento !
Oh como agora aviva a fantasia
As imagens cruéis do sentimento !)

o onsb lento o onsb lento o onsb lento o onsb lento

Que nem da bella Ninfa se sabia,
Nem de Selvagio, e só alguns cuidavão
Que com ella a outros campos fugiria.

Se minha alma estas novas trespassavão,
Tu, gracioso Pastor, o considera,
Pois sabes o quanto ellas me tocavão.

Quantas vezes pedi á Morte fera
Que eternamente os olhos me cerrasse!
Mas era vão o que anela hum triste espera.

Oh quantas desejei que se tornasse
Em veneno mortal a medicina,
Porque esta inteliz vida se acabasse.

Mas como a dura sorte determina,
Conservar-me huma vida, que não quero,
Para desgraça maior, maior moína;

Tanto o mal abrandou o impulso fero,
Que as feridas em breve se cerrarão
Com aservas do Magico Sincero.

Mas tão impressas n'alma me ficarão
As memorias do bem, por quem morria,
Que a buscar outras selvas me obrigarão.

Dos Pastores deixei a companhia,
E o rebanho perdido na montanha,

Dos lobos todo entregue á furia impia.

Não ha monte, nem bosque, nem campanha,
Que não tenha confuso recorrido,
Por ver se acho meu bem em terra estranha.

Mas de nada até aqui me tem servido
Mais do que andar a relva alimentando
C'o pranto, que os meus olhos tem vertido.

Vou por montes e valles suspirando,
Qual anda pela serra a res perdida,
Com mugidos as penhas abalando.

E como vive já destituida
Minha alma d'esperanças desta sorte,
Só busco onde acabar a amarga vida,
Se he que ha para infelices tambem morte.

AS METAMORPHOSES.

In nova fert animus mutatas dicere formas
Corpora.

Ovid. 1. Metamorph.

Estas Metamorphoses são desconhecidas em todas as antigas Collecções, excepto a 11. que vem na *Vimieirensis*. O Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo foi o primeiro que nos communicou de todas ellas huma Cópia bastante imperfeita e errada, a qual depois corrigimos á vista do proprio Original do Author que conserva o Ex.^{mo} Senhor Luis Beltrão de Gouvêa. Tambem nos Apontamentos originaes, que já algumas vezes temos mencionado, se achão as doze Metamorphoses; e ainda que a sua lição seja mais antiga, e menos apurada, que a do ultimo Original, não deixámos de a seguir n'alguns lugares, em que evidentemente ella se devia preferir.

De esta

De esta

SAOTEJUCA.

METAMORPHOSE I.

Ao Senhor Luis de Figueiredo.

ENtre os soberbos montes, que formando
 Em seu ameno dilatado seio
 Do Rio a graciosissima bahia, (brão,
 Do mar, que em vagas muge, a furia que
 N'humã densa floresta, que se eleva
 De alcantilada serra sobre o cume
 A's altas nuves, tinha seu alvergue
 Tejuca, do Brazil formosa Ninta.
 Desde a primeira idade desprezando
 De Minerva os estudos, suas artes,
 Suas delicias erão pelas selvas
 Seguir as montarazes brutas feras.
 De mil graças em vão, de mil encantos
 Seu gentil rosto, seu airoso talho
 Ornára liberal a Natureza:
 Em vão ante seus olhos, sacudindo
 As luminosas teas, em mil giros
 Voa o casto Hymeneo, Cupido voa,
 De extremosos amantes os suspiros
 A seus pés offertando; que Tejuca
 Em seus feros prazeres embebida,
 Da caça á ambição tudo pospunha.

Na estendida Comarca não existe,
Nem em seus arredores agra serra,
Ou fechada floresta, impenetravel
De seus tragueiros pés a ligeireza:
Os ares não cruzava veloz ave,
Ou o mato intrincado brava fera obria o
Segura de seu arco aos prontos tiros,
Por mais que a Natureza em vão a armasse
De agudas presas, de ligeiras penas:
De seu valor e sua formosura
Em breve pelos circunstantes bosques
A fama se espalhou, e não havia
Algum habitador d'aquelles matos,
Que os despojos render-lhe não viesse,
Como a Deidade tutelar das selvas,
Das mortas aves, das rendidas feras,
Diana em tanto, que invejosa olhava
Suas aras sem culto, sem offrendas,
Contra Tejuca de cruenta sanha
Vingativa se armou. Ah como cabem abor
Nos animos celestes tantas iras!
Hum dia pois que a Ninfa trabalhada
De render a seus pés aves e feras,
D'hum cristallino corrego nas margens
Ao som de suas agoas adormece;
A hum Fauno hirsuto manda, que lhe furte,
Em quanto ella dormia, setas e arco
D'hum ramo onde pendentas as deixára.
Então vendo-a sem armas, do mais denso
Da intrincada floresta prontamente

Contra a innocente, descuidada Ninfa
 Hum faminto, açodado Tigre envia;
 Que sobre a preta fita a accessa vista,
 A devoralla corre, e com a furia
 Estalar faz os troncos, qu' encontrava.
 Ao ruido assustada accorda a Ninfa;
 E ao ver a voraz fera, a mão estende
 Ao ramo onde seu arco pendurára.
 Mas qual seu pasmo foi, quando o não acha!
 Outro meio então vendo lhe não resta
 Para a vida salvar, mais do que a fuga,
 De seus pés se encommenda á ligeireza.
 Corria tão veloz que o leve vento
 Mal pudéra igualar sua carreira.
 Já grande espaço a famulenta fera
 Deixava atrás de si, e já se cria
 Livre de seu furor, quando na borda
 D' improvise se vê d' huma alta rocha,
 Que n' hum valle profundo se despenha,
 Toda talhada a pique. Neste instante
 Quem poderá dizer qual de Tejuca
 Foi a grande afflicção, foi o desmaio!
 D' huma parte vibrando as curvas garras
 Já quasi sobre si o Tigre via;
 Ante seus olhos da outra contemplava
 N' hum cego abismo aberta a sepultura:
 Não ha a quem se accorra mais que aos Deos
 E aos Deoses se volvia: fita a vista (ses,
 No Ceo, aos Ceos as palmas estendendo,
 Entre tristes soluços assim clama:

Se a vós, immortaes Numes, algum dia
 Chegou de mínhas victimas o cheiro,
 Apiedai-vos de mi, Numes, valei-me.
 Disse, e subitamente de seus olhos
 Em borbolhões rebentão duas fontes:
 Pelo nevado collo gotejando
 Os seus soltos cabélllos se convertem
 De cristallino humor em longos fios:
 Dos estendidos torneados dedos
 Ao mesmo tempo aos livres ares pulão;
 Borrifando de em torno as verdes plantas,
 Outros tantos esguichos de agoa clara:
 E em dous ferventes jorros pouco a pouco
 Resvalando lhe vão os pés formosos.
 Em fim, qual d'alta serra a branca neve
 Com os raios do Sol cae derretida,
 Despenhando se vai pela agria serra
 Toda em agoa Tejuca transmudada;
 Que junta lá no valle, o Rio forma,
 Que da Ninta inda tem o antigo nome;
 E girando qual serpe tortuosa
 Por entre o denso mato, está mostrando
 O grande amor, que viva ás selvas tinha.

Esta, meu caro Lisio, he da Tejuca
 A famosa Cascata. Se tu queres,
 Em quanto em paz de Nemesis descança
 A balança fiel, alí podemos
 Das Musas na suave companhia
 Alguns dias passar em util ocio.

O CRISTAL E O TOPAZIO.

MÉTAMORPHOSE II.

Ao Senhor José Antonio da Silva,
Assistente na Capitania de Pernambuco.

Inda no seio da espumosa Thetis
A's atrevidas pròas se occultava
Da madre Terra a quarta parte nova ;
Quando em seus campos graciosa Ninta ,
Seguindo as feras , fatigava os bosques.
Cristalia era o seu nome , e a mais formosa
Que até hoje pisou o novo mundo.
Mais alvos do que a neve , que nos Alpes
Congela o frio vento , erão seus membros :
Nas lindas faces , na engraçada boca
Dos cravos e das rosas a còr viva ,
Dos olhos doce encanto , lhe brilhava :
E sobre o collo de alabastro fino
Em crespos fios de ouro lhe ondeava
O comprido cabello solto ao vento.
Amor travesso , que em seus olhos mora ,
Tão vivas chamas delles despedia ,
Que nelles sem allivio se abrasavão
Os tristes corações de mil amantes.
Em fim era Cristalia tão formosa ,

Que inveja a Mãe de Amor fazer podia.

Hum dia, que de agudo dardo armada
Com seus cães denodada perseguia
Hum mosqueado Tigre na floresta,
A vio passar hum rustico Silvano,
(Quanto melhor lhe fora, se a não virá!)
Que habitava o horror d'aquelles matos.
Topazio se chamava, e era tido
Entre os Silvestres Deoses do contorno
Pelo mais sabio em grande acatamento.
Vio-a, e vella e aderalla foi o mesmo.
Desde este ponto o triste hum só instante
Não deixou de seguir suas pisadas.
Em vão tentou com lagrimas e rogos,
Em vão com tristes dons mover o peito
Da dura Ninfa, mais que os montes dura.
Em bravissima costa alto rochedo
Tão firme não resiste ás duras vagas
Do mar, que em flor rebenta em suas abas;
Como a tragueira Ninfa resistia
A's tristes magoas, ao continuo pranto
Do importuno Topazio. Quantas vezes
Dos mortaes invejou o triste a sorte,
Desejando acabar a infeliz vida!
Mas a lei dura pelo Fado escrita
Em rigido diamante, lhe embargava
Este misero allivio. Quantas vezes
Ao Amor se queixou da ingrata Ninfa!
Mas o travesso Deos, que por deleite

Os corações amantes atormenta ,
 Que de pranto e de sangue se não farta ,
 Outras tantas se rio de suas queixas.
 Desenganado em fim de achar remedio ,
 Servindo e suspirando , a seu tormento ,
 Tentar manhoso a força determina.
 Ah rustico Topazio , a que te arrojas !
 Tem-te insano , suspende a dura força !
 Suspende ! que infeliz te precipitas !
 Ternos suspiros , lagrimas ardentes ,
 Brandos rogos , invicto soffrimento
 As fortes armas são , que só sogeirão
 Rebeldes corações de ingratas Ninfas.
 Ai ! que se ellas não bastão , nada basta.

Junto de hum claro rio , que corria
 Bordando com mil giros a campanha
 De fragrantes boninas , se elevava
 Hum frio bosque de arvores sombrias ,
 Onde os campestres Deoses n'alta noute
 Com os Faunos foliões recer costumão
 Ligeiras , graciosissimas coréas.
 Aqui as verdes folhas encrespando
 Serena viração c'o fresco bato ,
 Aqui cantando nos confusos ramos
 Mil passaros de mil diversas côres ,
 Doce paz , doce sono detramavão.
 Aqui pois huma sesta , fatigada
 De seguir pelo mato as bravas feras ,
 De suor e de sangue salpicada

A repousar Cristalia se retira,
 N'hum ramo dependura o eburneo arco,
 N'outro o buído dardo, e sobre a aljava,
 Innocente do mal, que ali a espera,
 O lindo rosto mansamente inclina.
 Em breve espaço lisonjeiro sono
 Os membros lhe occupou. Então Topazio,
 Que idonea occasião anda espiando
 Para suas traições ha longo tempo,
 Com ella arremeteo, e os tenros braços
 Com seguras cadêas, que tecera (a)
 De floridas vergonteadas, manso, manso
 A huma arvore vizinha lhe prendia.
 Seguro da victoria, e em voraz fogo,
 Que as entranhas lhe corre, todo ardendo,
 O Silvano insoffrido se dispunha
 De seus desejos a tocar a meta;
 Quando a Ninfa accordou, e ao ver-se presa,
 Do lascivo Topazio ao ver a furia,
 Desbotadas do rosto as vivas rosas,
 Palpita, e semiviva aos Ceos levanta
 Os bellos olhos, porque as mãos não póde;
 E com cortada voz assim exclama:
 Oh Deoses! Se entre vós algum assiste,
 Que dos tristes mortaes cuidado tenha,
 D'huma innocente mova-vos a sorte (b),

Tom. IV.

G

(a) Falta este Verso no ultimo Original.

(b) Falta este Verso, no ultimo Original.

A virginal pureza defendei-me.
Disse, e subitamente (caso estranho !)
Os delicados membros se lhe gelão ,
E em transparente pedra se convertem ,
Sem que da antiga alvura nada percão.
E qual candido jaspe , a quem deo vida
De Polycteto , ou Fidias a mão destra ,
Tal ficà a bella Ninfa. Largo espaço
Espantado do subito prodigio ,
Immovel fica o misero Topazio ;
Mas logo que em si torna , sobre o collo
Do adorado Cristal se precipita :
Com terno pianto o rega , e ardentes beijos
Na fria pedra suspirando imprime.
Logo em crueis imprecações horrendas
Se volve contra Amor; d'hum tigre Hyrcano,
De huma Marpesia rocha filho o chama :
O seu arco detesta e suas frechas.
Depois ao Ceo se torna , e em seus delirios
De quando em quando repetir se ouvia
Com ternas vozes de Crisialia o nome.
Em fim taes cousas fez , taes cousas disse ,
Que os Deoses lastimados de seus males ,
A dar-lhe algum remedio se movêrão.
Louco , sem tino á pedra se voltava ,
E os pés endurecidos se lhe travão.
Os braços a abraçalla afflicto estende ,
E os braços estendidos se endurecem.
Frio gelo lhe corre pelas veias ,
E o sangue pouco e pouco lhe coalha.

Cristalia quer chamar, e a fria lingua
 Dobrar não pôde. Em fim desta maneira
 Ficou também o misero Topazio
 Todo em pedra tornado, que inda goarda
 Na cõr a pallides do afflicto rosto:
 E junto d'hum penedo outro penedo.

Graciosissimo Silvio, tu, que habitas
 Os ricos campos, que pisarão vivos
 A bella Ninfa, e o desgraçado amante;
 Onde ainda depois de tantos annos
 Em finas pedras convertidos brotão:
 Se do pobre Museo do teu Elpino
 Inda cuidado tens; ah! tu com ellas
 Cuida, amigo, também de enriquecello.
 Que as Nintas de Permesse, que mil vezes
 De entrar em meu alvergue se não peção,
 Ao som da minha Lira descantando
 Levarão ás Estrellas o teu nome.

A MARIPOSA.

METAMORPHOSE III.

A Marilia.

Houve nos priscos tempos huma Ninfa
 Sem igual na belleza e na esquivança;
 Mariposa seu nome, e seus costumes
 Erão o desprezar d'Amor a chama,
 Ainda que Hymeneo em suas aras
 Innocente a tornasse; disto alarde,
 E disto se jactava a crua Ninfa.
 Hum dia, que no templo de Diana
 A casta Deosa offerta em sacrificio
 De castas açucenas hum cestinho,
 Acaso ali a vio hum gentil moço,
 E desde este momento não occupão
 Seu terno coração mais que a belleza,
 Mais que as graças da linda Mariposa.
 Os dias sem repouso consumia
 Ou vendo a Ninfa, ou vella procurando:
 E as noutes contemplando desvelado
 De seu mimoso rosto nos encantos:
 Ou se acaso durmia, a sua imagem
 Em ledos vendo mentirosos sonhos.
 Desta arte longo tempo o triste passa,
 Seu fogo alimentando na esperança

De poder inda hum dia ser ditoso. O
 Mas on quanto se engana! que esse monstro,
 Que Amor os mortaes chamáo, que tiranno
 Por arte e natureza se deleita
 Dos tormentos que atura quem o abriga
 Dentro em seu coração; ferindo injusto
 Seu peito com a seta de ouro fino,
 O da Ninfa ferio com a de chumbo,
 A' innata resquivança accrescentando
 O rancor, que nas almas ella gera,
 Que excessos neste tempo o terno amante
 Não obrou! que promessas, e que rogos,
 Não fez e não jurou! Que dons mimosos,
 Que lagrimas aos pés da ingrata Ninfa,
 Não offertou constante! mas debalde,
 Que a cruel Maniposa endurecida,
 Seus rogos e seus prantos escutava
 Qual ouve bronca penha em brava costa
 Roncando do irado mar as altias vagas,
 De sua infausta estrella conhecendo
 Então o influxo, e em fim desesperado
 De poder amolgar da moça esquiva
 O duro peito, mais que o aço duro;
 Nas mãos de huma mortal melancolia
 Lentamente se entrega, e pouco e pouco
 Seus membros e seu rosto, que excedião
 Na viveza da còr as vivas còres
 Da branca flor da alfena e das papoulas,
 Da còr se cobrem, que os junquillos cobre
 As carnes se lhe mirrão e se encrespão.

Os olhos se lhe encovão, e lentamente
 Deste modo o infeliz se foi finando ;
 Até que finalmente afflicto entrega a seu
 Nas mãos do fero Amor a mesta vida ;
 Sendo da Ninfa o nome a voz extrema
 Que sahir se lhe ouviu da boca fria.
 A' triste nova do fatal successo
 Que fatia a tiranna? Por ventura só O
 De ternar compaixão algumas mostras
 Deo o seu coração, derão seus olhos?
 Não : antes de cruel vaidade chegado
 A gozar se dispoz c'os proprios olhos
 Do lugubre troféo, que Amor alçava
 A' sua formosura, e aos seus rigores.
 A ver pois do mancebo desditoso
 A pompa funeral insana parte,
 Mas Nemesis severa, que vigia
 Dos mortaes as acções justas e injustas,
 E que jamais sem pena, ou premio deixa
 Merecimento e culpa, a Amor incita
 Que crueza tão fea em fim castigue,
 Que as setas despedindo, o peito fira
 Da esquiva moça com a ponta de ouro.
 Já sobre a pita o feretro se via,
 Quando a Ninfa chegou; e ao pôr os olhos
 No miserando corpo, a deterer-se
 A neve entrou, que o coração lhe gela.
 Alguns surdos suspiros quasi á força
 Do tundo de seu peito lhe rebentão.
 Em vão quer suffocallos, que sua alma

Tardo arrependimento já occupa,
 Quantas vezes então a dura Ninfa
 Comsigo mesma seu rigor detesta!
 Quantas a propria vida dar deseja
 Por tornar outra vez ás vitaes auras
 O mesquinho, que tanto maltratára!
 Treme, soluça, e em mil varios affectos
 Seu coração ondea; porém quando
 A' pira se lançou o voraz fogo,
 E a crescer principia a labareda;
 Quem podera dizer qual sua angustia,
 Qual sua turia foi? perdido o pejo,
 E ás furias de hum amor desesperado
 Toda entregue; de em torno á grão fogueira
 Corre ululando, e em lugubres gemidos
 De si, de Amor, dos Céos, e de seus fados,
 Mas sem fructo, se queixa. Finalmente
 Delirante, frenetica, a lançar-se
 Entre as chamas corria. Mas Diana,
 Cujas aras a Ninfa frequentára,
 De seu grande furor compadecida,
 Desce do Olimpo, e a socorrella vò.
 Já quasi sobre a pira se lançava,
 Quando subitamente se lhe encolhem,
 Alçando-se da terra, os pés e pernas:
 Os braços, que no ar abertos leva
 Para o corpo abraçar do caro amante,
 Encurtando se vão, e a antiga forma
 N'hum momento perdendo, se lhe tornão
 Em curtas leves azas. O seu rosto

O seu formoso rosto , onde outra hora
 Os Encantos morarão , se lhe some ,
 E mal perceber deixa os vivos olhos ,
 Mal a engraçada boca : Em fim desta arte
 Em subtil borboleta ficou toda
 N'hum ponto Mariposa transformada ;
 Borboleta , que o nome inda conserva ,
 Entre muitos , da isenta Mariposa ;
 E que a antiga paixão inda nutrindo ,
 As claras luzes gira ; e alimenta
 De abrasar-se nas chamas o desejo.

Bellissima Marilia , que tiranna
 Ouves meus ais, e os meus ais despresa (a),
 De Mariposa na funesta sorte
 Toma , insensivel Ninta , toma exemplo.

(a) O Poeta estreeve Ouves os meus ais &c.

O CAUHY.

METAMORPHOSE IV.

Ao Senhor Luis Botelho.

Junto das verdes margens, que talhando
 O Paraiba vai com suas agoas,
 Hum mancebo vivia e mais famoso,
 Entre os outros d'aquelles arredores,
 Em brandir com destreza o curvo arco.
 Cauhy era o seu nome; e as suas manhas,
 Seu valor, e seu brio de mil Ninfas
 Erão doce attractivo; mas de todas
 As que dentro no peito mais sentião
 Lavrar este cuidado, huma Itaubira
 Por nome tinha, e a outra era Itaúna.
 Erão ambas iguaes na formosura,
 Ambas no amor iguaes, iguaes na idade.
 Mas o frecheiro Deos, que a seu capricho
 Os que amão faz felices e infelices;
 Quiz que Itaubira entrão fosse a ditosa,
 De seus olhos vibrando a seta ardente,
 Que de Cauhy ferio o isento peito.
 De hum e d'outro os quebrados ternos olhos
 De suas almas forão os primeiros;
 Interpretes subtrís, que declararão
 O vivo incendio, em que ellas se abrasavão.

Mas depois que ao amor cedeo o pejo ,
 E que ousarão fallar-sé ; que ternuras
 Vós solitarios montes , não lhe ouvistes !
 Entre trespassos mil e mil caricias
 Pelos raios do Sol ambos jurarão
 De se amarem fieis até á morte ;
 E á promessa fieis , até á morte
 Com o mesmo fervor ambos se amarão.
 Desta arte longo tempo venturosos
 Em doce paz , em doce amor viverão ;
 Até que o vil crime cruelmente
 Sua doce affeição perturbar veio.
 Quanto , oh infame monstro , mais ditosa
 Sobre a terra seria a raça humana ,
 E quanto de invejar a feliz sorte
 Dos que amão , e igualmente são amados
 Se não toras na terra conhecido !
 Junto das praias , que Helle fez famosas
 N'humã escabrosa tuma , onde morada
 A fria Noute tem , se alverga o monstro ;
 A quem assobiando horrendamente
 Em fea confusão ceruleas cobras
 Guardam a cabeça , e no pescoço
 E descarnados braços se lhe entrosçam
 E o triste coração estão ridoando
 Por entre as cegas , carregadas sombras
 Que a caverna , qual denso fumo inundão,
 Mal se distinguem sem cessar voando
 Espantosas Visões , cruéis Cuidados
 De cem partes soar ao mesmo tempo .

Tristes queixas se escutão, tristes prantos,
 E contra Amor imprecações horribéis;
 Que as naturaes abobadas ferindo,
 Retumbão tristemente, enchendo os peitos
 De espanto e de pavor. Feras Suspeitas,
 Vãos Receos, fallaces Apparencias,
 E as vezes vís Traições, feos Enganos
 Os seus Ministros são, suas espias,
 Por quem o quanto sobre a terra passa
 Entre os amantes sabe, e por quem soube
 A sincera união, a paz gostosa,
 Em que os dias passavão, desfrutando
 D'hum reciproco amor todas as glorias,
 Itaubira e Cauhy. Então disposto
 A turbar dos felices o descanso (a),
 Hum dos duros Ministros, que o rodeão,
 Raivoso chama, e chamejando intima,
 Que as azas despregando veloz parta,
 E da terna Itaubira o brando peito
 Com huma fria cobra, que impaciente
 Attranca da cabeça, o peito fira. A
 Vò a fera Suspeita, e invisivel
 O que o monstro lhe manda fiel cumpre,
 Itaúna, que bem que despresada,
 De seu peito lançar Amor não pôde,
 Escapar não deixava vigilante
 Huma só occasião de apresentar-se
 Sempre louçã do amado moço aos olhos:

(a) O Poeta escreveu dos infelices.

E posto que Cauhy, como quem tinha
 A' formosa Itaubira a alma entregue,
 E com ella as potencias e sentidos,
 Em tal não attentava; a Ninfa bella,
 A quem o coração ferido havia
 A barbara Suspeita, estimulada
 Pelo excesso, que observa em Itaúna,
 Começou a temer dentro em seu peito
 Da rival a belleza, e do mancebo;
 Posto que sem motivo, a inconstancia;
 E desde este momento principia
 (Ah funesto momento !) as acções todas
 De Cauhy a espiar attentamente.
 Hum dia pois que o descuidado moço
 Na selva a caçar foi, como solia,
 Ella por entre o mato o foi seguindo.
 Cauhy depois de haver veloz cansado
 As mais ligeiras feras na carreira,
 Com seu sangue manchandoervas e flores;
 Do calor e do excesso fatigado,
 A respirar hum pouco se retira
 N'humasombria lapa, que se esconde
 No mais denso da selva; onde rebenta,
 Com suave murmurio borbohando,
 Hum grande jorro de agoa cristallina.
 Itaubira, que o doce amante vira
 Embrenhar-se na selva, dentro n'alma
 Crecer sente a suspeita, que lhe finge,
 Que Itaúna a Cauhy ali aguarda:
 E para ver se he certo o que recea,

Para aquelle lugar dirige os passos.
A sua turbação, sua impaciencia,
A pressa, com que corre, lhe não deixão
No ruido attentar, de que era causa,
Movendo impetuosa as bastas ramas
Da intrincada floresta. Neste tempo
O mesquinho Cauhy alboratado
Do subito rumor, e presumindo
Que d'elle origem era alguma fera,
Das armas lança mão. Ah cego moço!
Quanto melhor te fora, se essas setas
Nunca houvesseis tão destro arremessado!
Mas quem pôde fugir de seu destino!
Toma o arco Cauhy, e nelle a seta
Prontamente embebendo, o tiro aponta
Para onde o grão rumor alçar-se ouvia.
Veloz a seta vò, e em continente
Os ouvidos lhe fete hum ai piedoso,
Que de Iraubira ser se lhe figura.
Então largando as setas, pronto corre
Ao lugar d'onde a triste voz sahira.
Mas qual seu espanto foi, quando passada
Da desastrada trecha a Ninfa encontra!
Sobre a terra jazia rociando
As arvores e flores, que a rodeão,
De seu sangue com as roixas espadanas;
E entre crebros soluços exhalando
Da triste vida os ultimos respiros.
Iraubira, Cauhy lhe brada afflicto,
E a Ninfa á força abrindo os turvos olhos,

Que da Morte a pesada mão cerrava,
 Nelle por hum pequeno espaço os fita,
 E a cerrallos eternamente volve.
 Coádo, frio, e qual Marpesia caute,
 Fica immovel Cauhy por algum tempo;
 Mas em tornando em si, desesperado
 Corre a arrancar do peito de Itaubira
 A despiedosa frecha; porque acabe,
 Com ella o coração atravessando,
 Junto da amada Ninfa a amarga vida:
 Mas ao tiralla, vio (cousa espantosa!)
 Que o sangue, que do peito lhe corria,
 Em cristallino humor se transtomava:
 Vio que a pallida Ninfa pouco a pouco
 Se hia derretendo, e em claro arroio
 Toda se convertia. Então absorto
 Primeiro que de todo o lindo corpo
 A antiga forma perca, a abraçallo
 Pela postrema vez chorando corre:
 Mas já entre seus braços não aperta (rega.
 Mais que o cristal, que entre elles lhe escor-
 Então em pé se alçou, e reflectindo,
 Que dos Deoses era obra este portento,
 Aos Deoses roga que jamais permittão
 Que do amado cristal elle se aparte.
 Annuirão os Numes aos seus votos;
 Pois os ligeiros pés subitamente
 A' terra se lhe pegão, e na terra
 Profundamente se lhe vão cravando,
 Em torcidas raizes convertidos:

Os braços se lhe estendem, e se mudão
 Em retorcidos ramos, que de folhas
 Em ramos vestem suas mãos tornadas.
 Os cabellos se eriçáo, e em vergontas
 Da mesma folha ornadas se convertem.
 Asp'ra cortiça lhe envolveo o corpo ;
 E de Itaubira ao repetir o nome
 A boca lhe tapou, e a lingua trava.
 Desta sorte Cauhy ficou tornado
 Em arvore frondosa, que inda agora
 Conserva de Cauhy o antigo nome ;
 E sob a nova formã inda parece,
 Que da antiga paixão se não esquece ;
 Pois se a par d'agoa brota, sobre a mesma,
 Como para abraçalla, os ramos curva.

Tu oh caro Botelho, que soltando
 A' fantasia as azas, vivamente
 Com o subtil pincel imitar sabes
 Da bella Natureza as varias obras ;
 Tu podes, se te praz, com mais viveza
 Tecer em rico quadro a triste historia.
 Eterno assim faremos nosso nome ;
 Tu com as tintas poetizando aos olhos,
 Eu pintando aos ouvidos com palavras :
 Tu com os teus pinceis, eu com meus versos :

O MANACÁ E O BEIJA-FLOR.

METAMORPHOSE V.

A Ismenia.

(cerra
NHum dos largos certões , que em si en-
 Do Brazil o opulento e vasto Imperio ,
 Vivião huma Ninta e hum mancebo ,
 Na idade iguaes , iguaes na gentileza.
 Das Ninfas , que habitavão o contorno ,
 Ella era a mais formosa , e o mais geitoso
 De todos os mancebos da comarca
 Era o moço gentil. A linda Ninta
 Manacá se chamava , e do mancebo
 Colomim era o nome. Desde a infancia
 Ambos juntos em doce companhia
 As selvas frequentavão , ora ás aves
 Armando subtis laços , ora aos peixes
 Com mentirosas iscas enganando.
 O genio , o gosto , o trato , a semelhança
 Entre ambos tal amor gerado havia ,
 Que hum sem outro hum minuto , hum só
 Respirar não podia : par mais bello (instante
 Nunca com seus grilhões Amor atára.
 Hum dia , que da caça fatigados ,
 A' sombra de hum coqueiro corpulento

Em doce paz repousão ; de entre o mato (a)
 Com grão rumor rangendo os rijos dentes,
 Escumando e grunhindo sãe furioso
 Cerdoso javali , que a elles corre.
 Colomim velozmente se levanta ,
 E ao arco se lançou : mas ai ! que em quanto
 A voadora seta nelle aponta ,
 E o tiro despedio , a cruel fera
 Em Manacá o curvo dente emprega.
 Cae morto o javali , e juntamente
 Cae Manacá por Colomim chamando.
 Em vão em seu soccorro o triste corre ,
 Que a sombra triste da espantosa Morte
 Já seus olhos eclipsa , e nos seus braços
 Exhala a Ninfa os ultimos alentos.
 Mofoño Colomim , que fria ponta
 De buído punhal neste momento
 Teu peito trespassou ? pallido , exangue ,
 A quem então o visse parecera.
 Mais que hum vivente , de amarello buxo
 Alguma estatua immovel ; mas tornando
 Pouco depois em si de seu trespasso ,
 Quem poderá dizer qual sua angustia ,
 Quaes suas ancias forão ! Derretido
 Em dor o coração , dos turvos olhos
 Duas fontes rebentão , e rebentão
 Do fundo de sua alma oh que suspiros !

Tom. IV.

H

(a) O Author escreveu: repousavão.

Então a Ninfa nos seus braços toma ,
E sobre o frio rosto derramando
De copioso pranto huma torrente ,
Entre soluços mil , que o suffocavão ,
Manacá , Manacá sem tino brada.
Desenganado em fim de sua morte ,
Mesquinho a si , mesquinhos os seus fados ,
Cruéis os Ceos , cruéis os Deoses chama.
E a Manacá volvendo , entre seus braços
O frio corpo ternamente aperta ;
E no pallido rosto , e mãos mimosas (a)
Arduentes beijos sem cessar imprime.
Quando subitamente á dura terra
Da morta Ninfa as delicadas plantas
Tenaces se arreigirão , e entre os braços
Do afflicto Colomim em pé se eleva ,
Em linda flor tornada ; flor que goarda
Em suas roixas e singellas folhas
Da Ninfa a singelleza e o roixo sangue ,
E della tem de Manacá o nome.
Não muda Colomim de sentimento ,
Inda que em flor fragrante convertida
A amada Ninfa veja , antes se conta
Que tres dias inteiros , e tres noutes
Do sustento esquecido allí passára ,
Regando a nova flor com terno pranto ,
E fazendo soar com seus gemidos
A calada floresta ; em tantas mágoas

(a) O Poeta escreve e as mãos mimosas.

Não tendo mais allivio , que a miudo
 Beijar a flor mimosa : até que os Deoses ,
 De seu mal condoídos , o convertem
 Em leve passarinho : pois n'hum ponto
 A grandeza perdendo , se lhe cobre
 O attenuado corpo de mil penas ,
 Que de cores diversas esmaltadas ,
 São dos olhos , que o vem , gostoso encanto.
 As pernas igualmente se lhe encolhem ;
 E nos pés diminuindo-se-lhe os dedos ,
 Rebentão logo retorcidas unhas.
 Os braços se lhe tornão leves cotos ,
 Que cobrindo-se vão de subtís plumas ,
 E da boca lhe são hum corneo bico.
 Desta arte ficou todo transformado
 O infeliz Colomim ; mas nesta forma
 De beijar não deixou a flor mimosa ;
 Costume , que conserva ainda agora ,
 Pois as tremulas azas sacudindo
 Desce ligeiro sobre as lindas fiores ,
 E a miudo huma e outra vez as beija ,
 Donde de Beija-flor tomou o nome.

Formosissima Ismenia , tu que deixas
 Pelos desertos montes a Cidade ,
 E ha tanto nelles retirada vives !
 Contempla o triste caso ; e reflectindo
 Que não ha na Cidade estes desastres ,
 Vem com teus bellos olhos alegrar-nos.

O BEM-TE-VI, E MACAHÉ.

METAMORPHOSE VI.

N'Huma serra de crespa penedia ,
 Que no Mar vem beber de Cabo-frio ,
 Vivia Macahé formosa Ninfa ;
 E vivia tambem na mesma serra
 Hum gracioso moço , a quem o Tempo
 O nome sumergio em suas trevas.
 Era esta Macahé unica filha (a)
 D'hum barbaro Cacique , que regia
 As comarcás Aldeas , e por isso ,
 E por sua belleza para esposa
 Era dos principaes de todas ellas
 Com extremoso excesso requestada.
 Mas d'aquelle mancebo quiz a sorte
 Que nos olhos da Ninfa achasse a graça ,
 Que os mais em vão buscavão. Da fortuna
 A inigual condição com a aspereza
 Do protervo Cacique forão causa
 De que elle por consorte a não tomasse :
 Mas em segredo amante venturoso (ctos.
 De hum terno e mutuo amor gozava os fru-
 Dos dous amantes pois todo o cuidado ,

(a) O Author escreveu por engano Era Macahé unica filha.

Todo o affão e empenho era do recato
 Com as sombras cobrir os seus amores.
 No mais cerrado das vizinhas selvas
 Jazia hum raso , mas pequeno campo ,
 A quem robustas arvores de em torno
 Com os troncos cingião. Os seus ramos
 Huns com os outros todos enlaçados ,
 De toldo em grande parte lhe servião.
 Hum manso arroio de agoa cristallina
 Pelo meio o cortava , alimentando
 A verde herva , que o chão todo tapiza:
 As flores , que o juncavão , o doce canto
 Das namoradas aves , que inquietas
 Por entre a rama saltão , o susurro ,
 Com que o Zephyro encrespa as leves folhas
 Das buliçosas plantas , tudo torna
 Este ameno lugar mais aprazivel ;
 Lugar que parecia haver formado
 A varia e destra mão da Natureza
 P'ra nelle se enterterem os Amores.
 Seguindo hum dia hum fugitivo cervo ,
 Por acaso o Mancebo nelle entrara ;
 E lembrado da sua formosura ,
 E de que era o mais proprio a seus desenhos,
 Por ser ao humano trato o mais fechado ,
 A' Ninfa o aprazou , para no mesmo
 Tratarem mais secretos seus amores.
 Ali pois a esperar a Ninfa vinha ,
 Ali a bella Ninfa vinha a vello ;
 E em doces passatempos namorados

Largas horas passavão satisteitos.
 Longo tempo durou este commercio
 Sem que fosse das gentes pesquisado.
 Mas que haverá, que o tempo não descubra,
 Por mais que em vão se affane humana astu-
 Aos olhos dos mortaes em escondello! (cia
 Por mofina quizerão as Estrellas
 Que a par de Macahé na mesma Aldea
 Huma moça vivesse, Yta chamada,
 A qual por genio tinha, e por costume
 Espiar quanto nella se passava,
 E não contente disto, soltamente
 A todos publicava quanto vira.
 Esta garrula moça reparando
 No quanto Macahé frequenta a selva,
 Hum dia a foi seguindo, e escondida
 Da floresta entre a rama, esteve vendo
 Quanto c'o terno amante a Ninfa passa.
 De haver esta aventura descoberto
 A' aldea alvoraçada Yta se volve:
 Segundo o genio seu a quantos topa (a)
 Destes amores o misterio narra,
 A todos té ali impenetravel.
 De boca em boca voando occultamente
 Crece o surdo rumor, até que chega
 Aos ouvidos do barbaro Cacique,
 Que cheo de furor pelo Sol jura

(a) No Original lê-se E ali segundo o genio seu &c.

Vingar nos dous amantes seu agravo.
Mas a sanha no peito dissimula,
Até que chegue o desastrado instante
De dar á execução os seus desenhos.
Macahé, que vivia sem suspeita
De que sua afeição publica fosse,
N'hum aprazado dia a buscar parte
Ao lugar destinado o doce amante.
Mas o tiranno Pai por entre o mato
Os passos seus de longe foi seguindo,
De hum buído punhal a mão armada.
Chegou a Ninfa ao suspirado campo,
E mal a respirar principiava
Nos ternos braços do querido amante,
Que impaciente e saudoso a aguardava;
Quando d'entre a floresta turoso
Rebenta o cruel Pai, que sem piedade
No coração lhe enterra o duro ferro.
Cahio por terra a desgraçada moça
Lançando hum grão gemido, que pudera
A lastima mover as duras rochas.
Mas do Cacique o coração ferino,
De sangue insaciavel, nada toca:
Antes com mais furor no infeliz moço
Seus golpes a empregar bramando corre.
Mas seu rigor os Deoses prevenirão,
Pois o punhal ao trespassar-lhe o peito
N'hum monte, sem saber o como, crava:
A aguda dor, que dentro na sua alma
Ao ver de Macahé a cruel morte

O mancebo sentira, lhe coalha
Nas veias todo o sangue, e de repente
Pelo favor dos Numes se converte
Em levantado cerro, que da Ninfa
Tomando então o nome, ainda agora
De Macahé o monte se apellida.
Em tanto, por mercè dos mesmos Deoses,
O sangue que esparzia a gentil Ninfa,
E a mesma Ninfa toda se transforma
Em cristallino rio, que conserva
De Macahé o nome, e no mar entra
Junto do amado monte, a quem as fraldas
Co' as namoradas agoas cerca e beija.
Não deixarão tambem os justos Deoses
Yta e o cruel Cacique sem castigo;
Pois em sanhudo tigre convertêrão
O barbaro Cacique, e a loquaz Ninfa
Em ave voadora, que conserva
Sob a nova figura o genio antigo;
Que sem descanso nos desertos campos
Em altas vozes solitaria brada,
Bem-te-vi, bem-te-vi, e em vão pretende
O resto articular; porque dos Numes
A colera lh'o embarga, por vingança.
De haver com a palreira lingua sido
De tanto mal a occasião primeira.
D'aqui perdendo de Yta o velho nome,
De todos Bem-te-vi hoje he chamada.

O DIAMANTE E O JACINTO.

METAMORPHOSE VII.

ENtre as asperas serras , que rodeão
 O Cerro , que do frio o nome toma ,
 Arapira nasceo , Ninfa a mais bella ,
 Que virão em seu seio aquellas selvas.
 Desde os primeiros annos costumada
 A montar as feras pelas brenhas ,
 Tal dureza no peito contrahira ,
 Que a mais gente intratavel, só nos montes,
 Só nos bosques vivia. A morte e o sangue
 Das feras , que seguia sem descanso ,
 Erão só seu prazer , suas delicias.
 Com odio e com espanto olhava os homens ;
 E o fallar-lhe em amor era delicto ,
 Que jamais perdoava. Mil amantes
 Fizerão por seu mal esta exp'riencia.
 Mas Itaubí que hum dia acaso a vira
 Seguindo denodada hum feroz tigre ;
 E que ao vella , sentio passar-lhe o peito
 De Amor a aguda seta ; nem por isso
 De abrandalla perdeo as esperanças.
 Era Itaubí de todos conhecido
 Pelo moço mais bello do contorno ,
 E juntamente pelo mais manhoso.
 Na flor da idade estava , pois apenas

A barba lhe apontava. Em seu semblante
Huma gentil fereza se lhe via,
Que amavel o fazia e respeitado.
Da fortuna gozava em larga copia
Os bens, que muitas vezes seu capricho
A's cegas, e com larga mão reparte.
Unidos em si tendo desta sorte
Da natureza os bens e os da fortuna,
Por esposo em extremo cobigado
De muitas Ninfas era; mas seu livre
E ativo coração todas engeita.
Até que por mofina de Arapira
Vio a rara belleza. Então sua alma
De amor a conhecer entra o veneno,
Que calando-lhe as veias, pouco a pouco
As entranhas lhe abrasa e lhe consume.
Desde aqui a seguir a esquiva Ninfa
Impaciente começa; ante seus olhos
Em as selvas mil vezes se apresenta (a),
Mil vezes seu amor entra a pintar-lhe;
Mas a Ninfa cruel lhe atalha as vezes,
Fugindo mais veloz, que veloz nuvem
Pelo Noto nos ares açoutada.
Em vão lhe brada o triste, em vão a chama,
Em vão chora e suspira, que a seus prantos
Só respondem as selvas circunstantes.
Para abrandar em fim seu duro peito
Ricos presentes sem cessar lhe envia:

(a) O Author escreveu Nas selvas &c.

Arapira porèm que em mais estima
De hum morto tigre a mosqueada pele,
Que do moço inteliz toda a riqueza,
Como suas palavras, igualmente
As suas ricas dadivas despresa.
Vendo o triste Itaubí, que seus suspiros,
Seus rogos, e seus dons nada aproveitão
Para o peito amolgar da fera moça,
Tomar outra vereda determina.
Hum dia pois que a topa na floresta,
A seus pés se lançou, e a persuadilla
Com brandos rogos entra, que piedade
De seu tormento sinta: mas apenas
A fallar começou, a crua Ninfa
As costas lhe volveo, como costuma.
Itaubí sem accordo a foi seguindo:
O que vendo Arapira, pelo campo
A fugir começou mais levemente
Que fugaz cervo dos lebréos seguido.
Corre Itaubí apòs ella ligeiro,
E em quanto corre, vós erguidos montes,
Dizei as ternas queixas, que lhe ouvistes!
Ah Ninfa! de quem foges? por ventura
Sou hum Tigre feroz? sou brava Onça,
Que a tartar em teu sangue a sede corra?
Quem te adora não sou, e quem daria
Por piedosa te ver contente a vida?
Os suspiros, que em vão me saem do peito,
E que ha tanto exhalat, cruel me escutas,
O pranto, que apòs ti meus olhos vertem,

(Ah que elles huma rocha abrandarião !)
Não são d'hum puro amor prova constante,
Não bastão a abrandar teu duro peito ?
Ah cruel ! que de algum duro penedo
Os carnicheiro tigre certamente
Gerada foste , e não de sangue humano.
Para , fragueira Ninfa ! Ah nao offendão
Teus delicados pés as duras pedras !
Para , amada Itaubira ! olha que póde
Entre a relva jazer occulta cobra !
Estas e outras palavras semelhantes ,
Seguindo a esquiva moça, ao vento espalha
O mesquinho Itaubí , em quanto a mesma,
Sem descançar movendo as leves plantas ,
Já quasi que a seus olhos se escondia.
Entrão com mais fervor Itaubí corre ,
Amor para seu mal lhe empresta as azas ;
Pois em espaço breve a Ninfa alcança.
Já de Itaubí a sombra sobre a terra ,
Pelo Sol que nas costas os feria ,
Estendida , antes seus ligeiros passos
Arapira assombrada correr via ;
E já seu bocejar de quando em quando
Levemente os cabellos lhe encrespava ;
Quando a Ninfa cruel entre si vendo ,
Que escapar do insoffrido cego amante
Aos furiosos desejos não podia ;
De repente se volta , e com a seta ,
Que levava na mão , lhe crava o peito.
Cae o moço infeliz na dura terra ,

E vendo a fria morte já vizinha ,
 Em pó , em sangue envolto, estas extremas
 Palavras arrancou do fundo d'alma :
 Já , cruel Arapira , a tua sanha
 Satisfeita está ; vem , a sede apaga ,
 Que o coração te abrasa , de meu sangue
 Na copiosa corrente. Eu morro , e morro
 Em parte satisfeito ; porque creio ,
 Que só morrendo posso contentar-te.
 Mas já sinto que a vista se me turba ,
 Densa treva me esconde a luz do dia ,
 As vozes se me prendem na garganta ,
 Já sinto ... e aqui dando hum grande arranco,
 O derradeiro alento o triste exhala.
 Amor ! cruel Amor ! quem teus arcanos ,
 Penetrar poderá ? quem tuas obras ?
 Arapira , essa mesma , que tiranna
 Vivo tanto Itaubí aborrecera ,
 Que com as proprias mãos lhe deo a morte ;
 Apenas o vio morto , derreter-se
 Co' amor e compaixão sua alma sente (a).
 Sobre elle se lançou ; com terno pranto
 A ferida lhe banha e o frio rosto :
 Por elle huma e outra vez, mas em vão, cha-
 De cem furias então toda agitada , (ma.
 Depois do arco quebrar e as duras setas ,
 A si propria se torna , e delirante
 Os cabellos arranca , o peito fere ,

(a) O Author escreveu Em amor.

E contra os Ceos exclama : finalmente
 Atrancando do peito ao terno amante
 A seta , que ella mesma lhe cravára ,
 No proprio coração toda a enterra ,
 E junto ao triste amante exhala a vida.
 Amor então , mas tarde , condoído
 Do desgraçado fim dos dous amantes ,
 E por memoria eterna deste caso ,
 Ambos converte em preciosas pedras :
 Arapira em diamante , que em dureza
 E em se abrandar cõo sangue ainda mostra (a)
 Qual foi o coração da ingrata Ninfa :
 E Itaubí em Jacinto ; cujo nome
 Da voz final tomou , que o triste moço
 Ao finar-se exhalou ; gemma , que ostenta
 No amarello e sanguineo a cõr e o sangue ,
 Que ao fugir-lhe o espirito , o cobria.

Bellissima Melisa , tu que o collo
 E torneados braços adereças
 Destas brilhantes pedras , que despresas
 Os ternos corações , que mil amantes
 Suspirando te offertão : considera
 Que Arapira , qual tu , foi Ninfa bella ,

(a) Adamantem . . . infragilem omni cætera vi
 et invictum , sanguine hircino rumpante. Plin.
 lib. 20. in proœmio. Talvez que o Poeta tivesse
 em vista este lugar de Plinio , quando no seu
 Original poz sinal para Nota.

METAMORPHOSE VII. 127

E que seu coração a Amor esquivo
A tornou nessas gemmas, que em ti brilhão;
Tarde de não amar arrependida.

A ROSA DO MATO.

METAMORPHOSE VIII.

Ao Senhor Lourenço José Vieira Soto.

ARaciba e Guassu ambos vivião
N'hum a famosa Aldea juntamente;
Araciba era della a mais formosa,
E Guassu o mais destro e mais robusto.
Amor com seus grilhões ambos prendera,
E ambos mutuamente se adoravão.
Em doce paz gozando os seus amores,
Os mais felices dos mortaes se crião.
Quando á cruenta guerra abrindo as portas
A ferina Discordia, ás armas correm
As vizinhas nações Guassu da sua
Por mais destro entre todos e valente,
Caudilho eleito foi para mandalla.
Que faria Guassu no duro trance?
D'hum a parte o amor lhe não consente
De Araciba apartar-se hum só instante:
D'outra parte da Patria a fama, a gloria,
E seu proprio valor o estimulavão

O emprego a aceitar, que lhe off'recião:
Entre tão encontrados pensamentos
Grão tempo titubou; não de outra sorte
Que empegado baixel, a quem o vento
D'hum rumo o pano enfuna, e d'outra parte
As contrarias correntes não consentem
Que avante surda só hum curto espaço.
Em fim depois de haver por alguns dias
Com oppostos affectos combatido,
Ora de amor vencido, ora da gloria,
A tomar se abalança o duro mando
Das guerreiras esquadras, que a cobrir-se
D'alta gloria aspiravão nesta guerra.
Chegou em fim o desgraçado instante
De deixar Araciba: neste ponto
Dos dous amantes quaes forão as ancias,
As queixas, os lamentos, os trespassos,
Os suspiros, os prantos, as promessas,
As truncadas palavras, referillo
De lastima não pôde a triste Lira.
Vós brandos corações de Amor feridos,
Que em trance igual vos vistes, vós julgai-o.
Deixa Guassu cem vezes resoluta
A esmorecida Ninfa, e outras tantas
Entre seus braços a apertalla volve.
Dos barbaros guerreiros instrumentos
Finalmente chamado, a Ninfa larga,
E a embarcar-se correo: pequeno espaço
Da Aldea se allongava então o porto.
Araciba vertendo amargo pranto,

Os seus passos seguio , e ao embarcar-se ,
 C' os olhos , pois co' a lingua não podia ,
 O extremo a Deos lhe deo ; e com os olhos
 A esquipada canoà toi seguindo
 Até hum anco , que estendia a terra (a)
 Do rio sobre a limpida corrente ;
 Passado o qual , o leve agudo lenho (b)
 Se esconde á sua vista para sempre.
 Que faria Guassu neste intervalla ?
 Sobre a entalhada popa debruçado ,
 Parece que deixar queria os olhos ,
 Os olhos em que as lagrimas borbulhão ,
 No porto onde tambem a alma deixára.
 Já dos erguidos montes pouco a pouco
 Cahindo vinhão as cerradas sombras ,
 Que a Noute do regaço derramava ,
 E no fechado mato tristemente
 Entravão a piar nocturnas aves ,
 Quando a mesquinha Ninfa pranteando
 Para a Aldea se torna. Os tristes dias
 Em triste solidão alí passava ,
 Sendo as continuas lagrimas , que chora
 De noute e dia , quasi o seu sustento :
 E não era huma Lua bem passada ,
 Tom. IV. I

(a) Anco , isto he , cotovelo ; deriva-se do Grego. Desta palavra usa Barros , Dec. 1. Livr. 3. cap. 4.

(b) O Author escreveu o veloz.

Quando hum mesto boato pela Aldea
 Vagamente se espalha, de que rotos
 Pelos contrarios forão seus guerreiros;
 Que Guassu bravamente combatendo
 Na refrega morrèra, e os mais valentes;
 Que o resto se salvára com a fuga,
 E nos matos disperso andava errante.
 Crece o surdo rumor, até que chega
 A' mofina Araciba: mas apenas
 Os ouvidos lhe fere a intausta nova,
 Sem sentidos cahio na dura terra;
 Onde por largo espaço dos que a virão
 Por morta foi julgada: mas tornando
 A cobrar por seu mal o sentimento,
 Que o subito trespasso lhe roubára (a),
 A carpir-se começa em altos brados
 Com despiodosas vozes, que troncavão
 Huns apòs outros mil ternos soluços.
 O Sol brilhante accusa, accusa os Astros
 Do triste fim do desgraçado amante,
 Da aguda dor, que o peito lhe trespassa.
 Enfuriada logo ás soltas tranças (b)

(a) *Este verso falta no ultimo Original.*

(b) *Enfuriada vale o mesmo, que chea das Furias. Desta palavra usa Luis Pereira na Elegiad. Cant. II.*

*E qual Ericto teme enfuriada
 Ver os Farsalios Campos &c.*

E tambem no Cant. 5.

Correndo qual Menade enfuriada.

Sem piedade se volve, e ás mãos cheas
 Os cabellos arranca, e fere o peito.
 Em fim nestes extremos passa o resto
 Do amargurado dia, e n'alta noite
 No mais vivo da dor se lhe figura
 Ver a Guassu, em sangue e pó envolto,
 D'entre hum montão de mortos levantar-se;
 E por ella chamar com mestas vozes.
 A' triste vista do fatal espectro
 De seu amor e magoa transportada,
 A' vá sombra, gemendo, assim responde:
 Sim, querido Guassu, em breve esta alma
 A tua seguirá. Isto dizendo,
 N'hum profundo silencio sumergida,
 Da noite o resto passa: porém logo
 Que a assomar começa a roixa Aurora,
 Do coldre huma seta arrebarando,
 Pallida e furiosa sae da Aldea;
 Ao porto se endereça, e ali chegando,
 Depois de hum curto espaço estar suspensa,
 Desta sorte exclamou: Guassu amado,
 Este foi o lugar onde tão triste
 A extrema vez te vi, e onde mais triste
 Nas mãos da saudade me deixaste.
 D'aqui foi que meus fados rigorosos
 A meus mesquinhos olhos te arrancarão,
 E para sempre d'elles te escondirão.
 D'aqui tambem será, donde minha alma
 Parta a buscar a tua. Então alçando,
 Para o peito cravar, o braço e a seta,

Sem o poder dobrar , no ar lhe fica
Alçado o braço , e nelle a dura sera.
As plantas quer mover , e as leves plantas
Pesadas se lhe tornão , e se enterrão
Na fria terra ; o corpo se adelgaça ,
E em viçoso arbusto em fim se torna ,
De folhas e alvas flores guarnecido.
Quatro vezes o Sol no roixo oriente
Mostrado havia a luminosa face ,
E outras tantas nas agoas do Oceano
Os fogosos cavallos refrescado ,
Depois deste estupendo e mesto caso ,
Quando Guassu dos batalhões na frente
Na alvorçada Aldea entra triunfante.
A vello , e a ver de seu illustre braço
O triumpho , os cativos , e os despojos
Concorre o povo todo , e em ledas vozes
Leva ás Estrellas seu famoso nome.
Elle , a quem mais que os louros da victoria,
De ver a amada Ninta as esperanças
Satisfeito trazião ; e em seus braços ,
Delles mais digno com o seu triumpho ,
Sem sustos repousar ja se fingia ;
Quando ali a não vê , absorto fica.
Feitas em fim as costumadas salvas ,
E licenciada a tropa , pensativo
O seu alvergue busca , e apenas nelle
Entrou , por Araciba aos seus pergunta ;
E delles soube da extremosa Ninta
O portentoso fim , e a causa delle.

Qual se lhe fosse da cruel Medusa
 A tremenda cabeça então mostrada,
 Por largo espaço o triste immovel fica:
 Até que a si tornando, impaciente
 Ao porto se encaminha, e ali vendo
 O tenro e novo arbusto, assim lhe falla:
 Que duro engano, desgraçada Ninfa,
 A ti e a mi perdeo? que furor cego
 Ambos precipitou n'hum só momento
 Nos profundos abismos da desgraça?
 N'isto a parar vierão as esp'ranças,
 Que tão ledo e contente me trazião?
 Minha... ah! minha não, pois os meus fados
 Assim o querem: misera Araciba!
 Mais queria dizer, mas de seus olhos
 De pranto huma torrente rebentando
 As vozes lhe suffoca, e a lingua trava.
 Então ao tenro arbusto se arremessa,
 E com seus braços ternamente o aperta:
 Ali com tristes lagrimas o rega,
 E entre suspiros mil as suas folhas,
 Suas mimosas flores cego beija.
 Ellas que até ali a branca neve
 Na alvura imitavão, de repente
 (Cousa digna de espanto ao repetir-se)
 Vermelhas se tornarão; dando mostras
 De que inda em nova forma convertida
 Araciba com vello, e seus extremos,
 Se alegre, folga, e dentro em suas fibras
 De amor o antigo fogo nutre e sente.

Guassu então as matizadas plumas ,
 Que a cabeça lhe arreão , della arroja ;
 E das folhas e flores , que brotava
 O seu querido arbusto , entretecendo
 Huma coroa , a põe em lugar dellas ;
 E a seu alvergue suspirando torna.
 Dizem que Guassu desde este dia
 A humá mortal tristeza todo entregue (a) ,
 Pouco a pouco se fora consumindo ,
 Até que em breve exhalára a vida :
 Mas que em quanto vivèra , não deixára
 De vir todos os dias desvelado
 Ver e regar com pranto o amado arbusto ;
 E que as mimosas flores , que o cobrião ,
 No mesmo instante , que elle apparecia ,
 A branca eôr em carmesim mudavão :
 Costume que inda tem ; pois á mesma hora
 A alvura vão perdendo , e pouco a pouco
 De vermelho se vão todas cobriado.

Esta , caro Vieira , he toda a historia
 Da linda flor , que tu mui bem conheces ,
 A quem o vulgo , que outro nome ignora ,
 Rosa do mato chama , e que chamar-se
 Com razão Araciba poderis ,
 Da transformada Ninfa com o nome.

(a) Lê-se no Original A humá profunda tristeza &c.

O YTAMBÉ.

METAMORPHOSE IX.

Não longe das Ribeiras, que bordando
 Vai o Guanhaás de arvores sombrias,
 Aribá e Guamú ambos vivião.
 Elle nas perteições vencia a Adonis,
 E ella a Mãe de Amor em formosura.
 Inda a luz dá razão em suas almas
 Seus raios esparzidos não havia,
 Quando em seus corações já chamejava
 De hum mutuo amor o fogo. No Oriente
 Apenas roixeava a fresca Aurora,
 Aribá a buscar veloz corria
 O innocente Guamú; e a encontrallo
 Sahia Aribá de prazer cheia.
 Nos montes e na silva o dia inteiro
 Em innocentes jogos consumião;
 E só quando dos montes resvalando
 Vinhão as densas sombras sobre os campos,
 Tristes, e a seu pesar se separavão.
 Amor não conhecião, e em extremo,
 Sem ambos o saber, ambos se amavão.
 Nesta doce união forão crescendo,
 E o amor, que até ali só fora instincto,
 Foi do conhecimento a par crescendo:
 Serião os mais felices dos amantes,

Se tão linda não fosse a linda moça.
 Habitava n'aquelles arredores
 Hum tiranno mancebo , na estatura
 E feições tão disforme , que de todos
 Por Gigante era tido : os seus costumes
 Ao gesto se moldavão na estranheza :
 Ytambé se chamava ; o azar hum dia
 Fez que elle a Ninfa visse, e Amor travesso,
 Que de domar os corações mais feros
 Costuma blasonar , lhe atèa logo
 No peito desabrido as suas chamas
 Da formosa Aribá c'os negros olhos.
 Ytambé que sentia o vivo fogo (a)
 Qu' as medullas lhe abrasa , impaciente
 A Aribá propõe logo os seus desejos.
 Mas a Ninfa igualmente horrorizada
 De seu amor e figura , e que rendida
 Ao mimoso Guamú tinha a vontade ,
 Apenas em amor fallar lhe escuta ,
 Que irada de seus olhos se retira.
 Deste fero desdem da esquiva Ninfa
 Irritado Ytambé , em feroz sanha
 Arder todo se sente , e arrastado
 De seu genio cruel pela violencia
 Vingar-se determina. Era notorio
 A todos os vizinhos do contorno ,
 Que Aribá a Guamú ha muito amava ;

(a) O Poeta escreveu Ytambé sentindo o vivo fogo.

Ytambé o sabia , e presumindo
 Que da isenção , que a Ninfa lhe mostrára,
 Esta só era a causa ; se resolve
 Em tirar a Guamú a doce vida ,
 Comsigo discorrendo , que apartado
 Este estorvo fatal a seus intentos ,
 Facilmente traria a seus amores
 Da Ninfa o coração. Neste supposto ,
 A esperar se dispõe tempo opportuno
 A raiva a saciar , que a alma lhe prue.
 Havia no interior d'aquellas silvas
 Hum espaçoso campo , que de hum lado
 Hum arroio fechava d'agoa pura ,
 E d'outro huns altos montes que formavão
 Huma encurvada lua , cujas pontas
 Vinhão beber no arroio cristallino.
 A sombra destes montes e arvoredos ,
 Que as fraldas e cumes lhes toldava ,
 Quasi por todo o dia defendia
 Dos ardores do Sol o prado ameno ,
 E mil diversas aves abrigava ,
 Que em seus modulos cantos não cessavão,
 Já adejando sobre a tenra hervinha ,
 Já correndo a banhar-se n'agoa fria.
 A este fresco retiro costumavão
 Vir ás vezes passar os dous amantes
 Os mais calmosos dias. N'hum dos montes,
 Que mais se debruçava sobre o campo ,
 Se embrenhou Ytambé , e ali espera
 O incauto Guamú. Não tardou muito

A occasião , que aguardava ; pois o tempo
 Sempre para os desastres veloz corre.
 Hum dia pois que o Sol c'os vivos raios
 Parecia que abrasar queria a terra (a) ,
 Aribá e Guamú no campo entrááo ,
 Do desastrado fim bem descuidados,
 Que a ambos tinha alí o Fado ordido.
 Aribá affrontada do caminho ,
 Apenas alí chega , tira o arco ,
 E n'hum tronco vizinho o dependura :
 Guamú no seu as setas embebendo ,
 A ferir começou as varias aves ,
 Que os montes povoaváo, em quanto a Ninfa
 Pelo gramineo prado as bellas flores ,
 Talvez para tecer-lhe huma grinalda ,
 Solicita escolhia. Neste instante
 O protervo Yrambé hum grande canto
 Da montanha arrancandó co' as mãos ambas,
 Sobre o incauto Guamú cahir o deixa.
 Então se não vio mais que de improvisó
 Por debaixo da lage huma torrente
 Sahir de quente sangue , que tingindo
 De vermelho do campo as alvas flores ,
 Escumando a meter-se foi no arroio :
 Mas apenas alí chega , as suas agoas
 Todas vermelhas torna , e deste dia

(a) Será preciso ler Par'cia , ou escrever Pa-
 rece. O mesmo se torna a encontrar na Metamor-
 phose XII.

O nome de Vermelho, que inda dura,
 Tomou sua corrente. A triste moça,
 Que entortada em colher as lindas flores,
 Pelo prado vagava, ao grande estrondo
 Que excitou ao tombar o grosso canto,
 As flores, que já tinha no regaço,
 Sobre a terra cahir deixa assustada,
 E os olhos revolvendo a aquella parte,
 Guamú não vendo, e vendo o largo jorro
 De fumegante sangue, que brotava
 Debaixo do rochedo, os olhos alça,
 E Ytambé vê no monte, que batia
 As crueis mãos por sacudir a terra,
 Que do canto ao sacar nellas ficára;
 Então de furor chea, assim lhe exclama:
 Barbaro Ytambé, pois me tiraste
 De minha doce vida a melhor parte,
 Tira o resto, cruel! Mas observando,
 Que elle do monte desce pressuroso,
 Talvez para colher entre seus braços
 Da perfida victoria o doce fructo;
 Aos Ceos se volve, e afflicta assim lhes brada:
 Deoses, tirai-me a vida, e d'hum tiranno,
 Se sois justos, vingai-me. Os Ceos ouvirão
 Os seus ferventes rogos; pois n'hum ponto
 Em arvôre se tornou a Ninfa bella (a),
 Que inda Aribá se chama, e no seu tronco
 A rubicunda côr das faces bellas

(a) Será preciso ler arv'ze, ou arvor.

Da sem ventura moça á vista ostenta :
 E o brutal Ytambé em duro monte ,
 Do duro coração justo castigo.

O S A H Y.

METAMORPHOSE X.

SAhy, fragueira Ninfa, que seguia
 Por genio e por costume as bravas teras
 Nos Certões do Brazil, com mil extremos
 Por sua formosura, e suas graças
 Dos mais gentis mancebos da Comarca
 Era continuamente requestada :
 Mas ella, que empregados os sentidos
 Nos montes e na caça só trazia,
 Em muito maior preço e conta tinha
 O render a seus pés huma só fera,
 Que os ternos corações de mil amantes.
 Picado Amor de tanta fragueirice,
 Vingar-se determina; porém vendo
 Que quantas setas no invencivel arco
 A seu peito cruel endereçára, (nhasco,
 Todas, quaes se em vão dessem n'hum pe-
 Cáem por terra amolgadas, outra via
 A' vingança buscou; e pois que a Ninfa
 A seu fogo insensivel se mostrava,
 Por força submittella determina.

Corria torneando aquelles montes
Hum fresco arroyo de agoa cristallina,
Que Andrahi (do Ribeiro este era o nome)
Recostado sobre a urna, manso, manso
Com hum rouco susurro derramava.
Hum dia que mais vivo o Sol brandia
Os incendidos raios sobre a terra,
Toda anelante, e de suor banhada,
Desceo Sahy do monte, e na ribeira
Do fresco arroyo de hum Cauhy á sombra
Sobre a viçosa relva se reclina,
Encostando a cabeça n'aurea aljava.
Largo espaço gozando assim esteve
Da subtil viração o fresco bato,
Que as folhas encrespando do arvoredado,
Com hum lento susurro murmurava,
Que só de quando em quando interrompia
Dos passaros o canto: até que tendo
De todo repousado, a grande calma
E do sereno rio as vitreas agoas
Nellas a se banhar a convidarão.
Prontamente se alçou, e prontamente
Despindo a subtil roupa, a dependura
Nos ramos do Cauhy, e n'agoa salta,
Sem saber que seu dâno assim traçava.
Então do fundo bosque a espreitalla
Os Satiros corrêrão, e estendendo
Por entre os ramos a galhuda fronte
Com insaciaveis olhos, que bellezas,
Té ali nunca vistas, não olhárão!

Da placida corrente as puras agoas
A seu sabor gozar lhes consentião
As mais occultas graças, que encobertas
Da mesma agoa julgava a esquivada Ninfa.
Não de outra sorte, que hum cristal consente
Gozar aos olhos dos morados litios,
Ou brancos mogarins, que em si encerra.
O ruido que faz, rasgando as agoas,
A lasciva Sahy, a paz altera
Do quieto Andrahi, que em sua gruta
Em verter suas agoas se occupava :
E querendo saber do estrondo a causa,
A gruta deixa, e lança fora d'agoa
Ametade do corpo. Então Cupido
Que a seus fins opportuno ensejo vira ;
De seu arco despede a seta ardente,
Com que veloz o coração lhe passa.
Vio Andrahi a Ninfa, e ao mesmo tempo
Sentindo nas entranhas o veneno,
Que nellas a cruel seta espalhára,
Ardendo em vivo fogo, deste modo
A' descuidada Ninfa amante falla : (sa,
Oh tu ! quem quer que sejas, Ninfa, ou Deo-
(Em que Deosa me faz crer-te a belleza)
Tem de mi compaixão ; e pois mitigas
A calma, que te affronta, em minhas agoas ;
Piedosa tambem tempera o fogo,
Em que por ti o coração se inflamma.
Disse : e os braços abrindo impaciente,
A' Ninfa se enviava, qual dos ares

Se envia a caudal aguia sobre a cobra ,
 Que do Sol ao calor vê estendendo
 Em verde prado as escamosas costas.
 Sahy ao ouvillo e vello , tóra d'agoa
 Assustada saltou , e a correr entra
 Assim como se achava (pois que a pressa
 Os vestidos tomar lhe não consente)
 Pela floresta de Andrahi seguida.
 Não foge tão veloz timida pomba
 Das curvas garras do falcão ardido ,
 Que a empolgalla se avança impetuoso ;
 Como a Ninfa fugia temerosa
 Do ligeiro Andrahi ; porèm debalde ,
 Que Amor , que delle a par vòta ligeiro ,
 A' rapida carreira o estimulava ,
 Picando-lhe a miudo o terno peito
 Do dourado tarpão co' a fina ponta.
 Largo espaço corrêrão hum e outro ,
 Té que a Ninfa sem forças , sem alento ,
 E por instantes vendo-se entre os braços
 De Andrahi , cujo anelito appressado
 Já de si junto ouvia , os mestos olhos
 Aos Ceos endereçando , assim exclama :
 Oh tu argentea Lua , se he verdade
 Que a pudicicia estimas e proteges ;
 Tu , pois que minhas forças já falecem ,
 Deste avido inimigo , que me segue ,
 Propicia me defende : dá-me azas
 Com que possa escapar a seus desejos.
 Ouvirão as Deidades compassivas

Seus fervorosos rogos ; porque logo
De brandas verdes plumas se lhe atreão
O niveo peito , os braços , e a cabeça,
A mesma branda , mas dourada pluma
As espaldas lhe cobre , e os lindos labios
Se lhe estendem , e tornão curto bico.
Em fim desta arte em menos d'hum instante
Em gentil passarinho se transforma ;
Que igualla na belleza a formosura
Que antes de mudada Sahy tinha ,
E que inda de Sahy conserva o nome.
Então batendo leda as soltas penas ,
Baldaúdo de Andrahi os vãos desejos ,
Se remonta veloz pelo ar delgado.
Andrahi que vê de entre os seus braços
Desta sorte escapar-lhe a linda presa ,
Que segura julgava ; furioso ,
Confuso , envergonhado , a mergulhar-se
Para sempre correo em suas agoas.

OS PINGOS DA AGOA E O
CHRYSOPRASO,

O U

O PEQUI E GUARARÁ.

METAMORPHOSE XI.

Pequi, huma das Ninfas mais formosas
Que em seus vastos Certões o Brazil vira,
Do Piahy vivia nas ribeiras:
Amava a Guarará, e por extremo
Era de Guarará tambem amada;
Guarará, hum garção robusto e destro,
Que nas mesmas ribeiras habitava.
Hum dia, que deixando a fria urna
A seu prazer correr na branca arèa,
Piahy com as Naiades dançava,
A vio passar de Guarará seguida.
Amor travesso, que da Ninta em torno
Brincando esvoaçava, a alma lhe tere
Com hum raiõ da sua formosura.
Desde este ponto nunca mais socego
Teve o misero Rio. Na lembrança
De Pequi conservando a viva imagem,
Que Amor profundamente allí gravára,

Tom. IV.

K

Mais do que em derramar da fria urna
 As cristallinas agoas, se entertinha :
 Longas horas, e só, na opaca gruta
 Em contemplar da Ninfa as lindas graças :
 E sem o presentir, desta maneira
 Ao fogo, que as entranhas lhe devora,
 Elle mesmo augmentava as crueis chamas.
 Tal vez tornando em si de seus transportes,
 Da caverna sahia, e tóra d'agoa,
 Por ver se acaso a via, em suas margens
 A cabeça lançava; a seu arbitrio
 Correr tal vez deixando as frescas agoas,
 Por longo tempb na florida beira
 Passeando se via pensativo.
 Ali a contemplar se punha attento (a)
 O lugar onde a vez primeira a vira
 Tão bella tão airosa, que pudera
 A' Deosa das florestas dar inveja.
 A viva fantasia lhe pintava
 Ora os longos cabellos, que esparzidos
 Em gratas ondas encrespava o vento;
 Ora a vermelha boca, os alvos dentes;
 Ora os travessos olhos, que o ferirão.
 Desta arte consumia longas horas
 O triste Piauhy, e se se azava
 Por acaso topar co' a Ninfa bella,
 A seus pés se prostrava. Então que rogos,
 Que namoradas queixas, com inveja

(a): O Poeta escreveu por enigmas attentamente.

As Driades , que espreitão curiosas
 Dos troncos debruçadas , não lhe ouvirão !
 Que protestos de té , que juramentos ,
 Que promessas não fez ! conchas e pedras ,
 Toda quanta riqueza em suas agoas
 Aos olhos dos moitães avaro esconde ,
 Tudo a Pequi offerta , mas debalde ; (za
 Porque a constante Ninfa , que em mais pre-
 De Guarará hum só terno suspiro ,
 Que tudo quanto dar-lhe o Rio possa ;
 Tudo por Guarará , tudo despresa.
 Cansado de rogar em fim sem fructo
 O triste Piauhy , desesperado
 A's ciladas se volve , e huma sestra
 Que em sua lymta a Ninfa se lavava ,
 Por debaixo das agoas manso , manso
 Se foi chegando a ella , e de repente
 A lia estreitamente entre os seus braços.
 A incauta Ninfa ao ver-se assim travada ,
 Em altos brados rompe , e em vão lutandó
 Por fugir e desliar-se se affanava.
 Guarará , que a Pequi acompanhára ,
 E na vizinha silva se entertinha ,
 Em quanto ella no rio se lavava ,
 A seus gritos accode alboratado ;
 E de Piauhy vendo o feo insulto ,
 Com elle cego investe , e denodado
 Das mãos lhe arranca a consternada moça.
 Piauhy com a dor , que n'alma sente ,
 Vendo de entre seus braços arrancada

A Ninfa que por sua já julgava,
 A Guarará se envia, e furioso
 A cabeça dobrando, o forte peito
 C' huma das pontas, que lhe brotão nella,
 N'hum momento lhe passa. Sobre a terra
 Cae morto Guarará, e desmaiada
 Cae a bella Pequi; então depondo
 Piahy (que tomou deste successo
 De bravo o apellido) a brutal raiva,
 A' linda Ninfa accode, e nos seus braços
 A toma compassivo. Largo espaço
 Sem sentimento esteve a infeliz moça.
 Porém tornando em si, apenas sente
 Que do Rio nos braços repousava,
 Qual rapido fusil de'les se arranca;
 E chea de furor, Piahy cobre
 De hum chuvaire de affrontas: porém elle
 De sua inutil furia não curando,
 Ligeiro se levanta, e a prender volve
 Entre os braços a inconsolavel Ninfa (a).
 Vendo-se a triste então em tanta affronta,
 Aos Nomes exclamou: Nomes Sagrados!
 Pois consentistes, que infeliz perdesse

(a) O Poeta escreveu por engano Entre seus braços &c.

Póde-se neste lugar preferir a lição do outro Original:

Ligeiro se levanta, e nos seus braços
 Torna a prender a delirante Ninfa.

Em Guararã o bem que possuia ;
 Não consentais que eu fique por despojo
 Em poder de seu barbaro homicida :
 Se sois justos , trair-me a triste vida .
 Inda a Ninta acabado bem não tinha ,
 Quando o Rio em lugar d'amada Ninta ,
 Abraçado se vio c' hum duro tronco
 Em que subitamente se tornara ;
 Que inda hore vegeta com o nome
 Da mesquinha Pequie e logo observa ,
 Que as lagrimas p' d'ellas , que chorára
 Em sua dor a delirante Ninta ,
 Em sintillantes pedras se tornarão ,
 Que na cõr e figura representão
 D'agoa os brilhantes pingos , e de que hoje
 Inda a sua ribeira tanto abunda .
 Então volvendo a Guararã os olhos ,
 Vio que o mesmo tambem se convertèra
 Em transparente pedra , que imitava
 Na cõr amarellada e rubras manchas
 Do morto Guararã a cõr e o sangue :
 E de tantos portentos atterrado ,
 De seu infausto amor a adversa sorte ,
 E o triste fim da malograda Ninta
 A carpa se meteo na umbrosa gruta .

O T Y É.

M E T A M O R P H O S E X I I .

T Y é , Joven gentil , airoso e bravo ,
 Que outro tempo vivia nas ribeiras ,
 Que de em torno coroáo a bahia ,
 Que de Rio hoje tem o improprio nome ,
 De mil formosas Ninfas era amado ,
 E mil formosas Ninfas despresava
 Por montar na selva as feras onças ;
 Até que Amor punio sua esquivança.
 N'outra Aldea , que alí fica vizinha ,
 Assistia Magé , formosa moça ,
 Que tanto na belleza ás mais vencia ,
 Quanto elle na destreza e na figura
 Os mais gabados moços da Comarca.
 Hum dia , que a victoria celebraváo
 Que sobre seus contrarios alcançárão
 Os da vizinha Aldea , convidado
 Nella se achou Tyé , e a Niata bella
 Nella suspenso vio. Amor , que ha muito
 Em seus brilhantes olhos o esperava ,
 Lhe crava em continente o duro peito
 Co' a seta de ouro , que brandio do arco.
 Entrou Tyé nos jogos , mas em todos ,
 Ou já fosse em tirar a veloz seta ,
 Ou em prostrar na luta o seu contrario ,

Ou em passar aos outros na carreira ;
 Elle a palma levou , já por destreza ,
 Já que Amor , por prender a gentil moça ,
 Ajudallo quizesse então benigno
 Finda a festa , Tyé logo procura
 Saber quem era a Ninta , e logo soube
 Que Magé se chamava , e que consorte
 Era de Caboré , d'aquella Aldea
 Hum dos Indios mas nobres e valentes.
 Perturbou-se Tyé com esta nova ,
 Mas não perde a corage' , antes procura
 O modo de fazer participante
 Magé de seu amor. Na mesma Aldea
 Outra moça habitava (era o seu nome
 Seriba) esta nascera , e se creára
 Do namorado Tyé na propria Aldea ,
 Onde então fôra delle conhecida :
 Esta pois procurou o gentil moço ,
 E de seu terno amor faz confidente ;
 Com rogos e com lagrimas lhe implora
 Que á formosa Magé por elle falle ,
 Que seu amor e ternura lho encasque (a).
 De bom grado aceitou Seriba o encargo ,
 Pois quiz sua fortuna que ella fosse
 Da linda moça amiga e companheira.

(a) A Synalefa necessaria para este verso ficar certo , posto que seja dura , não deixa de ter exemplos. O mesmo Poeta a tem feito outras vezes , ainda que raramente , por exemplo na Metamorphose IX. De seu amor e figura , e que rendida.

Não passou longo tempo , sem que á Ninfa
Seriba não contasse o amor e as ancias
Do extremoso Tyé , e lhe rogasse
Para elle a compaixão , que merecia.
Magé que tinha impressos na lembrança
De Tyé o valor e galhardia ,
Tão contente ficou com esta nova ,
Como quem , sem o crer , se vê na posse
Do que muito suspira , e não espera.
Mas vendo que era estorvo a seus desejos
De Caboré a torçosa companhia ,
Com Seriba ajustou , que n'hum gruta
(E a gruta lhe apontou) , que ali vizinha
A natureza abriu n'hum denso bosque ,
A Tyé fallaria , quando ausente
E longe Caboré da Aldea fosse.
Com tão grata resposta satisfeita ,
A buscar a Tyé corre Seriba ,
A quem de tudo informa ; e juntamente
O bosque e mais a gruta foi mostrar-lhe.
Alvoragado Tyé com esta nova ,
A esperar se dispõe o feliz prazo ;
Mas em quanto tardou , com que impaciencia
Os instantes e horas não contava !
Parecia-lhe que o Sol mais lentamente
A diurna carreira completasse ,
Que erão sem fim as noites ; suspirava ,
E a Amor se queixava da demora.
E em quanto assim se queixa , finalmente
Raiou o suspirado feliz dia ;

Pois Caboré com outros se partira
 A huma geral caçada , que distante ,
 D'aquelles arredores se fazia.
 Vò a gentil Tyé á feliz gruta ,
 E nella achou Magé ; o que passarão ,
 Vós bellas Ninfas da sombria lapa (a) ,
 E circumstantes selvas , que invejosas
 Vistes e ouvistes seus ternos suspiros ,
 Suas doces palavras , seus extremos ,
 Vós o sabeis ; que eu só referir posso ,
 Que os dous amantes ledos se tornárão ,
 Cada hum a procurar sua morada.
 Longo tempo durou este commercio ;
 Pois que no mesmo sitio a ver-se vinhão
 O mancebo gentil e a Ninfa bella ,
 Todas as vezes que a caçar sahia
 Caboré , como tinha por usança.
 Até que a murmurar se entrou na Aldea
 Das idas que Magé fazia ao bosque,
 Sempre que o consorte ausente estava (b).
 De Caboré chegou confusamente
 Esta voz aos ouvidos ; e querendo
 Della espiar a origem e a certeza ,
 Huma caçada para longes terras
 Ardiloso fingio. Sahio da Aldea ,
 E por outra vereda mal trilhada
 Ao bosque se endereça. Alem do arco ,

(a) *Lê-se nos dous Originaes Vós oh Ninfas &c.*

(b) *Melhor Sempre que seu consorte &c.*

Das setas e carcás , levava pronta
Huma curta bipenne , a quem servia
Hum buido cristal de duro ferro.
Apenas chega ao bosque , logo enxerga
Tyé que abrindo vinha pressuroso
O caminho por entre o denso mato.
Trazia o gentil moço na cabeça
Hum diadema de encarnadas penas ;
Das mesmas penas lhe cingia o collo-
Huma crespá gorgeira , e dellas era
Guarnecido o traidão , que airoso traja.
Finalmente das mesmas penas tinha
Braços e pernas todos guarnecidos.
Caboré mal o vê , pronto se abaixa ,
E occultó com a rama , por entre ella
O vê seguro entrar na fresca lapa.
Alí como affrontado do caminho ,
Do hombro tira Tyé prestes o coldre ,
E como quem de nada se arrecea ,
As trechas e arco tudo põe de parte ;
E n'hum grande cristal , que parecia
Que a mão da Natureza ali formára
Para servir de assento , se recina.
E em quanto a Ninfa tarda , impaciente
Pela Ninta a bradar assim começa :
Vem , amada Magé , ah ! vem ligeira
Huma alma a consolar , que em crueis penas
Sem ti vive , e sem ver-te submergida,
Vem ... e no mesmo instante entra na gruta
Risonha a linda moça. Oh dos humanos

Infeliz condição ! oh cega mente !
 Que mal pensa Magé , mal Tyé pensa ,
 Que no mesmo lugar onde esperavão
 Achar o seu descanso , encontratião
 O desastrado fim de seus amores.
 Caboré , que na gruta os tem seguros ,
 D'entre a silva rébenta furioso ,
 E no punho a bipenne levantando ,
 A Tyé se arremessa , que sem armas
 Victima fora então de seus furores ,
 Se Amor lhe não valera ; pois no ponto
 Em que o golpe cahia , d'improviso
 Se lhe pegão ao corpo as rubras penas ,
 De que loução se arrea , e se transforma
 Em vermelha Avezinha , que inda hoje
 De Tyé pelo nome he conhecida ;
 E segura pelo ar se foi voando.
 Caboré não podendo a sua furia
 Em Tyé empregar ; em raiva ardendo ,
 A Magé se voltou (que entre tanto
 Que elle a Tyé investe , pressurosa
 Da gruta se sahira , e pela selva
 Sem alento e sem còr veloz fugia ,
 Pedindo ao Ceo amparo) , e após ella
 A correr se lançou. Fugia a Ninta
 Mais veloz , do que foge a veloz lebre
 Em raso campo ao galgo , que a persegue :
 Mas como poderia a infeliz moça ,
 Debil e delicada , a cruel sanha
 Fugir de Caboré , sem o soccorro

Dos Numes, a quem afflicta implora!
 Já quasi Caboré as mãos lhe lança,
 Quando todo Magé cobriu-se sente
 De hum gelido suor, o corpo todo
 Em grossas bolhas d'agoa lhe rebenta.
 De seus soltos cabellos hum chuveiro
 A cair começou de fino orvalho,
 E em os passos, que dá, na terra deixa (2)
 D'agoa huma grande poça; assim fugindo
 Toda em candido humor se vai toroando;
 De maneira que quando havella presa
 Caboré presumia, ante seus passos,
 Com pismo vê correr hum largo rio,
 Que fugindo veloz por entre a selva,
 Vai meter-se no mar na grão bahia;
 Sem perder de Magé té hoje o nome.
 Furioso por não poder vingar-se,
 Caboré roga aos Ceos que ali o mudem
 Também em vel-z ave; porque possa
 Em Tyé, inda em passaro tornado,
 Seu agravo vingar como deseja.
 Não forão vão, seus rogos; pois que logo
 Em ave se tornou, que o nome goarda
 Do fero Caboré, e que ligeira
 Persegue sem piedade as tearas aves,
 Só por ver se entre ellas Tyé topa.

(a) O Author escreveu E em cada passo que dá &c.

O FALSO HEROISMO

COMEDIA DE ELPINO NONACRIENSE.

Composta em Janeiro de 1775.

Esta Comedia , omitida em todas as Collecções originaes , imprime-se segundo huma copia, que foi communicada ao Editor ; e posto que nesta copia se encontrassem muitos erros , elles serão quasi todos emendados á vista dos Apontamentos originaes do Author , onde se achão muitos fragmentos desta Comedia.

P E S S O A S.

D. LANÇAROTE GODINS.

LUCIO.

D. THADDEO DE MONTALTO, homem presumido de Fidalgo, e pouco instruido.

LISUARTE MALAFAIA, mancebo virtuoso.

LOPES, Creado de D. Thaddeo.

D. PETRONILHA, filha de Lançarote.

CARMOSINA, Creada de D. Petronilha.

RODRIGO PAPA-FERRO, valentão.

Hum Lacaio de Lançarote.

Dous ou tres homens companheiros de Papa-ferro.

A Scena representa huma Praça, na qual se verão as Casas de Lançarote, e de D. Thaddeo, que constituem o lugar da Acção.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

*Sa'a em Casa de D. LANÇAROTE
com mesa de Chá, que PETRÔNILHA
est. a servindô; LISUARTE e D. THAD-
DEO ao pé de Petronilha; CARMOSINA
em pé, e hum Lacaio.*

D. THADDEO.

Que primoroso Chá! o cheiro, o gosto
Não mentem; logo mostrão, que he da
Amigo Lisuarte, eu nestas cousas (Russia.
Bem posso decidir magistralmente;
Sem jactancia dizer, que não se encontra
Daqui ás portas da famosa Roma,
Quem entenda melhor destas bebidas.
Não he assim?

LISUARTE.

Depois de o decidires,
Fora muito incivil se o duvidára.

D. THADDEO.

Amigo Lançarote, onde o compraste?
Quanto custa o attatel? porque queto

160 O FALSO HEROISMO.

Fazer delle hum regalo a certo Grande.

LANÇAROTE.

Eu, Senhor Dom Thaddeo, sou homem liso,
Nem me valho do engano dos amigos,
Como talvez costumão os bazoteas,
Para fazer valer as minhas cousas:
Este Chá não he raro, he do que trouxe
Essa não, que da China há pouco veio.

D. THADDEO.

Com que entendestes que eu fallava serio?
Enganar-se Thaddeo nestas materias
Não o creaes, Amigo Lançarote:
Apenas se lançou o Chá no Bule,
Que a Haison me cheirou: não quiz dizello,
Porque quiz, escusai-me, experimentar-vós;
Porém dobrando nesta parte a folha,
Em tudo, Lançarote, sois magnifico:
Gosto muito de vós, porque no trato
Hum cavalheiro pareceis da gemma.

LANÇAROTE.

Desejo obsequiar a quem nos honra.

LISUARTE.

O Senhor Lançarote he muito honrado.

D. THADDEO.

Honrado, dizeis vós? isso não basta;

He Cesar , he Catão , he Tito Livio.

LISUARTE.

Perdoai-me ; julgava que em chamar-lhe
Honrado , muito mais o elogiava.

D. THADDEO.

Esta gente villá ha de enfunar-se ,
Que assim melhor a lá cardar se deixa. (*A'*
parte para Lisuarte.)

LISUARTE.

Deve o homem de bem fallar sincero (*A'*
parte para D. Thaddeo.)

D. THADDEO.

Filosofia temos : forte séca ! (*A' parte.*)

S C E N A II.

OS DITOS E LUCIO.

LUCIO.

Bons dias , meus Senhores.

LANÇAROTE.

Bem vindo ; traze , Silva , huma cadeira ,
Carmosina , a buscar corre huma chicra.

TOM. IV.

L

LUCIO.

Sem incommodo.

PETRONILHA.

Aqui o Senhor Lucio
Tem hum lugar, - se for do seu agrado.

LUCIO.

Tão distinto favor vaidoso aceito. (*Senta-se
ao pé de Petronilha.*)

D. THADDEO.

Aborrece-me este homem, mais que as mos-
(*cas. (A' parte.)*)

Senhora Petronilha, estais tão bella,
Que á vista desses olhos matadores
Não precisa Cupido de outras setas.

PETRONILHA.

Agradeço, Senhor, tanta lisonja. (*com se-
veridade.*)

LANÇAROTE.

Tardaveis hoje tanto, Amigo Lucio,
Que julguei, que sem ver-vos passaria.

LUCIO.

Deteve-me hum negocio; mas em quanto
Não vinha receber as vossas ordens,

Voava o coração a obedecer-vos.

PETRONILHA.

Quereis mais leite?

LUCIO.

Não, minha Senhora.

D. THADDEO.

Langarote, quereis do meu tabaco? (*Abrindo a caixa.*)

LANGAROTE.

Por ora não.

D. THADDEO.

Olhai que he excellente,
He Macubá legitimo, não desse
Que no Jardim se faz, que de cem legoas
Ja cheira a Porruquez: não sei que encontro
Nas cousas dos Países estrangeiros,
Que só dellas me pago, e me contento.

LISUARTE.

Muito a preocupação sobre nós póde!

D. THADDEO.

Pois paciencia.

LANÇAROTE.

He a caixa. Senhor, o que vos gabo,

D. THADDEO.

Isto he joia muito rara,
He de huma preciosa Cornalina;
Deixou-ma por cabeça de Morgado
O Senhor Dom Hermigo de Montalto,
Meu undecimo Avò por varonia,
Que na Lide se achou de Agoa de Maias.

LANÇAROTE.

Tendes muita razão para estimalla.

D. THADDEO.

Amigo Lucio, estais muito sisudo;
Deixai melancolias por agora.
Dizei-me, fostes hontem ao Bairro alto
A ver a Op'ra?

LUCIO.

Não.

D. THADDEO.

Pois certamente
Que perdestes, Amigo, hum grande Drama.
Oh que Drama! oh que Drama! oh que espa-
Que gosto ver a gente pelos ares (vento!

Voar huma Cidade com seus muros,
 Sem que huma velha chaminé lhe caia!
 E no mesmo lugar, e ao mesmo tempo
 Ver o mar coalhado de baléas,
 Ouvir huma medonha trovoadá,
 Que as scenas cobre de huma espessa nuvem
 De fumo, e de terror os circumstantes,
 Ver saltando pelo ar huma cabeça,
 Que falla em quanto canta outra figura!
 Isto, Senhores, sim, que alegra o olho,
 E não essas insipidas Comedias
 Sem enredo, sem lances, e sem vistas.

LUCIO.

A boa imitação da Natureza
 Me entretém muito mais, que tudo isso.

D. THADDEO.

Tambem vós sois, Amigo, dessa escola
 Dos que allegão, sem nunca tê-los lido,
 E muitos, o que he mais, sem entendellos,
 Com Gregos e Latinos? esse gosto
 Se foi bom, só o foi em Grecia e Roma:
 O gosto Portuguez he de outra laia.

LUCIO.

Segundo isso a razão e a natureza
 Não he a mesma sempre em toda a parte?

D. THADDEO.

Não , Senhor : nós vivemos em Lisboa ,
 Aonde há bons Doutores e Poetas ,
 Sem nunca terem lido esses Authores ;
 Devemos imitallos e seguillos ;
 Devemos imitar os nossos velhos ,
 Sem querer saber mais , que elles souberão .

LANÇAROTE.

Eu disse nada entendo ; mas confesso ,
 Que me agrada , Senhor , o vosso voto :
 Que excellente Comedia foi aquella ,
 Que vi representar na minha infancia ,
Tambien en el abismo se ama , creio
 Que por titulo tinha : oh que tramoias !
 Oh que vistas ! encheo-se todo o pateo
 Da melhor gente , que em Lisboa havia :
 O Theatro ganhou muito dinheiro .

D. THADDEO.

Isso , meu Lançarote , não tem duvida :
 Mas hoje , que miseria ! tem-se alçado
 Hum enxame de moscas , ou Poetas
 De Grego e de Latim enlabusados ,
 Que intentão saber mais , que tantos sabios ;
 Mas coitados ! mais pena lhes não quero ,
 Que deixallos com suas frioleiras ,
 E com seu verso solto , que tem pilhas .

LISUARTE.

Fallemos, Dom Thaddeo, n'outra materia.

D. THADDEO.

Acho que dizeis bem, não disputemos:
Vistes já, Lançarote, o meu carrinho?

LANÇAROTE.

Inda não.

D. THADDEO.

Pois bem posso segurar-vos,
Que em Lisboa não roda outro mais rico.
Senhora Petronilha, hum monte he d'ouro.

PETRONILHA.

Estimo.

D. THADDEO.

Pois os machos, oh que brutos!
São os melhores que criou a Mancha:
He gosto sem igual ver como trotão,
Borrifando de lama, atropellando
A miseravel gente pelas ruas.
Se quizeres sahir hum dia nelle,
A grande honra o terei: tereis a gloria
De que ninguem vos leve a dianteira.

PETRONILHA.

Mil vezes obrigada , eu nunca tive
Esse bom gosto de pisar a gente. (*Para D.
Thaddeo.*)

Aqui está , meu Pai , a sua chic'ra. (*Pegan-
do na chicara para a dar a Lançarote.*)

LUCIO.

Aqui estou eu. (*Levantando-se a tomar a
chicara.*)

D. THADDEO.

Eu estou primeiro. (*Levan-
tando-se tambem a tomar a chicara.*)

PETRONILHA.

Senhor , não se incommode : o Senhor Lucio
A bondade terá... (*Dá a chicara a Lucio.*)

LUCIO.

Terei a gloria. (*Toma a chi-
cara e a dá a Lançarote.*)

D. THADDEO.

(*Que he o que vejo ! A Lucio a preferencia !
A hum Fidalgo, como eu, tamanha affronta !
Não são por certo vãos os meus receios.
Ah cruel ! ah tiranna ! estou ardendo ;
Mas eu me vingarei desta insolencia.*) *A*
parte.)

PETRONILHA.

Quereis mais, Dom Thaddeo ?

D. THADDEO.

Nada mais quero,
(com o rosto carregado; tira pelo relógio.)
 Que o meu Procurador me espera em casa,
 Para conta me dar do grão litigio,
 Que trago c'o Senhor da Raposeira
 Sobre o prazo de Alcoens : ás vossas ordens;
(Vai-se.)

LISUARTE.

Esperai , que eu tambem vos acompanho :
 Liberdade , Senhores , vosso seivo. *(Vai-se.)*

LANÇAROTE.

Eu tambem me retiro : Petronilha ,
 Entertendo ficai o Senhor Lucio. *(Vai-se.)*

S C E N A III.

PETRONILHA , LUCIO E CARMOSINA.

PETRONILHA.

AH innocente Pai ! a que perigo
 Expões minha virtude , sem sabe-lo ! *(A parte.)*

LUCIO.

E será certo, amada Petronilha,
 Que pôde o coração lisonjear-se, (nhos,
 Sem temer Dom Thaddeo, nem seus empe-
 De encontrar em teus olhos a piedade,
 Aquella piedade, que merece
 Servindo, e padecendo ha tantos annos?

PETRONILHA.

Por compaixão, Senhor, em paz deixai-me:
 Que mais quereis de huma mulher honrada,
 Que o combate cruel, que n'alma sente,
 De encontradas paixões por vossa causa?
 A minha confusão, o meu silencio,
 E a meu pesar talvez que os mesmos olhos,
 Do que quereis saber assás vos dizem.

LUCIO.

Nada mais quero, amada Petronilha;
 Deixa pois que prostrado ás vossas plantas,
 Beije mil vezes essa mão de neve,
 Sinal da vassallagem, que te juro. (*Ajoe-
lhando para beijar a mão.*)

PETRONILHA.

Que fazeis? Estais louco? Por ventura
 Não sabeis, que fallais com Petronilha?
 Assim hum homem, que se diz honrado,
 Da confiança abusa, que outro homem,
 Tambem, como elle, honrado lhe permite?

Antes pois que a paixão vos precipite,
Da vossa vista quero retirar-me. (*Partindo.*)

SCENA IV.

LUCIO E CARMOSINA.

LUCIO.

ESpera, Petronilha, não te ausentes,
Que me matas cruel, que não te offendo;
Carmosina, estou louco!

CARMOSINA.

Que desgraça! (*Fingindo que se vai.*)

LUCIO.

Onde vas?

CARMOSINA.

A mandar que sem demora
Vão buscar do Hospital a cadeirinha.

LUCIO.

Ah minha Carmosina! não me insultes!
Não te ponhas da parte de huma ingrata!

CARMOSINA.

Ingrata lhe chamais?

LUCIO. ^{sup 21}

Pois não merece
Este nome a cruel? Ah! tu não viste
Como veloz fugio de meus agrados,
De meus ternos e puros rendimentos?
Com que rigor fugio d'ante meus olhos,
Destes meus olhos, que sem vella cegão?

CARMOSINA.

Que havia de fazer a pobrezinha,
Se vós mesmo dizeis, que estais sem tino?
Querias que esperasse as vossas furias?

LUCIO.

Oh não zombes de mim! não o merece
Hum coração amante, e despresado:
Que dizes? Que farei? Que me aconselhas?

CARMOSINA.

Que hei de dizer-vos? Que tenhais juizo.
Petronilha, Senhor, não he ingrata;
Conhece que a amais, e em vão pertende
Encobrir que vos ama: vós a ouvistes,
Accesas de vergonha as gentis faces,
Dizer-vos muito mais do que quizera;
Mas temos todos nós nossa mania;
A sua he ser honrada: neste caso
Não deveis accusalla, nem queixar-vos,
Quando tendes na mão facil remedio.

LUCIO.

Remedio, e facil! Dize, Carmosina,
Qual he?

CARMOSINA.

O Matrimonio.

LUCIO.

Fallas serio?

Por ventura cres tu, que Petronilha
Escutará com gosto esta proposta?

CARMOSINA.

Que bonita pergunta na verdade! (*Rindo-se*)
Não presumia, que ereis tão anginho.
Inda agora sabejs, que o Matrimonio
He para nos caçar o melhor visco?
Minha Ama não vê com indiff'rença
A vossa inclinação: o pejo, a honra
Os negros cocos são, de que se espanta,
Que bem a seu pesar de vós a apartão:
Ora vendo por terra derribados
Estes váos espantalhos, como póde
Resistir á prisão, que ella apetece?

LUCIO.

Facilmente se abração os conselhos
Quando á vontade são de quem os pede:
Entro pois sem demora, Carmosina,

174 O FALSO HEROISMO

Por esposa a pedilla a Lançarote. (*Querendo entrar.*)

CARMOSINA.

Venha cá ; onde vai ? Agora vejo ,
Que faz o cego amor loucos varridos.
Não vio sahir ha pouco desta casa
O Senhor Lançarote ?

LÓCIO.

Huma alma amante ,
Que entre sustos fluctua , entre esperanças,
Merece compaixão , se talvez erra.
Correrei a buscallo a toda a parte ,
Que o coração no peito não socega ,
Em quanto incerto está do seu destino.

CARMOSINA.

(*Vai-se.*)

Vá nas horas de Deos , estrella boa
O leve em paz ao porto desejado.
Eu tambem deste ajuste a Petronilha
A dar parte me vou , que de contente
Ha de ficar bailando as tripecinhas.

SCENA V.

Vista de Praça, cujo fundo occupará o frontespicio das Casas de D. Lançarote, e a hum lado se verão as Casas de D. Thaddeo.

D. THADDEO E LISUARTE.

LISUARTE.

DOm Thaddeo, vindes muito pensativo:
Que tendes, que vos dá tanto cuidado?
Fallai, sou vosso Amigo verdadeiro;
Em todo o trance me achareis disposto
A ajudar-vos com braço e com conselho.

D. THADDEO.

Que celebre pergunta! agora entendo
Quanto a Filosofia nos distrahe:
Ora dizei-me, Amigo, e he possivel,
Que na affronta cruel não reparastes,
Que neste instante de soffrer acabo,
Em casa do villão de Lançarote?

LISUARTE.

Affronta, Dom Thaddeo! dizei, que affronta
E vereis como corto a despicar-vos. (ta,

D. THADDEO.

Já sei, não vistes como Petronilha,
Presumida talvez de haver rendido
Hum Fidalgo, como eu, ás suas graças,
Lucio me preferio, dando-lhe a chavena ?

LISUARTE.

Ora acabai com isso ; na verdade
Que foi injuria atroz. (Rindo-se.)

D. THADDEO.

Poisque ! vós ride-vos ?
Com q̃ he cousa de brinco ver-se hũ homem,
Hum homem, qual eu sou, que o melhor san-
Nas veias tem de toda a Beira e Minho, (gue
Pela Dama, a quem serve, preferido,
Preferido, e por quem ? por hum mechanico?
Ora hide-vos, cuidei que ereis mais lido,
Que sabieis melhor do ponto de honra :
Isto sempre foi caso de duelo ;
Hide, lêde as Comedias Castelhanas.

LISUARTE.

Bons textos me allegais e bons Doutores.

D. THADDEO.

Que dizeis ? que dizeis ? com que não pres-
Salazar, Calderon, Mattos, e Vega ? (tão
Moreto, e Montalvão são peixes podres ?

LISUARTE.

Forão homens de engenho, mas errarão
 A verdadeira estrada em suas obras.
 Por não fallar em pontos mais escuros,
 Quasi sempre se vê triumphar o vicio,
 Trajando falsas, agradaveis cores,
 Mil dânosas sentenças semearão;
 E dourando o veneno, corrompêrão
 O coração da incauta mocidade.

D. THADDEO.

Nunca tal cousa ouvi, antes os tenho
 Visto gabar por bons a muita gente,
 Pregadores, Theologos, Juristas.
 O meu Letrado, que he dos bons da Corte,
 Já com hum allegou em certo pleito.

LISUARTE.

Que terminante lei! aposto, Amigo,
 Que venceo a demanda? (com ironia.)

D. THADDEO.

Boa duvida:

Mas sejam bons, ou mãos esses Authores;
 Com isso nada tenho, nem me importa:
 Meus Avós, que nos campos Africanos
 Encherão de terror, a lança em punho,
 Mequines, Tetuão, Fez e Marrocos,
 Por muito menos que isso costumavão

Açoutar, estolar, cortar orelhas.

LISUARTE.

Amigo Dom Thaddeo, nossos maiores
Em quanto pela Lei e Patria a vida
Ao mar, aos inimigos expuserão,
São dignos de louvor, forão honrados.
Nestas e nas mais virtudes, que os illustrão,
He certo que devemos imitallos;
Mas se errarão, tiverão seus defeitos,
Pensão da corrompida natureza,
Não he razão que nelles os sigamos.

D. THADDEO.

Não tendes que cansar-vos, eu conheço
Tanto ou melhor, que vós, o que me cum-
Sei que estou affrontado, sei que devo (pre-
A mim, e ao sangue illustre, que me anima,
Dar publico castigo a quem me offende.
Não serei Dom Thaddeo, se neste caso
Meo brio não fizer huma fallada.

LISUARTE.

Já vejo que quereis assim fazer-vos
A fabula do pavo, publicando
Essa fraqueza vossa, que esconder-se
Deve aos olhos do mundo por decencia.

D. THADDEO.

Não sei, sei só, que devo, e que pertendo

Vingar a minha injuria. Sois servido
De entrar?

LISUARTE.

Por hora haveis de desculpar-me.

D. THADDEO.

Pois ficai-vos em paz. (*Entrando para casa.*)

LISUARTE.

A Deos, Amigo.

SCENA VI.

LISUARTE só.

Parece-me, que em vão trabalho, e estudo
Por trazello á razão; a falsa idea
Da nobreza bebida desde o berço,
A má educação, e de alguns livros
As maximas erradas pervertido
Lhe tem o coração, mais o discurso.
Mas que devo fazer? sou seu Amigo,
E vello não quizera arruinado;
Erro grande faria, se o deixasse
Entregue ao grão furor que o desatina,
E aos ruins conselheiros que o rodeão:
Conyem pois esperar, que se modere
A primeira paixão, que os bons conselhos

N'huma alma perturbada são perdidos.
(*Vai-se.*)

S C E N A VII.

Gabinete em casa de D. Thaddeo.

D. THADDEO , LOPES.

D. THADDEO.

LOPES. (*Dando o espadim e chapêo a Lo-
pes.*)

LOPES.

Fidalgo.

D. THADDEO.

Amigo , venho ardendo

LOPES.

Pois que te succedeo ?

D. THADDEO.

O maior caso ,
Que ategora tem accoitecido
A' famosa linhagem dos Montaltos.

LOPES.

Tremendo estou : que foi , acaba , dize ?

D. THADDEO.

A cruel Petronilha . . .

LOPES.

Eu o dissera ,
Que dahi he que vinha a roce ao gato ;
Mas vamos adiante. Petronilha

D. THADDEO.

Não só despresa , chea de vaidade ,
Meus amantes obsequios ,

LOPES.

Nessa parte
Hei della compaixão , pois não conhece
A honra , que lhe fazes em amalla.

D. THADDEO.

Pois sem reparo algum ousa antepor-me . . .

LOPES.

Quem , Senhor ?

D. THADDEO.

Hum villão de sua estofa.

LOPES.

Caspite !

MEU

D. THADDEO.

Esta manhã o chá tomando,
 Quiz ao dar d'humã chavena servilla;
 Ao mesmo passo Lucio se atravessa:
 E ella sem elhar quem offendia,
 E sem caso fazer do meu obsequio,
 A chicara lhe deu toda risonha.

LOPES.

Forte insolencia! e tu, Senhor, que obraste?
 Nesse instante fatal de meio a meio,
 Tal qual humã peccada, não o viste?

D. THADDEO.

Essa he boa! com que eu manchar havia
 A minha espada de hum villão no sangue?

LOPES.

Oh alma de Fidalgo, oh alma grande!
 (Sempre dos fracos foi esta a rodela) (A
 parte.)

Perdoa-me, se em tal não reparava;
 Nós outros os mechanicos tão alto
 Tão sabemos pensar como os Fidalgos.

D. THADDEO.

Ah meu bom Ferramonte! quanta falta
 Neste caso me fazes! se ao meu lado
 Eu agora te visse, affoutamente

Podia segurar minha vingança.

LOPES.

Não me dirás que Ferramonte he essa,
Que te merece tantas saudades?

D. THADDEO.

Foi hum fiel creado, que já tive,
Huma joia, hum modello de creados:
Em quanto me servio, oh que respeito
Nesta cidade conseguio meu nome!
Ninguem a alçar direitos se atrevia
Os olhos para mim.

LOPES.

Oh que creado!

D. THADDEO.

Entre muitas, que fez, quero contar-te
Huma historia, que he digna certamente
De ser em todo o tempo celebrada:
Servia eu certa Dama, e huma tarde
Estando juntos a tomar o fresco
N'huma janella, passa hum destes moços,
Que trazem esarpins, e não çapatos,
E relógio, qual macho de liteira
Com muita franja, e muira campaiشا;
O cabelo era cousa façanhosa:
A rapariga ao vello, ou fosse graça,
Ou fosse porque assim lhe parecia, comia

184 O FALSO HEROISMO

Bello cabello, diz, leva esse moço.
Enchi-me de paixão; porém calei-me.
Chegado a casa, digo a Ferramonte,
Que por maior affronta á minha vista,
E á vista da moçoila sem fallencia
Devia tasquear o tal galante.
Dito, e feito: ao outro dia ás mesmas horas
Torna a passear o tal Pintalegrete
Todo pós e pomada, todo almiscar,
C'hum topete mais alto, que huma torre.

LOPES.

Que lindo que viria o Marinello!
(Com que de mais a mais este he daquelles,
Que são lincees em ver no olho alheo
O argueiro, e no seu não vê a tranca?) (A'

D. THADDEO.

parte.)

O bom de Ferramonte soltamente
A elle se arremessa, e agarrando-o
Pelo honrado grossissimo chicote,
A' vista de nós ambos rés lho corta.

LOPES.

Oh que galante cousa! oh que creado! (Rin-
do-se.)
Nunca por tal acção as mãos te doão.

D. THADDEO.

Ainda aqui não pára a tal historia.

O maior chiste está, amigo Lopes,
Em que o teroz Athlera triunfando,
Como despojo da cruel batalha
Nos veio apresentar o grão chicote.
A cauda de hum Bachá não faz mais vulto,
Porém que muito, se indo a examinallo,
Entre quatro farripas lhe encontrámos

LOPES.

O que, Senhor?

D. THADDEO.

O que? vê se adivinhas.

LOPES.

Deixa-me discorrer: talvez seria
De cabello de bode algum crecente?

D. THADDEO.

Qual crecente?

LOPES.

Não? pois então aposte,
Que foi de grossa estopa alguma estriga.

D. THADDEO.

Qual estriga?

LOPES.

Pois já que não acerto

186 O FALSO HEROISMO

Dize tu o que foi , pois por sabe-lo
Rebentando estou.

D. THADDEO.

Cousa nunca vista !
De grosso zambujeiro hum grande taco ,
O qual eu desde então tenho goardado :
Com cuidado maior, que o com que goarda
Concha exquisita soffego Antiquario :
Queres vê-lo ?

LOPES.

Pois não ? cousa tão rara
Merece ser por todos admirada.

D. THADDEO.

Pois abre essa gaveta , e della o saca. (*Abre
Lopes a gaveta, e tira hum grosso taco de pão.*)

LOPES.

Nome de Deos ! e pôde haver cabeça
Que sustentasse tão disforme peso ?
Certamente , Senhor , que o Franchinote
Devia de o trazer por penitencia :
Tu lhe fizeste grande beneficio ,
Pois não podia ter maior castigo ,
Que o trazer esta tranca sobre as costas.

D. THADDEO.

Que pasma ? pois , meu Lopes , saber deves,

Que estes grandes chicotes, que hoje cam-
 Todos como esse tem igual miolo. (pão,

LOPES.

Tão leves devem ser estas cabeças,
 Que para não voarem com o vento
 Precisão de trazerem contrapesos:
 Mas tornemos, Fidalgo, a Ferramonte;
 Hum moço de taes manhas certamente
 Que havia de medfar muito contigo.

D. THADDEO.

Oh se medrou! porem fez tantas destas,
 Que sem poder valer lhe mo prendêrao.

LOPES.

Sempre pelo mais fraco quebra a corda. (A'

D. THADDEO. *parte.*)

E por fim o mandáráo para Angola, *parte.*

LOPES.

Grande despacho teve! Não lho invejo.

D. THADDEO.

Desde então fiquei manco, pois com elle
 O meu braço direito me cortáráo;
 Tu, meu Lopes, não hes para estas cousas.

LOPES.

A fallar a verdade , eu sempre fujo
De meter-me em camisas de onze varas ;
Não folgo de ver sangue , nem pendencias :
Amo o descanso e a paz , e os meus talentos
São mais de Gabinete , que de Campo ;
Sobre tudo receio , que mos mdoão ,
Ou que me dem c' os ossos em Angola ,
Como esse meu Collega Ferramonte :
Porém se tu quizeres , eu conheço
Hum Amigo capaz dessas façanhas.

D. THADDEO.

Oh meu Lopes , que dizes ? esse Amigo
Entendes que he capaz de despicar-me ?

LOPES.

Como ? não só capaz , mas capacissimo :
He hum homem de todos os diabos ,
Hum corisco , hum trovão , huma centelha.

D. THADDEO.

Bello , bello !

LOPES.

Tem dés mortes ás costas.

D. THADDEO.

Excellent !

LOPES.

Tres vezes degradado
Tem sido para a India.

D. THADDEO.

Excellentissimo!

Meu Lopes, sem demora rebolindo
Esse homem vai chamar-me; olha que a pa-
Segura em mim a tens. (ga

LOPES.

Não haja falta
Da sua parte, que eu não sei da minha
Faltar ao que prometto. (Vai-se.)

D. THADDEO.

Já minha alma
Começa a descansar: terei o gosto
De ver moer os ossos a hum maroto,
Que sem ver a relé, de que procede,
Com hum Fidalgo a competir se atreve.
(Vai-se.)

S C E N A VIII.

Praça.

LANÇAROTE E LUCIO.

LANÇAROTE.

Senhor Lucio, agradeço quanto he justo
 A eleição, que fazeis de minha filha
 Para vossa mulher; mas eu, Amigo,
 Sou Pai, não sou tiranno: a Petronilha
 Ternissimamente amo: seus honestos
 Costumes, o respeito, a obediencia,
 Que sempre me mostram, tudo merecem:
 Vê-la feliz desejo, e se a casasse
 Contra seu gosto, em vão o desejára:
 Huma união violenta. Amigo Lucio,
 Não he suave laço, he cativoiro.
 Antes pois que vos dê final resposta,
 Peitendo consultar sua vontade.

LUCIO.

Obrais como he razão, nem eu intento
 Constranger a Senhora Petronilha.

LANÇAROTE.

Entro pois a fallar-lhe, e vós em tanto
 Podeis certo ficar, que se a proposta

A Petronilha apraz, da minha parte
 A vossa escolha approvarei gostoso.
 Ficai com Deos. (Vai-se.)

LUCIO.

O Ceo, Senhor, vos guie.
 Meu coração, que tens? de que palpitas?
 Tremes talvez ao ver que veioz corre
 O momento fatal, de que perdendo
 O teu destino está? Ah! não, não tremas,
 Que nos olhos da bella Petronilha,
 Naquelles olhos, dos Amores centro,
 Sinaes tens visto já de que te estima. (Vai-se)

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

Praça.

LOPES, E PAPA-FERRO:

LOPES.

Como te vou contando, este meu Amo
He bazotea de todos os costados;
Arrota de Fidalgo, e a toda a hora
Na boca lhe acharão seus Avoengos.

RODRIGO.

Desses conheço, Lopes, mais de hum cento:
Se os creeres, os terás por descendentes
Do Almirante Balão em linha recta,
E bem sabemos nós que avós tiverão.
Tudo provão com certos cartapacios,
Que elles mesmos fizerão a seu gosto;
Mas deixemoios já com sua teima,
Pois não somos de loucos enfermeiros,
E vamos proseguindo a nossa pratica.

LOPES.

Este meu Amo pois tem a vaidade
De querer imitallos; mas coitado!

He somente no máo , que no bom nada.
 Galantêa huma Dama , que o despresa ;
 E tem-se-lhe antojado , que hum Casquilho
 Lha tirava do lanço , e que cumpria
 Ao pundonor , ás léis de Cavalheiro
 Castigar ; como diz , tão grande affronta ;
 Mas como o coração o não ajuda ,
 Quer hum homem capaz de desempenho.
 Eu que jamais me esqueço dos amigos
 Em lances de proveito , em continente
 A Sua Senhoria por mais bravo
 Que Roldão te inculquei , e que Oliveiros.
 Pegou-me da palavra , e logo , logo
 A chamar-te me envia : este he o caso.
 Agora que na rede a presa temos ,
 Lancemos della mão , e prontamente
 Entremos sem piedade a depenalla.

RODRIGO.

Em boas mãos cahio ; deixa-o comigo.

LOPES.

Arremette-te a elle , com patranhás
 As orelhas lhe quebra ; em ferro e fogo ,
 Sangue e mortes só falla.

RODRIGO.

Com bom bicho
 Se meteo o pobrete : tu bem sabes
 Que tenho o cabedal todo em palavras ,

Que não sou, quando importa, d'elle avaro :
 Taes cousas lhe direi , taes valentias ,
 Que o pobre ficará co' a boca aberta.

LOPES.

Pois então mãos á obra ; a Deos que em casa
 Vou esperar por ti , não tardes muito.

RODRIGO.

Socega , que daqui a hum quarto de hora
 Lá contigo serei.

S C E N A II.

RODRIGO só.

ORa bem dizem ,
 Que sempre Deos se lembra da pobreza ;
 Eis-me aqui , que a pesar das minhas traças
 Posto estava na espinha , andava ás moscas,
 Quebrando essas esquinas , senão quando
 Esta tolan a sorte me depára ;
 Em quanto ella durar , que boa feira
 Farão os Taverneiros ! eu prometto
 Que mais não ha de haver parente pobre ;
 Beberei , jogarei , e em se acabando ,
 O Geo acudirá ; que nunca a sorte
 Fecha huma porta , sem que outra logo a-
 (bra. *(Vai-se.)*)

S C E N A III.

Gabinete em Casa de Lançarote.

PETRONILHA *ao cravo*, e CARMOSINA
em pé.

PETRONILHA.

CARMOSINA.

CARMOSINA.

Senhora.

PETRONILHA.

Dá-me essa Aria.

CARMOSINA.

Qual dellas ?

PETRONILHA.

A que tem a fita verde.

CARMOSINA.

Creio, Senhora, que te deo no goto,
Pois que cantalla tantas vezes te ouço.

PETRONILHA.

Conforma-se melhor com meus cuidados.

CARMOSINA.

Cuidados? ora deixa que me ria;
Pois tu tambem padeces esse achaque?

PETRONILHA.

Sim, e são muitos mais do que presumes.
(*Canta.*)

A R I A.

Qual baixel de oppostos ventos
Em mar bravo combatido,
Que das ondas impellido
Vai correndo a naufragar:

Tal de cem e cem affectos
Salteada esta alma amante,
Em hum mar de mil cuidados
Fluctuante

Se vê quasi soçobrar. (*Ao repetir parará de repente, dando hum grande suspiro; e Carmosina correrá a ella, como assustada.*)

CARMOSINA.

Que tens, Senhora? deo-te alguma cousa?
Vou depressa a fazer-te huma fumaça;
Não, melhor será a agoa de Melisa.

PETRONILHA.

Que hei de ter, Carmosina ? ah ! tu não sabes
Deste meu coração qual he o estado ,
E quantos por amor tormentos passa !

CARMOSINA.

Graças aos Ceos ! cuidei que era outra cousa :
Inda tremendo estou : que forte susto
Me fizeste rapar !

PETRONILHA.

Pois achas pouco
O ver-me a todo o instante combatida
De paixões tão contrarias , tão violentas ,
Como são as do amor , e honestidade ?

CARMOSINA.

Que loucura ! Ora dize-me , Senhora ,
Não amas com extremo ao Senhor Lucio ?

PETRONILHA.

Prouvera ao Ceo , que tanto o não amára.

CARMOSINA.

Não hes c'o mesmo extremo delle amada ?

PETRONILHA:

Seus olhos , seus excessos , e palavras
Tão ternas , tão mimosas , seus suspiros,

198 O FALSO HEROISMO

Que parecem sahir do fundo d'alma ,
Assim mo fazem crer.

CARMOSINA.

E não te disse ,
Que elle daqui sahio ha poucas horas ,
A teu Pai a pedir-te por esposa ?

PETRONILHA.

Disseste.

CARMOSINA.

Pois então porque motivo
Te pões a suspirar ? de que te queixas ?
Dá com a mão na boca , olha que fallas
De fatta , e póde o fado castigar-te.

PETRONILHA.

Ah minha Carmosina ! que não sabes ,
Que huma alma, que o seu bem espera ancio-
Quanto mais perto está de conseguillo, (sa,
Tanto mais teme , tanto mais recèa.

CARMOSINA.

Que tens tu que temer ? temes acaso ,
Que teu Pai não consinta no negocio ?

PETRONILHA.

E isso he pouco ?

CARMOSINA.

Em quanto a mim he nada :
Tu , Senhora , e não elle he quem se casa ;
Basta , se elle o não quer , que tu o queiras.

PETRONILHA.

Estás louca ? presumes que eu seria
Capaz de tal fazer ?

CARMOSINA.

Eu tenho ouvido ,
Que somente a vontade dos que casão
Neste caso se quer , que os Pais não devem
Contra seu gosto aos filhos dar estado.

PETRONILHA.

Eu não sei , se os Pais podem justamente
Os filhos violentar nesta materia ;
Sei só , que huma mulher honesta , honrada
Sem sua approvação casar não deve ;
Que ao amor , aos cuidados que tiverão
Na sua educação , na sua infancia
Injusta paga dera assim obrando.
Ah Carmosina ! se meu fado ordena , (*Le-
vantando-se.*)
Que a meu constante amor meu Pai se oppo-
Primeiro me verás perder a vida , (*nha ,*
Que faltar ao respeito que lhe devo.
(*Vai-se.*)

SCENA IV.

CARMOSINA , e depois LANÇAROTE.

CARMOSINA.

Coitada , como hes parva ! dó me causis.
Eu matar-me por outrem ! forte asneira.

LANÇAROTE.

Onde está Petronilha ?

CARMOSINA.

Neste instante
Daqui se retirou , queres que a chame !

LANÇAROTE.

Não , antes tenho que fallar contigo.

CARMOSINA.

Pois eu aqui estou ; que mais aguardas ?

LANÇAROTE.

Saberás , Carmosina , que eu desejo
Casar a minha filha.

CARMOSINA.

Bom desejo.

LANÇAROTE.

Estou crecido em annos , e quizera
 Vella , antes que morresse , atortunada ,
 E casada c' hum homem que soubesse
 Esses bens grangear , que hei de deixar-lhe.

CARMOSINA.

He justo ; porque nós as raparigas
 Somos vidro , quebramos facilmente ,
 Se nos não põem com tempo a bom recado.
 (Já por aqui andou o Senhor Lucio.) (*A*
parte.)

LANÇAROTE.

Mas como entre os Mancebos deste tempo
 Tudo são jogos , danças , e banqueteres ;
 Não era assim na minha mocidade ,
 O concerto , a modestia , e sesudeza ,
 O respeito aos mais velhos , a prudencia ,
 Tudo nelles trocado tem os annos ;
 Hoje são desenvoltos e palreiros ,
 Rhetoricos , Poetas , e sem terem
 Das cás a experiencia rim e motão
 Da sua compostura e seus costumes ;
 Todo o cuidado põem em certas modas
 De vestir e calçar , e com que aos olhos
 De homens serios , ridiculos se tornão ;
 Mas deixando estas cousas , Carmosina ,
 Que não são para ti ,

CARMOSINA.

Muito bem fazes ,
 Que a mim só me contenta o que se usa :
 Comer ao paladar , vestir ao uso ,
 Diz o rifão , com elle me accommodo.

LANÇAROTE.

Como he difficil , digo , achar entre elles
 Hum que tenha juizo e madureza ,
 Estive longo tempo irresoluto ;
 Porém hoje a fortuna me depára
 Hum que, se não me engano, he dos melhores.

CARMOSINA.

Se he da tua eleição , será hum brinco.

LANÇAROTE.

He mancebo sesudo , e bem creado ,
 Boa figura , e mais que tudo he rico.

CARMOSINA.

Isso e ouro sobre azul he tudo o mesmo.

LANÇAROTE.

Agora de ti quero , que me digas ,
 Se Petronilha levará a gosto
 Esta minha eleição , pois não pertendo
 Violentar-lhe a vontade.

CARMOSINA.

Andas discreto :

Oh ! se todos os Pais assim fizessem ,
 Não veríamos tantas desgraçadas ;
 Noivos ricos , porém contra vontade ,
 São em pratos de prata preciosa
 De sangue escarros.

LANÇAROTE.

Dize-me , tua Ama
 Abraçará contente hum tal ajuste ?

CARMOSINA.

Quem eu , Senhor ?

LANÇAROTE.

Sim tu , que saber deves
 De sua alma os segredos , he quem pôde
 Neste ponto acclarar-me , e eu que temo
 Que o respeito de filha a mova e obrigue
 Contra sua vontade a obedecer-me ,
 Neste ponto fallar-lhe não pertendo ,
 Sem primeiro espiar qual he seu gosto.

CARMOSINA.

Olhe , Senhor . . . eu . . . nunca lambareira
 Fui . . . mas . . .

LANÇAROTE.

Mas que ?

CARMOSINA.

De sorte

LANÇAROTE.

Acaba , dize.

CARMOSINA.

Temo

LANÇAROTE.

Que temes ?

CARMOSINA.

Póde :

LANÇAROTE.

Não me faças
Perder a paciencia : minha filha
Olhará com bons olhos hum marido ?

CARMOSINA.

Se for o Senhor Lucio ...

LANÇAROTE.

Que me dizes ?
Se for com Lucio ficará contente ?

CARMOSINA.

Contentissima.

LANÇAROTE.

Logo Petronilha
Delle está namorada ?

CARMOSINA.

Deos me accuda !
Namorada , isso não ; gosta de vello.

LANÇAROTE.

Percebo : vai-te , e vê que a Petronilha
Do que aqui praticaste , nada digas.

CARMOSINA.

Não mo encommende, em pontos de segredo
Ninguem se me avantaja. (Vou correndo
A meter-lho no bico : como he simples !
Deixar eu de fallar não he possivel.)
(*A' parte e vai-se.*)

S C E N A V.

LANÇAROTE só.

QUão gostoso me deixa de huma parte
 Saber , que Petronilha se conforma
 Com a minha vontade neste ajuste ,
 Tão sentido me deixa o ver da outra
 Desvanecido aquelle bom conceito ,
 Que fazia da sua gravidade :
 Ah pobre Lançarote ! Presumias ,
 Que hum tesouro , hum modello tinhas nella
 De mulheres honestas e sesudas ,
 E no cabo te vens a achar logrado !
 Inda quiz a fortuna se inclinasse
 A hum moço tal , qual Lucio me parece ;
 E como outras não foi que se namorão
 De huns certos mochaxins , com que se casão
 Com affronta dos seus , e qué são causa
 De serem toda a vida desgraçadas.
 Fiai-vos em mulheres ; nada , nada ,
 He fazenda de facil avaria ;
 Convem pôlas com dono , logo , logo :
 Inda esta noute quero , que se faça
 Este seu casamento ; mais depressa
 Me livro de cuidados. Oh costumes !
 Oh tempo ! oh como , oh quanto estaes mu-
 (dados !

S C E N A VI.

Gabinete em Casa de D. THADDEO. O mesmo lendo em hum grande livro de linbagens. LOPES sabindo.

LOPES.

BAsta, Senhor, de ler: com tanto estudo
Que pertendes? queimar tuas pestanas?

D. THADDEO.

Estou-me deleitando em ver, meu Lopes,
As armas e os varões assignallados
Da clarissima estirpe dos Montaltos.

LOPES.

Isso ha de ser hum mar de sangue illustre.

D. THADDEO.

Que dizes tu? hum mar? he muitos mares.
Chega cá, ves aqui este colchete?

LOPES.

Onde está o colchete? eu nada vejo,
Mais que duas rabiscas, e humas letras.

D. THADDEO.

Isso mesmo; pois este em si encerra

O Senhor Dom Gosendo de Montalto,
Que he meu setimo Avô por varonia.

LOPES.

Segundo o que discorro, certamente
Que o Senhor Dom Gosendo de Montalto
Foi em seu tempo grande Cavalheiro.

D. THADDEO.

Oh lá se foi! servio huma Comenda
Sendo Fronteiro em Africa com lanças,
Com homem e cavallo á sua custa.
Dali passou á India, e achou-se em Diu
No forte do Badur c'o grande Cunha.

LOPES.

(dalgo!

Oh que homem! oh que heroe! oh que Fi-

D. THADDEO.

Foi em primeiras nupcias recebido
Com a Senhora Dona Urraca Calva,
Herdeira do solar dos Alcarrazes
Do illustrissimo sangue dos Peraltas.

LOPES.

Desses ha hoje muita descendencia:

D. THADDEO.

Por esta parte prendo c'os Magudos
Serrasins de Lanhoso Carpinteiros,

C'os Girões, c'os de Riba de Rize'a,
C'os de Caimbra.

LOPES.

Esses tinhamão máo achaque.

D. THADDEO.

Aqui tens o Senhor Dom Fgas Fafes,
De quem por minha Avó, á muito illustre
Senhora Dona Elvira Esgaratanha,
Decimo Neto sou, que foi cadete.

LOPES.

Em algum Regimento lá do Minho?

D. THADDEO.

Não, homem, não he isso. (Oh que trabalho
Tem em fallar com gente mal creada
Hum homem, que he polido!) Esta palavra
Quer dizer, que não foi o primogenito;
Porém nós os que somos insuvidos,
Usamos della, e de outras semelhantes,
Por affectar nas grandes companhias
Que tambem do Francez temos dous dedos:
Este, como dizia, foi cadete
Da Casa solarenga de Brunhudos;
Achou-se na Batalha de Trancoso,
E nella recebeo vinte feridas,
Que do seu brio forão vinte lingoas.

210 O FALSO HEROÍSMO

Ad. 1.º
LOPES. *Ad. 2.º* (dalgo!

Oh que homem! oh que heróe! oh que Fi-

D. THADDEO.

Por elle tenho a honra de entroncar-me
C'os Barrocos, c'os Atibias, c'os Ansures.

LOPES.

Estou tonto!

D. THADDEO.

Que? pasma? pois espera.

LOPES.

(Triste de mim! em boa estou metido:
Desta feita me estafa sem piedade,
Com a soa estudada parentella.) (*A' parte.*)

D. THADDEO.

Ves est'outro cá?

LOPES.

Muito bem.

D. THADDEO. *Ad. 3.º*

Pois este

He o Senhor Dom Mendo de Montalto,
Meu Treavò, que foi Mestre de Campo
De hum Terço Auxiliar de Tras os montes:
Achou-se na Batalha de Montijo,

É nas do Ameixial , e Linhas d'Elvas ,
No assalto de Valença , e sitio d'Evora :

LOPES.

(dalgo!

Oh que homem ! oh que heróe ! oh que Fi-

D. THADDEO.

Casou com a Senhora Dona Aldonza
Sarraza Gandarei , Pintalha Parda ,
Que destes apellidos tinha o sangue ,
E mais o dos Picheis , e dos Asnares.

LOPES.

Essa não me parece a melhor raça. (A'

D. THADDEO.

parte.)

Que dizes ?

LOPES.

Que direi ? que agora acabo
De conhecer quem hes.

D. THADDEO.

Pois que cuidavas ?

Que era algum escudeiro , ou Fidalgote
De tres ou quatro Avós ? por este lado
Aparento c'os Piscos Sadorninhos.

213 O FALSO HEROISMO

LOPES.

(Santa Barbara seja em minha ajuda ,
Que a grande trovoadá ainda dura !) (A^a
parte.)

D. THADDEO.

C'os da Maia , e Cabrera , c'os Quartelas ;
Porém , ah cão de mim ! de que me serve
O sangue illustre , que nas veias tenho ,
Se offendido me vejo ? se não corro
No vil sangue a lavar de quem me affronta
A minha injuria ? Lopes.

LOPES.

Meu Fidalgo.

D. THADDEO.

Fallaste ao teu Amigo ?

LOPES.

Essa he bonita !

Eu sou homem capaz de descuidar-me
Das cousas de teu gosto ? menos de hora
Haverá que estivemos ambos juntos :
Prometteo-me , que dentro em pouco tempo
A buscar-te viria ; porém como
Seu préstimo he de muitos conhecido ,
Não tem mãos a medir com encommendas
Semelhantes á tua ; e desculpallo

He justo , porque julgo que não tarda.

D. THADDEO.

Está bem ; vai buscar-me chocolate ;
E toma a paga desse teu trabalho. (*Abre
a bolsa , e dá dinheiro a Lopes.*)

LOPES.

Venha , e depois trarei o chocolate.
(*Oh lá ! duas moedas ! não ha cousa
Como servir hum destes namorados ;
De esmola não darão nem hum seutil ;
Porém para pagar a quem os serve
Em cousas de seu gosto , sem reparo
A camisa darão que tem no corpo.*) (*A^o
parte , e vai-se.*)

S C E N A VII.

D. THADDEO só , e depois LOPES:

D. THADDEO.

ALmas de meus Avós , almas Fidalgas,
Que deixar não soubestes sem castigo
O menor desacato ao vosso sangue ,
A paz de que gozaes não vos perturbe
O ver hum Neto vosso hoje ultrajado ;
Que em breve mostrarei , como seguindo
Os illustres exemplos , que deixastes ,

214 O FALSO HEROISMO

Castigo quem se atreve ao meu respeito.

LOPES.

Aqui, Fidalgo, tens o chocolate. *(Ea-
têm dentro.)*

D. THADDEO.

Dá cá ; parece, Lopes, que baterão.

LOPES.

Vou ver, Senhor, quem he. *(Vai-se.)*

D. THADDEO.

Vai. Oh se fosse
Fosse amigo de Lopes ! que não pôde
Descanço ter hum coração fidalgo
Sem ver suas offensas castigadas. *(Sabe
Lopes alvoraçado.)*

LOPES.

Senhor,

D. THADDEO.

Que he isso, Lopes ?

LOPES.

Temos o homem.

D. THADDEO.

Que entre já sem demora : vai correndo !
(Vai-se Lopes.)

Graças aos Ceos! a respirar começo.

SCENA VIII.

D. THADDEO, LOPES E RODRIGO.

RODRIGO.

Sou crendo de Vossa Senhora.

D. THADDEO.

Chegai-vos para cá; que nome tendes?

RODRIGO.

Rodrigo Papa-ferro, ás vossas ordens.

D. THADDEO.

Papa-ferro! he alcunha, ou apellido?

RODRIGO.

He hum nome, que na India me puserão
Os que as façanhas virão do meu braço.

D. THADDEO.

Ora dizei, bom homem, tereis animo
De espancar esta noite certo amigo?

RODRIGO.

Que he ter animo? nunca ... por Santelmo
(Em furor; e deixa cabir D. Thaddeo a chicara
com medo.)

216 O FALSO HEROISMO

Que se não tota . . . em colera me abraso?

LOPES.

Senhor, que he isso? tens alguma cousa?

D. THADDEO.

Foi humia convulsão, que de repente
Neste braço me deo.

LOPES.

(E foi de medo.) (A'

ESTES GRUPO

RODRIGO.

parte.)

Para ouvir esta injuria me chamaste?

ESTES GRUPO

(Para Lopes.)

D. THADDEO.

Rodrigo, socegai vos, não duvido.

RODRIGO.

Que he socegar? Isto não se soffre.
Tereis animo? A mim, que em mil empresas
Tenho em sangue ensopado a minha espada?
Que na frente me achei dos granadeiros
Na escalada de Alorna, onde em fanicos
Fiz de duros Sipaes hum grande Troço?

D. THADDEO.

Rodrigo.

RODRIGO.

Que Rodrigo, ou que Diabo?
Animo a mim, que em dando-me na birra,
Sou capaz de brigar comigo mesmo?
Animo a mim! que em Terracol o fogo
Lancei do Bonsoló á grande armada?

D. THADDEO.

Meu Rodrigo, escutai...

RODRIGO.

Não ouço nada.
Animo a mim, que acceso em fogo e ira
No choque de Rarim quasi agarrado
Tive o negro Desai pelas orelhas?
Que matei, que assollei, que fiz em cacos...

D. THADDEO.

Nunca tal homem vi, Amigo Lopes,
Não me entendo com elle, tu o amansa.

LOPES.

He hum Diabo vivo: Papa-ferro,
O Senhor Dom Thaddeo não entra em du-
Da tua valentia; o perguntar-te (vida
Se terias alento, foi maneira
De fallar.

R. DRAGO.

Isso agora he outra cousa ;
 Mas podia fallar d'outra maneira ,
 E bem mostra , que não conhece o homem ;
 Porém porque outra vez assim não falle ,
 Huma das minhas hei de relatar-lhe .
 Hia huma tarde pelos Remolares
 Na paz de Deos sosinho passeando ,
 Quando se lança a mim para prender-me
 Certo beliguinaz de grande nome :
 Fiz pé atrás , e saco pelo mólho ,
 Logo aos primeiros talhos huma orelha
 Cercea lhe decepei ; então o pobre
 A que d'El Rei bradou , e logo accode
 Todo o poder do mundo em sua ajuda ;
 Chorão sobre mim de toda a parte
 Espadas , espadins , chuços e pedras ;
 Mas eu no recto posto , caras braços ,
 E narizes cortava : toda a tua
 Nadava em sangue , ate que finalmente
 Já terindo de ponta , já de talho ,
 Dei com tudo em pantana , e são e salvo
 Proseguí , como dantes , meu passeio .

LOPES.

Que façanhoso feito ! outro como esse
 Não obrou Ferrabraz de Alexandria .

RODRIGO.

Nem Ferrabraz, nem ainda os doze Pares!

D. THADDEO.

Pasmado estou! Rodrigo he hum corisco:
Amigo, conheceis hum peralvilho,
Que mora nessa rua, á mão esquerda,
Chamado Lucio?

RODRIGO.

Quem, Senhor, o filho
D'hum Doutor, que juntou muito dinheiro
A' conta dos enfermos, que matava?

D. THADDEO.

Sim, esse marote.

RODRIGO.

Oh se conheço!

E por sinal, que dizem que namora
D'hum Fulano Godins a gentil filha.

D. THADDEO.

Basta, não digas mais; toma esta bolsa

RODRIGO.

Seja por caridade.

D. THADDEO.

Pois, Amigo,
Esta noite has de dar-lhe huma massada,
Por minha conta.

RODRIGO.

Queres que lhe corte
Hum braço? que a cabeça lhe decepe?

D. THADDEO.

Não, amigo.

RODRIGO.

Pois se isto não te agrada,
Queres que vivo n'hum espeto to asse,
Que to frija em azeite, que to estole?
Que em mil postas to faça, ou que to ponha
A Santa Unção?

D. THADDEO.

Não; muito menos que isso
Por ora bastará; quero que huns dias
Fique de cama.

RODRIGO.

A Deos.

D. THADDEO.

Com tanta pressa,

Onde vas?

RODRIGO.

Onde hirei ? a obedecer-te :
Desta sorte costuma Papa-ferro
Aos Senhores servir , que o favorecem :
(Partindo.)

LOPES.

Rodrigo.

RODRIGO.

Que me queres ?

LOPES.

Que te accordes
De que partilha me has de dar na bolsa.

RODRIGO.

Pódes dormir teu sono descansado ,
Que corvo nunca a corvo tirou olho.
(Vai-se.)

LOPES.

Pois toma tento , vê não te descuides.

S C E N A IX.

D. THADDEO E LOPES.

D. THADDEO.

Não caibo em mim de gosto! (homem!)
Lopes, que

LOPES.

Homem dizes, Senhor! melhor disseras,
Que tigre, que leão, que centopeia!
Vale pesado a ouro.

D. THADDEO.

Certamente.

De molde o achaste para o meu intento.

LOPES.

Pois que entendias? Eu não sou daquelles,
Que costumão vender gato por lebre:
Pobre Lucio, cahiste em boas unhas!

D. THADDEO.

Ah meu Lopes, de gosto estou pulando!
Já me parece, que gemer o escuto
Com os golpes crueis de Papa-ferro;
Digão o que disserem, hum Fidalgo
Não pôde estar sem estes farropilhas.

LOPES.

Tens razão ás carradas.

D. THADDEO.

Ouve:

LOPES.

Dize.

D. THADDEO.

Olha , não vas dizer a Papa-ferro ,
Que eu o nome lhe dei de Farropilha :
Tu bem sabes o quanto he assomado ,
E não quero , que faça outra estalada.

LOPES.

Essa he boa ! Fidalgo , muito sinto ,
Que de mim faças tao ruim conceito :
Não sabes , que não sou mexeriqueiro ?

D. THADDEO.

A sobeja prudencia nunca dana.

LOPES.

Sempre a prudencia foi capa do medo. (A.
parte.)

S C E N A X.

LISUARTE E OS DITOS.

LISUARTE.

AMigo Dom Thaddeo , ás vossas ordens.

D. THADDEO.

Sejaes , Senhor Filosofo , bem vindo.

LISUARTE.

Se esse nome me daes por morejar-me ,
Entendei , que eu por honra o recebera ,
Se com razão pudera merecello.

D. THADDEO.

Vejão que honra perdeis, que honra perdêrão
Os vossos descendentes ! certamente
De novo timbre o elmo cubritião ,
Se nas arvores vissem de costado
Hum colchete occupado d'hum Filosofo.

LISUARTE.

Se amassem a virtude , o estimarião.

D. THADDEO.

Lisuarte , deixai-vos de loucuras :
O estudo , a applicação somente toca
A essa gente villá : hum Cavalheiro

Deve seguir na vida outra vereda.

LISUARTE.

Segundo esses principios, ignorante
Deve logo ser?

D. THADDEO.

Não ; basta que saiba
Entender , se hum vestido está á moda ,
Bem trizado hum ropete , e bem verguido ;
Que jogue o Wisht , e danse hum minuete ,
Que entenda de hum farsi , d'huma ameleta ,
Se he de Moca o Café , se o Chá tem mofo ;
E para divertir algumas horas ,
Que leia alguns rominhos de Novellas ,
Ou de Lenclos as Cartas amorosas ;

LISUARTE.

Que excellente instrucção ! por esse modo
Serão bons Cidadãos , uteis á Patria. (Com
ironia.)

D. THADDEO.

Se não forem , quaes vós , grandes Filozofos ,
Serão , quaes devem ser , grandes Fidalgos.

LISUARTE.

Não quero porfiar : dizei-me , amigo ,
Que homem he esse que encontrer na Loge ?

D. THADDEO.

Quem ha de ser? hum póbre desvalido,
 Que em minha protecção arrimo busca:
 Vossa Filosofia tambem nisto
 Achará que notar?

LISUARTE.

Tambem, amigo.
 Que hum Fidalgo, que hum homem poderoso
 Honre o merecimento, as portas abraça
 De sua casa aos sabios virtuosos,
 Que a fortuna cruel talvez opprime,
 He digno de louvor, e de imitar-se;
 Mas que atpate e proteja homens infames,
 Taes como este, de quem ora tratamos,
 Que eu ha muito conheço, quem duvida
 Que de grande censura acção he digna?
 Naquelles sempre que aprender achamos;
 Estes só nos pervertem, nos infamão.

D. THADDEO.

Deixai-me com as vossas paradoxas:
 Eu sempre vi, que os grandes, que os honra-
 Em casa derão couto aos criminosos. (dos

LISUARTE.

Se assim fizerão, certamente errarão:
 O homem que he honrado, ama a virtude,
 Ama as leis, ama a Patria, ama a Paz publica;

E como póde amallas quem protege
 Do repouso e razáo os inimigos ?
 Talvez será louvavel dar asilo
 A quem só por desastre tem peccado ;
 Mas valer , amparar facinorosos ,
 Que por gosto obráo mal , e por officio ,
 Empreza he digna só de vituperio.

D. THADDEO.

Arrenego de vós , e mais de quantos
 Filosotos no mundo tem havido.
 Por amor dessa seita hoje protesto ,
 Que nunca a filho meu ensinar mande
 Mais que ler , e escrever , nada de Letras.

LISUARTE.

Obrareis muito mal , se assim fizerdes.

D. THADDEO.

Obrarei muito bem ; basta que saibão
 Quem são, que tem outenta Avós Fidalgos.

LISUARTE.

Boa lembrança , se he para imitallos
 Nas illustres acções , com que ganharão
 A civil distincção , que os authoriza.

D. THADDEO.

Que he isso que dizeis ? ao sangue illustre
 De distincção civil daes vós o titolo ?

LISUARTE.

Pois inda agora estaes em que a nobreza
Das Leis procede ; que ellas nas familias
A conserváo e a tiráo , quando he justo ;
E que deve o que a tem , por não perdella ,
A virtude seguir sempre por Norte ?

D. THADDEO.

Conforme essa doutrina certamente
Não ha no mundo natural nobreza ?

LISUARTE.

Ha , mas essa consiste na virtude.

D. THADDEO.

Não posso já soffrer tanta blasfemia.
Que hum homem , como vós , que repre-
(senta

Dos velhos Fatiões o illustre tronco ,
Contra o sangue fidalgo assim declame !
Veirão o fructo que tiraes do estudo !
Oh bem haja mil vezes o Califa
Que a cinzas reduzio , que fez em cisco
De Ptolomeo a grande Bibliotheca !
Outro tanto fizera , se pudesse ,
E só da minha colera isentára
Os livros de Linhagem e Novellas.

LISUARTE.

Dom Thaddeo, socegai-vos : se esta pratica
 Vos afflige , tratemos de outra cousa.
 Dizei-me , ainda estaes apaixonado
 Contra Lucio ?

D. THADDEO.

Peor ! estaes terrivel :
 Onde lestes vós já , que algum Montalto ,
 Gravemente offendido em ponto d'honra ,
 Sem despicar-se a colera abrandasse ?

LISUARTE.

Com que tendes por honra

D. THADDEO.

Basta ; nisto
 Mais não fallemos : se quereis , que vamos
 Dar hum passeio , vede que he já tempo.

LISUARTE.

Vãmos ; mas reflecti , que dessa sorte
 Correis ao precipicio.

D. THADDEO.

Não importa.
 Se cahir , cuidarei em levantar-me.

LISUARTE.

Talvez que não possaes.

D. THADDEO.

Terei paciencia.
(Vão-se.)

S C E N A XI.

Praça.

LUCIO , e depois LANÇAROTE *sabindo de Casa.*

LUCIO.

Impaciente a escutar venho a sentença ,
Que a morte me ha de dar , ou dar a vida :
Para huma alma , que pende de esperanças,
Não pôde haver estado mais terrivel ,
Que o da mes-na esperança , que a incerteza
De seu proprio destino : a todo o trance
Trago meu coração aparelhado ;
Porém em vão , que quanto mais me chego
Ao momento fatal do desengano ,
Tanto mais congelar-se-me nas veias
O sangue sinto , e desmajar-me vejo.

LANÇAROTE.

Se aqui Lucio vier a procurar-me, (Diz fallando para dentro.)

Dizei-lhe que eu também em sua busca
Agora hia, que espere, que não tardo;
Mas eilo: Lucio.

LUCIO.

Amigo, a buscar venho
De minha pertença o desengano.

LANÇAROTE.

Pois eu vos desengano: Petronilha

LUCIO.

O que, Senhor, oppõe-se a meus desejos?
(Com susto.)

LANÇAROTE.

Com as vossas vontades se conforma.

LUCIO.

Oh mil vezes feliz, alegre instante!
Permitti-me, Senhor, que ás suas plantas
Corra, tanta ventura a agradecer-lhe.

LANÇAROTE.

Parece-me razão; mas socega-vos;
Não vos perturbe tanto o alyoroço;

232 O FALSO HEROISMO

Vamos, porém não vades como louco.

LUCIO.

Quando he grande o prazer, quem não delira?
(Vão-se, e entram para casa de Lançarote.)

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Vista de Jardim em Casa de Lançarote, com hum porta para a Rua.

LANÇAROTE, LUCIO, PETRONILHA
E CARMOSINA.

(Entram Lançarote e Lucio.)
LANÇAROTE.

Filhos, o tempo vda, a noute chega,
E he preciso cuidar em muitas cousas,
Porque possa hoje mesmo concluir-se
O vosso desposorio: Lucio, vinde
Comigo.

Lucio.
Ja vos sigo: Petronilha,
Meu doce bem, em tanto que meus olhos
Dos teus não vem a luz, em que se cevão,
Cá fica o coração, cá fica a alma.

PETRONILHA.

Graças dou ao Destino ; porque posso ,
Sem offender as leis da honestidade ,
Agradecer-te , Lucio , essas finezas ,
E sem pejo dizer-te , que tu foste ,
Que tu hes , e serás de meus cuidados
Primeiro emprego , e ultima esperança.
A Deos , meu Lucio.

LUCIO.

A Deos , amada esposa.

LANÇAROTE.

Vamos por esta porta , que he mais breve.

(Vão-se.)

SCENA II.

PETRONILHA E CARMOSINA.

CARMOSINA.

Com que posso , Senhora , affoutamente
já dar-te os parabens?

PETRONILHA.

Sim , Carmosina.

CARMOSINA.

Já essa alma estará descansadinha,
Livre de vãos escrupulos e sustos,
Que tanto a atormentavão.

PETRONILLA.

Sim, amiga;

Ah! tu não sabes bem, qual he a glória,
O innocente prazer d'hum alma honesta,
De poder, sem offensa da virtude,
Sem remorsos amar, e ser amada.

CARMOSINA.

Desse mal he, Senhora, que eu me queixo;
Mas te juro, que bem depressa o saiba.
Tratarei de casar-me, que hum marido
Nos traz consigo mil commodidades:
Agora o ponto está em descobrillo;
Mas creio que me não será difficil:
Farei como outras fazem; quantos passão
Por-me-hei a namorar a trouxe mouxe,
Té que caia na rede algum madraço:
Não me descuidarei, que a diligencia
Mãi da boa ventura chamão todos.

.AHHHMMTTE

SCENA III.

D. THADDEO E LOPES, *que entram pela porta do Jardim*, e OS DITOS.

D. THADDEO.

Como vi que essa porta estava aberta,
Não quiz perder, oh falsa Petronilha,
A occasião de ver-vos, e queixar-me.

PETRONILHA.

Que liberdade, Dom Thaddeo, he esta?

D. THADDEO.

Vós estranhaes as minhas justas queixas?

PETRONILHA.

Muitas cousas estranho, estranho o ver-vos
Entrar tão livremente nesta casa.

CARMOSINA.

Inda bem: ora toma, a que te sabe?
Parece que lhe amarga este bocado. (A)

PETRONILHA.

Estranho o incivil, o solto modo
Com que fallar me ousoes! dei-vos acaso
Algum dia, Senhor, a confiança

236 O FALSO HEROÍSMO

Para assim me insultar , chamar-me falsa !
Ou em minhas acções , em meus discursos
Vistes algum sinal de que attendia
A vossos atrevidos pensamentos ?

D. THADDEO.

Como estaes melindrosa ! se eu não fora
Dom Thaddeo , Petronilha , e fora Lucio ,
Póde ser que mais terna me escutasseis.

PETRONILHA.

Que loucura ! já vosso atrevimento
Em insolencia toca ; antes pois que ella
Vá subindo de pontô , me retiro. (*Vai-se.*)

SCENA IV.

5 asxioup estm

D. THADDEO , LOPES E CARMOSINA.

20V-10V O ONDE D. THADDEO.

QUE vá , e que soberba ! Carmosina ,
Que dizes do capricho de tua ama ?

(N) 20V-10V CARMOSINA.

Eu não me meto cá nessas alhadas ;
Trate quem as armou de desarmallas.

20V-10V D. THADDEO.
Pois parece-te bem , que Petronilha

Com tanto menos preço attenda e falle
 A hum homem, qual eu sou, a hũ Cavalheiro,
 Que conta mais de outenta Avós Fidalgos?

CARMOSINA.

Sua alma, sua palma; lá se avenhão,
 Que eu já disse, com isso não me meto.

D. THADDEO.

Estou fora de mim! Lopes.

LOPES.

Fidalgo.

D. THADDEO.

Vamo-nos logo, logo desta casa,
 Antes que meu furor me precipite. (*Vai-se.*)

LOPES.

Sim, fazes bem, deixemos esta tonta,
 Que não sabe o respeito, que se deve
 A hum heróe da prosapia dos Montaltos;
 Que o favor não conhece que lhe fazes:
 Lê com Lé, Cré com Cré, diz o ditado.

SCENA V.

LOPES E CARMOSINA.

CARMOSINA.

Ciô, ah! Senhor.

LOPES.

Senhor! isso he comigo?

CARMOSINA.

Senhor, sim.

LOPES.

(si-ri-ri) Senhor, sim! pois que pertendes
Deste teu servo, minha Carmosina?

CARMOSINA.

Queria

LOPES.

Que querias? dize o resto;
Avia, que não posso demorar-me.

CARMOSINA.

Queria

LOPES.

Sim , bem sei ; não caio em opios,
Querias divertir-te á minha custa.

CARMOSINA.

Deos me accuda ! eu contigo obrar havia
Huma tal travessura ! queria . . .

LOPES.

A Deos.

CARMOSINA.

Ouve : aonde vás tu com tanta pressa?

LOPES.

Vou fugindo de ouvir tanto queria.

CARMOSINA.

Pois vai-te ; huma grande novidade
Pertendia contar-te ; porèm como
Estás tão apressado , podes hir-te ;
Ficarás sem sabella.

LOPES.

Novidade !

Estou tentado ; resistir não posso :
Aqui de pés e mãos ás tuas plantas
Amarrado me tens , podes contalla.

com ab obatio

CARMOSINA.

He cousa de segredo , e entro em duvida ,
Se coração teras para goardallo.

LOPES.

Que misteriosa estás ! de mim duvidas ,
Que capaz de goardar seja hum segredo ?
De mim , de mim , que toda a minha vida
Corretor de segredos tenho sido ?
Ora dize , que estallo por sabello.

CARMOSINA.

Saberás , que esta noute o Senhor Lucio...

LOPES.

Não me faças agoar , acaba , dize.

CARMOSINA.

Se recebe com Dona Petronilha.

LOPES.

Que me contas ? isso he certo ?

CARMOSINA.

Essa he boa !
Certissimo.

LOPES.

Coitado de meu Amo !

Eu fico , que esta noute ao miseravel
As pulgas não o mordão : pobre homem !

CARMOSINA.

Não te quero mais nada , podes hir-te.

LOPES.

Senhora Carmosina , ás suas ordens.
(*Fazendo huma cortezia.*)

CARMOSINA.

Huma creada sou do Senhor Lopes.
(*Fazendo huma mesura.*)

Ciô.

LOPES.

Que he isso ? esqueceo-te alguma cousa ?
Se tens mais que dizer , não te arrependas ;
Que eu para dar-te gosto , rapariga ,
Ouvindo-te estarei hum anno inteiro.

CARMOSINA.

Nada , amigo ; mas só lembra-te quero ;
Que vejas o que fazes , pois em boca
Fechada nunca entrada acharão moscas :
Entendes ?

LOPES.

Bellamente : sem receo
Algum podes ficar , que eu te prometto

242 O FALSO HEROISMO

A' fé de bom Lacaio , que bem cedo ,
Por minha conta fica , não te affijas ,
Saberás qual eu sou , como me porto.
(*Vai-se Carmosina.*)

Pés para que te quero , vou n'hum pulo
A contar esta grande novidade
Ao meu Fidalgo , que ha de ficar fresco.
(*Vai-se.*)

S C E N A VI.

Praça.

D. THADDEO , e logo LOPES.

D. THADDEO.

ASSIM se ultraja o Chefe da Familia
Dos Montaltes ! assim hum Cavalheiro
Descendente dos Godos se maltrara !
E serás , Dom Thaddeo , tão pusilanime ,
Que o soffras , sem tomar disso despique ?
Não , não : eu saberei achar maneira
De ensinar huma louca , huma vaidosa.
Mas que estará fazendo nessa casa
Lopes , que tanto tarda ?

LOPES.

Senhor.

D. THADDEO.

Lopes,
Que me dizes de Dona Petronilha ?
Do desdem , da soberba , e do desprezo ,
Com que hum homem tratou da minha este-

LOPES.

(ra ?

Que hei de dizer ? não sei como a soffreste ,
Como hum heróe , de tantos heróes neto ,
Pòde ter coração e soffrimento
Para aturar desdens de huma ranhosa.

D. THADDEO.

Não te espantes , que mais soffreo Alcides ,
Dos bellos olhos de Omphale cativo.

LOPES.

Não vi comparação mais ajustada.

D. THADDEO.

Mas deixa-a tu comigo , que bem cedo
Verás como abaixarilhe faço a grimpa.

LOPES.

O peor não he isso.

D. THADDEO.

Pois que temos ?
Alguma novidade ?

Q ii

LOPES.

Sim , e grande.

D. THADDEO.

Grande ! Conta-ma já , não te demores.

LOPES.

Pois , Senhor , etsa noute se desposa
Com Lucio.

D. THADDEO.

Que me contas ?

LOPES.

O que passá.

D. THADDEO:

E donde o sabes ?

LOPES:

Neste mesmo instante
Acaba de contar-mo Carmosina.

D. THADDEO.

Depressa a procurar vamos Rodrigo.

LOPES.

Para que ?

D. THADDEO.

Grande mal , grande remedio ;
Outro a este não ha , senão a morte
De Lucio ; sem demora Papa-lerro
Corramos a buscar , não soffre o caso
A menor dilação , que o tempo vò :
Tu como seu amigo , has de por força
Saber onde elle assiste , onde podemos.
Prontamente encontrallo : vamos , vamos.

LOPES.

Como he homem, Senhor, de capa em collo,
Não tem morada certa ; mas parece-me ,
Que só n'huma taverna aqui vizinha ,
Onde costuma ter sua assembléa ,
Achallo a estas horas poderemos,

D. THADDEO.

Em que rua nos fica essa taverna?

LOPES.

Nesta da mão esquerda , junto ás casas
Onde mora

D. THADDEO.

Quem , Lopes?

LOPES.

O tal Lucio.

D. THADDEO.

Pois corramos , amigo , a procurallo.
(*Vai-se.*)

S C E N A VII.

LOPES , e depois D. THADDEO E RODRIGO.

LOPES.

V Ai andando , Senhor , que eu já te sigo :
Não me cheira já bem este negocio ;
Verei se posso delle ir me escoando :
(*Ruido de cutiladas.*)

Eu o dissera , remo-la travada.
Famosissimo Author Dom João d'Espinha ,
Que a baixa e simples plebe de Lisboa ,
Com tuas negras artes embaçbacas ,
Onde estás , que não vens ora valet-me ,
E em menos de hum minuto me transportas,
E me pões daqui mais de tres mil legoas ?
(*Sabe D. Thaddeo fugindo , e Rodrigo dando-lhe.*)

D. THADDEO.

Olha que sou eu.

RODRIGO.

Que eu ! á meia noute
 Não conheço Flamengos , vá levando ;
 Já que he tão insolente , que inquieta
 As mulheres honestas e sesudas.

(Dando-lhe.)

D. THADDEO.

Vè que sou Dom Thaddeo , meu Papa-ferro.

RODRIGO.

Dom Thaddeo !

LOPES.

Sim , Rodrigo , he o Fidalgo.

RODRIGO.

Pois perdoe ; enganei-me ; que era Lucio ;
 Esse bem empennado , presumia.

(Ficou bem convidado o Cavalheiro !) (A
 parte.)

D. THADDEO.

He valente enganar !

RODRIGO.

Senhor , de noute
 Todos os gatos dizem que são pardos.

D. THADDEO.

Está bem: Lopes, vai buscar n'hum pulo
Huma luz, para ver se estou ferido.

LOPES.

A casa vou correndo.

RODRIGO.

Boa historia!
Não tenha susto Vossa Senhoria,
Que eu trava de prancha.

D. THADDEO.

Mas voltar-se
No ar podia a espada, e neste lado
Sinto huma grande dor: outra como esta
Nunca me aconteceu.

RODRIGO.

Por isso a estranha;
Mas dizem que huma vez he a primeira,
E não he mão que apprenda á sua custa
A não ser tão feroz. (A' parte.)

LOPES.

Senhor, vejamos (Sa-
he Lopes com hum archote acceso.)
A parte, em que te queixas.

D. THADDEO.

Nesta espada.

LOPES.

Aqui?

D. THADDEO.

Mais para cima , de vagar ; *(Sentindo-se.)*

Parece-me que estou banhado em sangue.

LOPES.

Será suor causado pelo susto. *(A' parte.)*

RODRIGO.

Aqui?

D. THADDEO.

Mais para cima.

LOPES.

Não tem nada.

D. THADDEO.

Vê, Lopes , bem.

LOPES.

Está muito bem visto.

D. THADDEO.

Com que estou são e salvo ?

RODRIGO.

Não tem duvida.

D. THADDEO.

Graças ao Ceo , que me livrou do risco.

LOPES.

Alguma alma , Senhor , boa e devota
Orou por ti ; não sei como escapaste
Deste fero Leão ás fortes unhas !

D. THADDEO.

Rodrigo , o feito já não tem remedio ,
E tratemos daquillo que releva :
Esta noute sem falta nos havemos
De descartar de Lucio.

RODRIGO.

Como he isso ?

D. THADDEO.

Havemos de cose-lo a estocadas.

RODRIGO.

Zombaes , Fidalgo ?

D. THADDEO.

Não, fallo de veras.

RODRIGO.

Esse caso, Senhor, he mais comprido ;
E bem que este meu braço só podia
Mete-lo sete braças pela terra,
Como contão da pedra do corisco ;
Porque não possa o passaro escapar-nos ,
Mais gente se precisa, e mais conselho.

D. THADDEO.

Pois vê como ha de ser, que este successo
De teu valor só fio e exp'riencia.

RODRIGO.

Vá para casa Vossa Senhoria ,
Em quanto sem demora a buscar parto
Mais dous outros Amigos de mão chea ,
Gente ousada, e capaz de toda a empreza ;
E lá por nós aguarde.

D. THADDEO.

Vai depressa.

RODRIGO.

Dentro d'hum quarto lá seremos todos.
(Vai-se.)

S C E N A VIII.

D. THADDEO, LOPES, e depois LUCIO:

D. THADDEO.

JÁ me não cabe o coração no peito
Com o gosto de ver-me brevemente
Sem rival . que me offenda , e castigados
Os caprichos de Dona Petronilha.

LOPES.

E o meu está de medo tafe , tafe.

D. THADDEO.

Amigo Lucio , aqui , e a estas horas ?

LUCIO.

Vou a casa a dispor algumas cousas.

D. THADDEO.

Sim , já sei : certamente idea ornar-vos
Para a funcção dos vossos desposorios :
Sois das vossas venturas muito avaro ,
Dellas aos bons amigos não quizestes
Dar parte.

LUCIO.

Perdoai , não tive tempo.

D. THADDEO.

Pois sabeí, que eu estimo como proprio
O que vos dá prazer.

LUCIO.

Eu o conheço.

D. THADDEO.

Mas dizei-me....

LUCIO.

Não posso dilatar-me ;
Dai-me licença , a Deos , sou vosso servo.

D. THADDEO.

(*Vai-se.*)

E eu, Lucio, vosso amigo verdadeiro.

S C E N A IX.

D. THADDEO E LOPES.

D. THADDEO.

V Ai-te nas horas más, que bem depressa
Provaras quem eu sou, e a triste sorte
De quem a competir ousa vamente
Com Thaddeo de Montalto : Lopes, vamos
Para a grande funcção a preparar-nos.

LOPES.

Senhor , a graça quero que me faças
De dispensar comigo : huma visita
Desejava fazer a certo amigo ,
Que enfermo jaz na cama ha mōitos dias ;
He de misericordia obra , e alem disso
Passar por descortes nāo appeteço ,
Que he hum grande tesouro a cortesia.

D. THADDEO.

Nāo tens que me rogar , quero que vejas
Como florēa a espada este meu braço ,
Como vingat-me sei de quem me agrava.

LOPES.

Faze conta que o vi , nem eu preciso
De outra prova maior do teu esforço ,
Que a de seres , Senhor , por linha recta ,
Descendente do grande Dom Gosende ,
Que em Africa servio huma Comenda
Com homens e cavallo á sua custa ,
E da grande Senhora Dona Urraca ,
Herdeira do solar de Alcaparrazes ,
Do illustrissimo sargue dos Peraltas.

D. THADDEO.

Nāo , amigo ; vai muita differença
Do vivo ao que se pinta : muitas vezes
Se pintāo as emprezas quaes nāo forāo ,

Usurpando-se a gloria indignamente
 A quem mais trabalhou por merecella ;
 Porque assim não socceda , serás huma
 Testemunha ocular do meu esforço.

LOPES.

Não vi cousa , Fidalgo , mais superflua ;
 Quem descende dos Caimbras, Sadorninhos,
 Dos Piscos , ou Zarolhos , dos Asnares ,
 He discreto , he gentil , valente , he tudo.

D. THADDEO.

Não tens que te cansar , has de ir comigo.

LOPES.

Já que teimaes , iremos : paciencia.
 (*Vai-se D. Thaddeo.*)
 Se eu desta me escapar a salvamento,
 A cera mandarei logo pesar-me.

S C E N A X.

LOPES, HUM LACAIO de Lançarote,
 DOUS GALLEGOS carregados de viandas.

GALLEGO.

AH nosso Amo, não vá com tanta pressa;
 Deixe-nos refolgar, que não podemos
 Dar mais huma passada de estafados.

SILVA.

Logo descançarão á perna solta;
 A casa he perto, e o tempo não he muito;
 E o bom do cozinheiro a estas horas
 Da tardança ha de estar desesperado.

LOPES.

Oh lá! que gente he esta? são Gallegos,
 Que para casa vão de Lançarote,
 De viandas para a cèa carregados.

SILVA.

Entrem cá para dentro, andem depressa.

GALLEGO.

De vagar: Vossè pensa, que podemos
 Tão lestes caminhar com tanto peso?

LOPES.

Não vão mal aviados os dous brutos,
 Pobre gente! a estas horas muito alegre
 Huma grande funcção está dispondo,
 E o doudo de meu Amo brevemente,
 Todo este regozijo e alegria
 Em luto tornará, angustia e pranto.
 Mas tu desta desordem, Senhor Lopes,
 A culpa toda tens; se tu não foras
 Lingoaraz, nada disto soccedera;
 Mas ninguem da primeira vive livre,
 O ponto está na emenda: eu a prometto,
 Inda que dizem, que de bons propositos
 O Inferno está cheo: por agora
 Vamo-nos transformar em Sancho Pansa,
 Já que meu Amo he outro Dom Quixote:
 Muito desta aventura me receio! (*Vai-se.*)

S C E N A XI.

LANÇAROTE só.

JÁ não posso bulir-me de cansado;
 Tantas as voltas são que tenho dado,
 Para que hoje pudesse rematar-se
 Da minha Petronilha o casamento.
 Oh Filhos com tanta ancia suspirados!
 Este he vosso descanso: quanto susto,
 Quanta fadiga daes a hum Pai honrado!

Tom. IV.

R

258 O FALSO HEROÏSMO

Mas todo este trabalho de barato
Dou por vella feliz , e bem casada ,
E a mim livre de Chás e de Assembléas ,
Ou de que grito , e que cutros ignaes nomes
Estes moços me dem , que andão na berra ,
Que se chamão Tatúes de quarto voto ,
E outros titulos tomão mais ridiculos :
Seu marido que tome conta della ,
E a seu gosto a governe

S C E N A XII.

LANÇAROTE, RODRIGO, e mais dous
Embuçados com espadas novas.

LANÇAROTE.

Que embuçados
Serão estes ?

RODRIGO.

Entremos , Companheiros ,
Que ha de estar Dom Thaddeo desesperado
Pela nossa demora. (*Entrão em Casa de
D. Thaddeo.*)

LANÇAROTE.

Para casa
De Dom Thaddeo entrarão. A estas horas

Para casa de hum moço , e Cavalheiro ,
 E não dos mais prudentes , tanta gente ,
 Tão rebuçada , bem me não parece ;
 Mas que tenho eu com isso ? vou-me a casa.
*(Ao entrar em casa, encontra com os Gallegos
 que sabião.)*

Quem vem lá ? tenha mão. (a)

GALLEGO.

Somos os homens
 De ganhar , que trouxemos a comida.

LANÇAROTE.

Pagarão-lhes ?

GALLEGO.

Senhor , alguma cousa
 Nos derão ; mas não quanto merecia
 Nosso grande trabalho.

LANÇAROTE.

Vossès nunca ,
 Por mais que lhes dem , ficão satisfeitos.

R ii

(a) Este principio do Verso não vem na Cópia da Comedia , onde só se acha apontado que Lançarote he que continua a fallar.

GALLEGO.

Senhor noss'amo , sempre a seu mandado.

S C E N A XIII.

Sabem de Casa de D. Thaddeo LOPES ,
RODRIGO , E OS DOUS REBUÇADOS
todos de capote , e com espadas nuas , D.
THADDEO *com huma saia de malhas sobre*
o vestido. LOPES com peito , espaldar , mar-
rião , rodela , e hum grande bacamarte a tira-
collo.

RODRIGO.

(za ,
S Enhores meus , a grande e illustre empre-
Em que vamos a entrar , de tanto peso
He para todos nós , que ella só basta
A animar-nos a obrar acções heroicas ;
Mas porque nos combates vale ás vezes
A disciplina muito mais que o numero ,
He preciso que entremos na peleja
Conforme as regras que prescreve a arte.
Neste supposto tu , amigo Lontra ,
Toma o lado direito , e tu Pintado ,
No esquerdo marcharás , que eu vou no centro.
Ao Senhor Dom Thaddeo a retaguarda ,
Que he lugar mais seguro , lhe compete ,
E na reserva irá o nosso Lopes.

LOPES.

Nunca vi melhor ordem de batalha.

D. THADDEO.

Que grande homem ! meu Lopes, admirado
Seu esforço me tem , sua prudencia.

LOPES.

He hum pasmo , capaz e capacissimo (to.
De mandar na campanha hum grande exerci-

RODRIGO.

Assim todos unidos e formados,
Firmos no Inimigo , e certamente
Sera nossa a victoria ; mas se a sorte
Ordenar o contrario , então tu , Lopes ,
Corre em nosso favor , e descarrega
Com boa pontaria o bacamarte.

LOPES.

Vai seguro , que pela minha parte
Eu te fico , que não se irá o Lobo.

RODRIGO.

Está tudo disposto ?

D. THADDEO.

Sim , Rodrigo.

RODRIGO.

Sentido : marcha a unir : alto : marchemos.
(Segundo as vozes de Rodrigo se põem todos em ordem dada , que occupa o lugar entre os dons embuçados ; só Lopes fica no Theatro , e os mais marchão.)

S C E N A XIV.

LOPES , e depois LISUARTE.

LOPES.

SENhor Lopes , Vossè que tem a gloria
 De mandar neste novo Roncesvalles
 O Corpo de reserva , escolha o posto ,
 Que julgar mais seguro : outro não vejo.
(O'hando para todas as partes se arruma á porta de D. Thaddeo.)
 Melhor , mais ajustado a seus projectos ,
 A seu valor , que junto desta porta.
 Se vir este conflicto mal parado ,
 Em casa me recolho , e lá se avenhão.

LISUARTE.

Depois que vi de Dom Thaddeo na Loje
 Aquelle homem , não sei o que receio ,
 O que meu coração me vaticina ;
 Não posso socegar ; mas assim deve

Ser o fiel amigo : como proprio
 Deve buscar o bem de seu amigo ,
 Trabalhar com terror em apartallo
 De quanto pôde denegrir-lhe o nome ,
 Do que pôde causar-lhe a menor nota.
 Venho a fallar-lhe só por ver se alcanço
 Outros alguns sinais do que já temo.
 Aqui o creado está : amigo Lopes.

LOPES.

Que terrivel encontro ! Quem me chama ?

LISUARTE.

Sou eu : não me conheces ?

LOPES.

Perdoai-me ,

Com o escuro que faz , não atinava
 Com a voz.

esqueci-me

LISUARTE.

Dom Thaddeo está em casa ?

LOPES.

Não, Senhor ; sahio della ha pouco tempo.

LISUARTE.

Pois onde o achassi ?

LOPES.

Boa pergunta!
Que sei eu? Por ventura elle costuma
Dar-me conta de seus divertimentos?

LISUARTE.

Espera, que tens tu sobre a cabeça?

LOPES.

Huma monteira. *(Rebuçando-se.)*

LISUARTE.

Chega cá, que escondes?

LOPES.

Nada, Senhor.

LISUARTE.

Deixa-me ver, não fujas.
Oh lá! hum bacamarte!

LOPES.

Bacamarte! *(Com
espanto.)*

He verdade; enganei-me, cuidei que era
Hum pequeno fagote, em que costuma,
Para se divertir, tocar meu Amo.

LISUARTE.

Tu hes forte Raposo, não me enganas:
Alguma historia debes ter sem duvida.

LOPES.

Quem, eu, Senhor? historia! nunca crea;
Cá o pobre não he homem de historias.

LISUARTE.

Dize a verdade: que ouço? *(Ruido das
espadas.)*

LUCIO.

Vis traidores,
(Dentro.)

Tantos contra hum!

LISUARTE.

Aquella voz parece
Ser de Lucio; vou pronto a soccorrello.
(Parte, e continua a pendencia.)

SCENA XV.

LOPES, e os mais que fallão dentro.

LOPES.

EIs com Pero bonito o touro temos.

RODRIGO.

Ah Lopes! Onde estás que não accodes?

LOPES. (Dentro.)

Estou os touros vendo de palanque.

RODRIGO.

Lopes, he tempo, faze fogo, atira.

LOPES. (Dentro.)

Que Lopes, nem que droga! tão pateta
Esta gente me julga, que anda espera,
Que do Lobo me vá meter na boca?

LANÇAROTE.

Silva, depressa accode, traze luzes.

(Dentro de casa.)

D. THADDEO.

Lopes, despára, he tempo. (Dentro.)

LOPES.

Está na tinta
Para sahir de roixo, por instantes.
Me estou metendo em casa.

D. THADDEO.

Lopes, Lopes.
(Dentro.)

LOPES.

Grite quanto quizer, que eu não me mexo.

SCENA XVI.

Abre-se a porta das Casas de LANÇA-ROTE, que sahe com huma espada, como quem vem acudir á pendencia: com elle sahirão alguns crentes com luzes; CARMOSINA, e PETRONILHA chegam á janella; e neste tempo sahirão brigando LUCIO, e D. THADDEO.

CARMOSINA.

Muito folgo de ver huma pendencia.

PETRONILHA.

Triste de mim, que he Lucio! (Metendo-se para dentro com muita pressa.)

CARMOSINA.

Onde, Senhora,
Com tanta furia coíres?

LANÇAROTE.

Paz, Senhores.
Entre amigos? que he isto? paz: apartem-se.

D. THADDEO.

Desgraçado de mim! estou perdido. (*Ca-*
he-lhe a espada da mão.)

Sabe Petronilha correndo a Lucio, e Car-
mosina.

PETRONILHA.

Ah Lucio!

LANÇAROTE.

Petronilha, que loucura
He a vossa?

LUCIO.

Senhora, socegai-vos.

S C E N A XVII.

OS DITOS E LISUARTE, *que sabe com
a espada nua.*

LISUARTE.

Fugirão os cobardes . . . mas que vejo!
Dom Thaddeo! oh que infamia! não debalde
O discurso este lance suspeitava.

LUCIO.

Dom Thaddeo, vós sem causa, nem motivo
Pertendeste vilmente assassinar-me:
Na minha mão está tomar vingança
De tão indigna acção, tão detestavel;
Mas n'uma alma, que estima a honra e brio,
Tão indigna paixão lugar não acha.
Agora o que pertendo, he só mostrar-vos
Como hum homem honrado se despica:
Aqui tendes, tomai a vos a espada,
E de mim apprendei d hoje em diante
Com que brio deveis tirar por ella.

LANÇAROTE.

Que honrado coração!

LISUARTE.

Que nobre peito!

LOPES.

Eis ali o que eu chamo ser Fidalgo.

D. THADDEO.

Estou corrido : que isto me socceda !

LANÇAROTE.

Dom Thaddeo , esta casa sempre aberta
Esteve para vós , quando entendia
Que eréis , qual deve ser hum Cavalheiro ,
A's leis fiel , fiel com os amigos :
Hoje porém que vejo me enganava ,
O favor me fazei de não tornardes
A pòr nella os pés. Lucio , Petronilha ,
Para dentro nos vamos : Lisuarte ,
Honrai-nos com a vossa companhia.

LISUARTE.

(Vai-se.)

Já vos sigo , Senhor.

PETRONILHA.

Ah ! que de susto
Inda bem não respiro , amado Lucio !

LUCIO.

Querida Petronilha , a gozar vamos
Do nosso puro amor o doce fructo.

(Vão-se.)

LISUARTE.

Dom Thaddeo , como amigo verdadeiro ,
 Trabalhei por poupar-vos esta infamia ;
 Mas do vosso furor precipitado ,
 Tanto contra a razão vos obstinastes ,
 Os ouvidos cerrando aos bons conselhos ,
 Que chegastes a ser hum assassino ,
 O escarneo , o odio , a fabula do Povo.
 Ficai pois c'os infames companheiros ,
 Que escolhestes ; mas tende na memoria ,
 Que sem virtude he vã toda a nobreza.

LOPES.

(Va-se.)

Eu tambem, meu Fidalgo, que amo e estimo
 A paz, mais o socego, e que não quero
 Por amor destas suas travessuras
 A' dependura pôr-me, ou que me mandem
 A Cabo Verde a pentear bugios,
 Que he o premio mais certo, que se tira
 De taes serviços; já de de este instante
 De sua companhia me despeço.
 Carmosina.

CARMOSINA.

Que queres?

LOPES.

Do banquete
 Posso esperar tambem algum bocado?

CARMOSINA.

Oh lá se podes ! entra sem receo ,
 Que não has de perder tuas passadas.
 Meu Senhor Dom Thaddeo, sou sua escrava,
 Fique-se c'os outenta Avós Fidalgos. (*Fa-
 zendo huma mesura , vai-se com Lopes.*)

D. THADDEO.

Que he o que por mim passa ! eu espancado !
 Dos meus desamparado ! escarnecido
 Com tanto opprobrio meu de todo o povo !
 Mas este he sempre o fructo que recolhe
 Quem das proprias paixões segue o capricho,
 E de paixões tão loucas como as minhas ;
 Quem os ouvidos fecha aos bons conselhos
 Do sabio virtuoso ; quem escolhe
 A companhia vil de homens perdidos ,
 Que procurão dos Grandes com a sombra
 Seus delictos cobrir : pois que remedio ?
 Que remedio ? Thaddeo , mudar de vida ;
 E se até hoje escandalo da gente
 Fui com minha soberba , com meus vicios ,
 Desde aqui detestando a vã idéa
 De hum Heroismo falso , que seguia ,
 Dar-lhe em minhas acções justas , honradas,
 Altos exemplos de immortal virtude.

Fim da Comedia.

IPHIGENIA EM TAURIDE.

TRAGEDIA DE M.^r DE LA TOUCHE,Passada á Lingoagem Portugueza da
Lingua Franceza

POR ELPINO NONACRIENSE.

Não foi possível descobrir em parte alguma o original da Traducção desta Tragedia; e até a copia, que servio para a impressão, estava tão disfigurada, por ignorancia ou excessiva incuria de quem a escreveu, que não seria possível publicar-se; á não ter apparecido (depois de se ter muito tempo procurado debalde) hum Exemplar da nova Edicção da Tragedia Franceza de Guymond de la Touche feita em Haya no anno de 1780, á vista do qual se emendou a dita Copia defeituosa. O que expressamente se adverte, para que no caso em que se descubra o original da Traducção de Diniz, não pareça ou que as variantes da impressa serão escritas pelo mesmo Poeta, ou que temerariamente e sem necessidade lhe forão attribuidas pelo Editor.

INTERLOCUTORES.

- THOANTE**, Chefe da Tauride.
ORESTES, Rei d'Argos e de Mycenae,
 Irmão de Iphigenia.
PILADES, Rei da Phocida, amigo de
 Orestes.
IPHIGENIA, Summa Sacerdotiza de Dia-
 na.
ISMENIA, } Sacerdotizas de Diana, con-
EUMENE, } fidentes de Iphigenia.
ARBAS, Official das Goardas de Thoante.
HUM ESCRAVO, Confidente de Isme-
 nia.
SACERDOTIZAS.
SOLDADOS de Orestes e de Pilades.
GOARDAS de Thoante.

A Scena he em Tauride, no Templo
 de Diana.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

IPHIGENIA *prostrada ante as Aras de Diana.*

DEoses , cujo favor tremendo imploro
Em vossas santas Aras , ah ! dignai-vos ,
Provando-me a constancia , de alentar-m'a !
Do sonho, que me aterra, o horror e espanto
Benignos me acclarai : ah ! por ventura
He dos vossos Decretos mensageiro ?

SCENA II.

IPHIGENIA E ISMENIA.

ISMENIA *no fundo do Theatro.*

Que accentos dolorosos a minha alma
Enchem de susto ? a triste voz , que escuto ,
De Iphigenia não he , desteita em pranto ?

IPHIGENIA *levantando-se.*

Hes tu , cujo cuidado me he tão grato ,
Unico allivio , que no mundo resta ;

A meus cruéis pezares ?

ISMENIA.

Ah, Senhora !

Vós tremer me fazeis : nestes altares
 Cheos de horror , que as trevas inda fazem
 Mais horrorosos , pallida e tremendo ,
 Que vindes a buscar ? vós que de dia
 Apenas a chegar ousais a elles ?
 Que algum novo Decreto sanguinoso
 Expedido se tenha , me não consta.
 Do barbaro Thoante a tirannia
 Ainda dorme ; e sua alma que vela
 Toda á Superstição sacrificada ,
 Avida por dever de sangue humano ,
 Inda á casta Diana e sua Estatua
 Com o terror . que o mata , não fatiga :
 Mas que vejo ? de espanto perturbados
 Vossos sentidos ? vossos olhos bellos
 De hum chuveiro de lagrimas cobertos !...

IPHIGENIA.

Ah Diana ! porque sacrificada
 Em Aulide não tui da Grecia á gloria ,
 E do filho de Thetis ? ou ao menos ,
 Quando teu forte braço longe della
 A países tão barbaros me trouxe ,
 Porque a tiranna Lei contra os Estranhos ,
 Em teu sagrado nome promulgada ,
 Não padeci ? Oh Deosa !...

ISMENIA.

Por que causa
A Diana exprobrais sempre a piedade ,
Com que da morte vos salvou benigna ?
Ah ! temei que tão mal recompensada
Sua grande bondade , em fim se offenda
De teu pranto sem fim : mas neste dia ,
Que repontando no horizonte assoma ,
Que causa pôde haver para dobrallo ?
O sangue talvez he , que vosso braço
Verter deve ? de hum peito enternecido
Victima deploravel , talvez vistes
Ontem junto do Templo sobre a arêa
Jazer sem movimento , sem sentidos ,
O mesquinho estrangeiro , que no excesso
Do horrivel zelo , que a razão lhe turba ,
Os tirannos desvelos de Thoante
Fizerão outra vez tornar á vida ?

IPHIGENIA.

Para que havia vello ? por ventura
Para encher-me de horror não são bastantes
Os males que me são annunciados ?
Oh ! e a que eternas lagrimas dos Astros
Pareço destinada ! e illudida
De huma vá esperança ter vivido !
Oh destino cruel ! não vim ao mundo
Mais que para soffrer ! perpetuamente
Me verei neste Templo sanguinoso

278 IPHIGENIA EM TAURIDE

Sem viver, nem morrer, mesquinha escrava;
Arrojar a cadêa carregada;
Victima a cada instante de hum emprego
Aborrecido ; horror da natureza,
E pôde ser tambem horror dos Deoses ?

ISMENIA.

Que ? perdestes acaso a confiança
Que tinhas em Orestes , e esquecestes
Esta esperança só que vos restava ?

IPHIGENIA.

Vá esperança ! a sua triste morte
Assás me foi predita : hum feo sonho,
A meu coração triste inda presente

ISMENIA.

Porque de huma illusão vos turbais tanto ?
Filha do Rei dos Reis temeis hum sonho ?

IPHIGENIA.

Devem os desgraçados temer tudo.
Mas que amarga lembrança a perturbar-me
Presentemente vem ? quando enganada
De hum brilhante Hymeneo nas esperanças,
De Aulide conduzida fui aos campos ;
De meus feros destinos mensageiro ,
Igualmente de horror me encheo hum sonho:
Nelle de Agamemnon vi os enganos ;
Eu o vi , ultrajando a natureza ,

De hum titolo zeloso que manchava,
De Diana nas Aras sacrosantas,
Em vez do Esposo, apresentar-me a morte!

ISMENIA.

E que novo fantasma, que presagio
Da razão hoje o uso vos suspende?
Declatai-me, Senhora; que o contallos,
Dos males mais crueis a dor modeta.

IRAGENIA.

De alegria e de horror oh que mistura!
O lugar outra vez a ver tornava
Tão ternamente da minha alma amado;
No seio da razão, da humanidade,
A paz co' a liberdade eu respirava;
De seu Paço no centro magestoso
Os authores buscava desta vida;
Quando hum rumor terrivel e espantoso
Dos abismos da morte se levanta,
Que sob os passos meus tremer fazia
Os marmores do rico pavimento.
De hum lugubre vapor o ar se cobre:
Do Palacio as abobadas se rasgão:
Eu fujo, mas a luz pallida e triste
De hum funebre brandão ver me não deixa
Mais que hũ Sepulcro horrivel. Neste instante
Novo estrondo se eleva: destas vastas
Ruinas, que levanta com trabalho,
São hum desconhecido moço, triste,

280 IPHIGENIA EM TAURIDE

Pallido , ensanguentado , meio morto :
Elle lançando hum lamentavel grito ,
Me chama : eu corro ; e chea inda a idéa
Do fatal ministerio , cujo jugo
Arrasto involuntaria , a mesma fronte
Da mortal venda ornando-lhe , e de flores ,
Banhada em pranto o trago ao pé das Aras-
Este moço infeliz , Deoses supremos !
Era meu caro Irmão Meu Pai sahindo
Da região dos mortos , parecia ,
Ardendo de seu sangue em cruel sede ,
Minha tremula mão forçar ao golpe.

ISMENIA.

Desses objectos váos a estampa triste
Lançai de vós , lançai de vossa idéa.

IPHIGENIA.

Ah ! não existes tu , minha esperança !
Darei credito , triste ! a meus temores !
Como a mesta Iphigenia , talvez foste
Ao orgulho immolado ! esse teu sangue
Por hum novo Ilion foi esparzido !
Ai de mim infeliz ! tu sustentavas
Meu temeroso alento ! eu esperava ,
Que a meus votos propicia , huma tormenta
Alguns Gregos das vagas escapados
A meu poder trouxesse , que instruissem
A nobre Argos e a ti de meu destino ,
Até hoje ignorado em toda a Grecia ;

Fiando em teu valor , que penetrado
 De meu mal , a livrar-me correrias
 De hum jugo mais cruel, que a propria morte.
 Vãos projectos ! os Deoses vingativos
 Tudo , até a esperança me roubáráo !

ISMENIA.

A váos presentimentos , a hum vão sonho
 Menos credito dai : não ha mais certos
 E seguros Orac'los que os successos.
 Que fero prazer he , que furia extrema
 Sem piedade irritares vossas penas ?
 Alem disto o Ceo justo , que condenáo
 Nossas injustas queixas , muitas vezes
 No horroroso aspecto das desgraças
 Costuma annunciar seus beneficios.
 O vosso coração perder não deve
 Até o extremo instante as esperanças.
 No numero dos vossos confidentes
 Posso contar meu Pai : a vossa classe ,
 Vossas virtudes , vossos beneficios ,
 Unidos ao meu pranto , introduziráo
 No intimo da sua alma as vossas penas.
 No humilde alvergue occulto. que seus annos
 Táo respeitavel fazem , de continuo
 Tem na lembrança os vossos infortunios.
 Ai ! quanto a vossa sorte a sua sorte
 Lhe faz sentir ! tallai : das nossas vidas ,
 Como de hum bem que he vosso inteiramen-
 Podeis dispor, Senhora, a vosso arbitrio. (te,

S C E N A III.

AS DITAS, E EUMENE.

EUMENE.

Vosso duro Tiranno estimulado
 De seus sustos cruéis, torna, Senhora,
 A abrir de vossas lagrimas a fonte.
 Attonito, inquieto, acreditando
 Quanto teme, e temendo o Estrangeiro,
 Que só de compaixão e pranto he digno,
 Entre o feró terror, que o sobresalta,
 Vem pelas vossas mãos sacrificallo,
 Menos aos altos Ceos, que a seus temores.

IPHIGENIA.

A que extremo cruel sua cegueira
 Me reduz! e que instante tormentoso
 Para o tiranno sacrificio escolhe?

ISMENIA.

Ah! se de hum infeliz constrangimento
 Despedaçando o jugo, vós provasseis
 Vencer seu falso zelo, seus temores!
 E se da humanidade reclamasseis
 Os direitos, a colera dos Deoses,
 Dos Reis a obrigação! se vós fizesseis
 Sua gloria fallar e a natureza!

IPHIGENIA.

De hum coração entregue a vãos enganos ,
 Que sua Religião e facil crença
 De suspeitas tem cheo e de tereza ,
 Que se pôde esperar ? Deoses sagrados ,
 Se he certo que se oppõe á vossa gloria
 Tanto sacro homicidio , a que me obriga
 Hum falso zelo ; se estas santas Aras ,
 De tantos desgraçados com o sangue
 Impiamente banhadas , são objecto
 De horror a vossos olhos indignados ;
 Dignai-vos de descer dentro em minha alma,
 De accender dentro nella o vivo fogo
 De huma chama divina ; ás minhas vozes
 Aquella força dai , que feramente
 O coração submette e o entendimento :
 A feroz illusão domar eu possa
 De hum barbaro , a quem tudo sobressalta ,
 E a quem nada o feroz peito lhe toca !
 Ah ! minhas puras mãos , meus sacrificios ,
 De hoje em diante honrando-vos , só sirvão
 Dos miseros mortaes em beneficio !

ISMENIA.

O tiranno já chega : o sobressalto ,
 Iphigenia , occultai.

IPHIGENIA.

O seu aspecto

284 IPHIGENIA EM TAURIDE

A meu pesar o incita , e lhe dá forças.

S C E N A IV.

THOANTE, E AS DITAS : ARBAS ,
GOARDAS.

THOANTE.

T Remendo a consultar-vos hoje venho ,
Vós , a quem do futuro manifestos
Devem ser os arcanos : eu não posso
Por mais tempo nas sombras do silencio
Cobrir de meus temores a violencia.
Provo , sem ser culpado , mil remorsos :
Ante meus pés dos mortos a ribeira
A cada passo vejo : na alta noute
Em torno sinto fusilar-me os raios.
E na innocente frente a Regia Croa
Parece me vacilla : do repouso
Entre os braços escuto as ameaças
Dos Numes , que receio temeroso
De offender : e Diana , combatida
Vámente por meus votos . me parece
Que intenta transportar a estranha terra
Sua sagrada Estatua ; este successo ,
Do qual pendendo está a minha vida ,
Não sei que surda voz me pronostica.
Vós , a quem o sagrado ministerio
Aos Deoses aproxima , vós dignai-vos

O misterio acclarar destes objectos :
 Aplacando dos altos Ceos as iras ,
 Dignai-vos consultallos nas entranhas
 Do sinistro Estrangeiro. O triste estado ,
 Em que eu o vi, me afflige e me importuna :
 Tudo nelle suspeito se me torna ,
 Até o seu desastre : os turvos olhos ,
 Em que a raiva sintilla , aos Ceos lançados,
 Na sua frente pallida o cabello
 Sem ordem eriçado horrendamente ,
 Os convulsos medonhos movimentos ,
 Os gritos assustados , que interrompe
 Larga copia de pranto e de soluços ,
 O semblante sem còr desfigurado ,
 A perda da razão , que lhe confunde
 Sua excessiva dor , o tenebroso
 Repouso que soccede a seus furores,
 Do horror , que o segue , terem vivamente
 Minha alma receosa. Se crer devó
 Seus temerosos goardas , nos delirios
 Do horrivel frenesi , entre seus gritos ,
 Parece articular os ternos nomes
 De mái , de amigo : hum delles creê ter visto
 Espantosos espectros , que o rodeão ,
 Armados de serpentes , que furiosos
 A devorallo correm. Qual o nome
 Será deste malvado ? que impio crime
 Em seu protervo coração expia ?
 Pelos Ceos condenado , e a inteliz vida
 Já proximo a exhalar , donde procede

286 IPHIGENIA EM TAURIDE

O medonho pavor que elle me inspira ?
 Donde nasce que tudo me contrista,
 E serve cruelmente a confundir-me ?

IPHIGENIA.

A' vossa occulta turbacão que posso
 Responder-ves, Senhor ? surdos os Numes
 Encontro ás minhas vozes ; e Diana
 Despresa com horror o meu encenso :
 Debaixo de meus tremulos joelhos
 Foge o sagrado altar, e todo se abre :
 A meus olhos de hum denso véo se cobre
 A Estatua de repente : o sacro fogo
 Com o proprio alimento se consume.
 Eu não sei ; mas se não me engano, o sangue
 De que manchado está o altar sagrado,
 O sangue desgraçado da innocencia,
 Tão cegamente pelas Leis proscrita,
 Em vez de os aplacar, irrita os Numes :
 O vapor deste sangue derramado
 Talvez forma a pendente tempestade.
 Eu o confessarei, temo as balizas
 Ter passado ; sacrilega ter sido,
 E ao mesmo tempo barbara, receio.
 Ah ! se do vosso coração podessem
 As vozes ser ouvidas saudaveis,
 Que sem socego dentro no meu fallão,
 Vosso zelo, Senhor, menos austero,
 Mais puro, mais decente, não faria
 Hum augusto misterio do homicidio ;

E este cruento altar, dos desgraçados
 Funesto horror, para elles só seria
 Contra a desgraça o mais seguro azilo,
 Até para o Estrangeiro, que vos finge
 Tão tem'roso, Senhor, a vossa idéa,
 E que pôde ser Ai! quem quer que seja,
 Só compassivas lagrimas merece.
 Em fim não sei se he isto injuriallos;
 Mas em honra dos Deoses não me atrevo
 A imaginar, que os mesmos transportados
 De hum odio caprichoso pelo arbitrio,
 De ver se satisfação convertidas
 Em sanguinosa arca as suas aras,
 Tinto dellas correr em largos rios
 Por minhas impias mãos o sangue humano:
 Por estes rasgos crueis quem conhecellos,
 Poderá? pôde ser, Deoses supremos!
 Que a divina e sencia envilecendo,
 Ordenasseis, tyrannos caprichosos,
 Aos homens de expiar suas maldades
 Por maldades maiores? que direito
 A vossos beneficios não tenhamos,
 Senão vossa vingança merecendo?

THOANTE.

Que! a illusão de hum peito compassivo
 Faz por certo esquecer-vos, Iphigenia,
 Da resposta do Orago ha pouco dada,
 Que da vida me priva, certo, e estatua,
 Se minha alma assaliada da piedade

288 IPHIGENIA EM TAURIDE

Poupar ao gume do sagrado ferro
Hum só dos Estrangeiros , que a fortuna
E a braveza dos ventos prócellosos
Fizerem dar á costa em minhas praias ?
Tornando-me rebelde a seus decretos ,
He que vós pertendeis do Ceo supremo
A's terriveis vinganças eximir-me ?
Protector , dizeis vós , dos innocentes ,
Póde pedir por culto o seu trespasso ?
Sem duvida elle póde , pois que o pede ;
E pagar se lhe deve , quando o manda ,
Esta offrenda ; tem elle por ventura
Alguma obrigação que a nós o ligue ?
Ferir não póde sem medir os golpes ?
Que ! da espada cruel da brava guerra
Armados os mortaes , pôdem de sangue
Cobrir a terra ; os chefes ambiciosos
De sua exaltação aos vãos cuidados
Pôdem tudo immolar em sua furia ;
Nós mesmos em as concavas entranhas
Dos asperos rochedos poderemos
De mortes sustentar-nos e rabinas ;
Poderemos tragar ainda vivos
Os nossos inimigos ; poderemos
Dentro em suas caveiras sanguinosas
A sede saciar que nos abrasa ;
E os Numes vingativos , estes Nomes
Por quem nós respiramos e existimos ,
Pedir não poderão em seus altares
Por victima os mortaes ? o sangue humano ,

Que fazemos correr a nosso arbitrio ,
 Sô de verá para elles ser sagrado ?
 Mas vós dos seus decretos inviolaveis
 O orgão e o instrumento , quem arbitrio
 Vos deo para os julgar e condenallos ?
 E com que authoridade limitando
 Seus sagrados direitos , a Lei pondes
 Dos trovões e dos raios aos Senhores ?
 Tremei desses discursos : de vossa alma
 Os impios e secretos pensamentos
 Pronto arrependimento já expie.
 A pesar dos piedosos sentimentos ,
 De que está combatido o vosso peito ,
 Adorar e ferir a vós só toca.

IPHIGENIA.

Está bem , oh Senhor : está bem , venha
 A victima infeliz : o Ceo permitta
 Que eu cumpra a sua Lei , obedecendo.

THOANTE.

A victima , Iphigenia , sem demora
 Vos seguirá ás Aras sacrosantas.
 Em meu mortal tremor eu torno a vella.
 Feri , seja quem for ; sede implacavel ,
 Pois o ser infeliz he ser culpado.
 Em fim a minha Lei , meu culto he este ;
 E he vossa obrigação obedecer-lhes.

S C E N A V.

IPHIGENIA , ISMENIA , EUMENE.

IPHIGENIA.

EM fim cumprir a Lei tiranna he força....
 Vamos pois , já que he força porèm onde
 Mofina vou ? nas veias todo o sangue
 Se me agita e se altera , e todo o corpo
 Se arrepia : no peito palpitante
 Sinto gemer a triste humanidade.

ISMENIA.

Vós servis hum Senhor inexoravel ;
 Tanto mais nos seus erros inflexivel ,
 Quanto mais pelos annos acurvado
 Para o triste sepulcro , de seus dias
 A negra tocha vê amortecer-se.
 Temei seu cruel zelo : ah ! não vos faça
 Em Tauride sentir a mesma sorte
 Que em Aulide provaste. Seus preceitos
 Satisfazei , Senhora : este delicto
 Da vossa alma não he , he do Destino.

IPHIGENIA.

Bem que escravo do Fado, que o constrange,
 Quem o crime comete he criminoso ;
 E a força , que parece que o escusa ,

Não pôde defendello dos remorsos
Do coração constante em accusallo:

ISMENIA.

Porèm se o Ceo em fim, se o Ceo o manda?
Se hum sangue impuro pedem suas iras?

IPHIGENIA.

Ah! com que vão terror prostrar-me intentas?
A natureza falla, ella não pôde
Enganar-me: ella foi a Lei primeva...
Ella he só pôde ser... ella he ao menos
A que se dá a conhecer primeiro;
Lei de todos os tempos e lugares,
Que rege ao mesmo passo homens e Deoses.

EUMENE.

Ah! Senhora, pensai.....

IPHIGENIA.

Eu vejo, eu sinto
Que me confundo; mas que o Ceo me falla.
Segue elle em seus decretos por ventura
Das Nações os costumes? he conforme
Suas varias paixões Pai, ou tiranno?
Não, oh povos crueis! a vossa raiva
Elle não tem: Author da natureza
As suas obras ama: todo o homem
A's suas graças tem igual direito;
E nenhum nasce para o seu tormento.

T ii

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

ORESTES *agrilhoado no fundo do Theatro,* e GOARDAS.

ORESTES.

DEixai-me em paz gozar do só momento
Que me resta , e attendei á minha sorte.

SCENA II.

ORESTES *só avançando-se para a boca do Theatro.*

AH ! desgraçado Orestes ! que inhumano
Pesado braço para mais angustias
Torna a meu coração o sentimento ?
Ceos ! que inferno me segue ! que espantosos
Tormentos ! respirar deixai-me hum pouco ,
Espectros despidosos ! este crime
Não he meu, he dos Deoses... Eu mais nada
Que obedecer-lhes fiz mas vós, que causa
Me dais de aborrecer-vos , vós authores
Do meu crime , e do meu cruel supplicio ?

Fallai , oh Deoses barbaros e injustos !
 Que capricho he o vosso ? vós do centro
 De meu desterro me arrancais tremendo !
 Vós me dais huma espada sintillante !
 Vós de meu Pai , por seu furor zeloso
 Morto atrozmente , a parricida esposa
 Assignais a meus golpes : eu receio ,
 Eu tremo vós me ameaçais severos.
 Eu obedeço , eu firo . . . e vós tirannos
 Me castigais . . . mas isto ainda he pouco.
 Não enchergando em toda a Natureza
 Mais do que huma voragem espantosa ,
 Mais do que a sombra sanguinosa e triste
 De minha feroz Mãi , e não podendo
 Soffier esta fantasma aborrecida ,
 Corro a implorar-vos , Numes deshumanos :
 E vós este paiz , abominavel
 Por feros homicidios , me apontastes ;
 Vós me annunciais que era preciso
 Roubar a Estatua , e transportar zeloso
 A outra terra as profanadas Aras ,
 Para livrar-me da cruel angustia
 A que me condenastes. Pronto parto :
 E tu fiel amigo , amigo raro ,
 Me acompanhas ! mas ao entrar no porto
 Nos separa a tormenta : sobre as rochas
 Longe do teu o meu baixel lançado
 Por hum raio voraz vò em pedaços ;
 Engulido das ondas , dos sentidos
 Privado inteiramente , ainda ignoro

294 IPHIGENIA EM TAURIDE

Quem á vida me torna e ás mesmas furias:
Mas que horrores contemplão os meus olhos!
Sobre estes crueis marmores que manchas
De sangue se derramão ! são acaso
Os meus males mais feros os que ignoro !
Pilades . . . acabai , Ceos deshumanos !
Feri , eu inda vivo oh furor ! este
O seu sangue he. Ah ! os feros Numes
Deixando são e salvo o caro amigo ,
Por de todo infeliz me não terião.

S C E N A III.

O DITO , E PILADES *com cadeias.*

PILADES no fundo do Theatro.

Que vejo ! ao alvoroço de minha alma
Como posso deixar de conhecello ?
(*Corre a abraçar Orestes.*)
Torna a ver em teus braços , oh metade
Desta alma ! torna a ver Pilades salvo.

ORESTES.

Onde estou ? darei credito aos meus olhos ?
Pilades em meus braços ! neste sitio
Pilades ! sobre os labios palpitantes
Vagar minha alma sinto . . .

PILADES.

A cobrar torna
Com minha vista as vacillantes forças.

ORESTES.

A este lugar á compaixão cerrado (go?
Que máo genio, ou que Deos te trouxe ami-

PILADES.

A constante amizade. Tendo visto
De tua náó nas miseras reliquias
Teu desastre, vagando ao som dos gritos
Dos tristes naufragantes, que lutavão
Contra a furia do mar, salvando a todos,
E em qualquer delles presumindo achar-te,
Nas promessas dos Deoses confiado,
Ancioso te buscava, não ousando
Nem podendo julgar-te, sem offensa
De seu poder, nas ondas sepultado
Entre os rochedos que este porto fechão.
Abordo sem mais arte, que a cegueira
De hum furioso transporte: do meu lenho,
Escondido entre seus pendentes cumes,
Entregue ao bravo Aleco deixo o cuidado;
E por cavernas, que no horror parecem
Da Morte ás negras portas ser vizinhas,
De teus passos attento busco o rasto.
Junto destas muralhas sanguinosas
Neste cuidado me surprende o dia.

296 IPHIGENIA EM TAURIDE

Para tudo tentar , á não tornava ,
 Quando hum povo inteiro me rodea.
 Com furor me armo , e dissipallo penso ;
 Porém da multidão atropellado ,
 Cativo fico destes feros monstros :
 De medo e de alegria todos cheos ,
 Me arrastão em tropel alvoraçados
 De seu Chefe á presença , que tremendo
 A morrer me condena : mas que mestos
 E profundos soluços

ORESTES.

Em que abismo
 De crueis sobresaltos a minha alma
 Tornais a submergir , Numes supremos ?
 Que destino he o meu ? dos que me cercão
 Exprobrar-me vereis sempre as desgraças ?
 (*Voltando-se para Pilades.*)

Era preciso acaso que deixando
 Focide e o Regio Trono , com despejo
 D'hum parricida a sorte associasses ?
 Não devias dos Deoses com o exemplo
 Fugir de hum monstro a si mesmo odioso ?

PILADES.

Pilades , oh Ceos ! Pilades de Orestes
 Fugir ? ah ! que discurso tão penoso
 Para o amigo fiel , que só te resta !

ORESTES furioso.

Oh de adverso poder fero ascendente !
 Tenho em fim Mãi e amigo assassinado !
 Ceo exterminador , tu me aniquila ,
 Tu ao nada reduz o dia e a terra
 Que me virão nascer. . . Mas que profundo
 Abismo ante mim se abre!.. ah! sim, eu vejo,
 Graças ao Ceo ! o Barathro espantoso
 Da inexoravel Morte. . . . Em suas trevas
 Os meus crimes a esconder corramos
 Mas que medonho espectro lá no fundo
 De seu seio se move ! . . Ceos supremos !
 He minha Mãi . . . fuja . . . mas de balde,
 Pois já ante meus passos se apresenta
 Egisto a acompanha . . . e tu com elles ,
 Pilades , me persegues ! tu que foste
 Meu Nume tutelar , de meus algozes
 Tambem ajudas a implacavel sanha !
 O amigo leal que só restava
 A meus males , se faz meu assassino !
 De venenosas viboras armado ,
 Elle as lança em meu peito ! Deoses, onde
 Me esconderei ? suspende , Sombra amada,
 Sombra terrivel ! . . vê os meus remorsos,
 A desesperação , meu triste pranto
 Ah ! o alento me falta. (Cabe nos
 braços de Pilades.)

PILADES.

Oh Ceos ! Amigo ,
Não me ves sustentar-te nos meus braços ?

ORESTES *voltando a si.*

Hes tu ?

PILADES.

Sim , eu sou. Olha o terno amigo ,
Que offende o teu furor . . . Barbaro, he este
O effeito que em ti faz minha presença ?
Ah ! se de compaixão não foras digno ,
Que acerbos repr'ensões te não faria !

ORESTES.

Desculpa hum infeliz , que de si proprio
Se espanta : podes com razão acaso
Condenallo , se perde tudo que ama ?

PILADES.

Que illusão o discurso te allucina ?
Sè delle mais senhor , e a governallo
Hoje te anima ; a amizade illustra ,
Em lugar de abatella : cuida menos
De Pilades , e só pensa em Orestes :
Do melhor sangue dos Monarcas Gregos
As reliquias assim não envileças :
Heroe te mostra , e faz que em ti veja
De Agamemnon illustre o illustre filho :

Esquece os teus remorsos , o teu crime ,
E até o proprio nome ; a honra nossa
O pensamento teu somente occupe.

ORESTES.

Oh se os nossos intrepididos soldados ,
Se Alceo fiel , de nossos tenros annos
Essa firme columna, esteio e guia ,
Neste instante saber podesse ao menos
Qual he a minha sorte , e qual a tua ! ...
Mas póde ser que a minha desventura
Tambem a elle opprima : he meu destino
Que sejam o meu crime os homicidios
Ah triste !

PILADES.

Gente chega : pela nossa
Terna amizade , agora de ser deixa
Teu primeiro inimigo ; do destino ,
Que quiz nestes lugares ajuntar-nos ,
Porque tanto te queixas ? por ventura
He elle tão cruel ? morremos juntos.

ORESTES.

Ah caro amigo ! tu sobre mim véla :
Senhor de meus remorsos , ao Averno
Sem conhecido ser , desça entre os mortos !
A minha alma animada aos cruéis olhos
De meus verdugos a desgraça mostre ,
Mas não a minha infamia : duas vezes

300 IPHIGENIA EM TAURIDE

Morrerei , se a morrer chego sem honra.

S C E N A IV.

OS DITOS , IPHIGENIA , ISMENIA ,
EUMENE , SACERDOTIZAS.

IPHIGENIA.

OH quanto á sua lastimosa vista ,
Quanto meu coração se despedaça !

Orestes a Pilades.

Quem he esta mulher , que com violencia
A nós seus passos dirigir parece ?
A' sua vista meu furor se abranda.

IPHIGENIA.

Dos deveres , que impõe o Ceo severo ,
Ao menos o mais grato executemos.
Oh lá das mãos das victimas se tirem (*A's*
Sacerdotizas.)

Os funestos grilhões : dos Ceos ás justas
Ordens obedeci : os affrontosos
Pesados ferros neste augusto templo
Superfluos são , e não lhe são decentes.
Que gesto, que feições, que continencia !...
(*Em quanto se tirão os ferros.*)

Inflexivel dever ! quanto he penoso
Ao mundo vir co' hum coração sensivel !

Infeliz estrangeiro , cujo nobre (Depois
de se retirarem as Sacerdotizas.)

Sentimento o esforço , o sangue accusa
Em vós de Reis : dignai-vos responder-me,
Quaes são os vossos Deoses , Leis e Patria.
Pelas funções cruentas d'hum emprego
Tão rigoroso não julgueis minha alma.
Do barbaro rigor de hum culto injusto
Se he meu braço instrumento, he a minha al-
A victima. Fallai , fallai sem susto ; (ma
Que vos seja infiel não hajais medo :
Infelices vos fez esquiva sorte ,
E meu peito não pôde aborrecer-vos.

PILADES.

Ah ! quem quer que sejais, em nossos males
Que vós is rematar , que causa pôde
Interessar-vos tanto ? se forçoso
Nos he morrer , feri. Vossa piedade
Importuna nos he : es nossos dias
No horror precipitai da noute eterna ,
Sem de nós pertender huma escusada
Miserã confissão ; o que perece
Desconhecido , he menos miseravel.

IPHIGENIA.

Oh pensamentos por extremo amados
Deste meu coração attribulado !
Oh ! e possivel he que da virtude
No regaço se encontre a desventura !

PILADES.

Menos vos condoei dos nossos males :
 Só queremos morrer : todos os dias
 A vida a desprezar aprende o homem.

IPHIGENIA.

E que estrella cruel e tão contraria
 A aborrecella tanto vos obriga ?

PILADES.

Tem todos os mortaes seus contratempos :
 Todos provão a dor , o mais ditoso
 Sentido tem tambem o que são sustos.
 Ai ! e entre elles hum só se não encontra
 Que lagrimas não tenha derramado !

IPHIGENIA.

Mas quem sois ? fallai vós , cujo semblante...
 (*A Orestes.*)

PILADES.

Porque solicitais com tanto empenho
 De huma vá confissão a dura affronta ?

IPHIGENIA *a Orestes.*

A vós he que eu pergunto : ah ! respondei-me ;
 Nem ouseis confundir-me com hum povo
 Cego , que eu abomino , e a cujos Deoses
 Servir me faz Destino nunca ouvido.

Fallai ; talvez que a vossos infortunios
 Releve que eu ao menos saiba a terra
 Onde nascestes . . . Vós não dizeis nada !
 Antes fitos no chão os tristes olhos
 Me occultais.

ORESTES.

Desta confissão que fructo
 Podeis vós esperar ?

IPHIGENIA.

Talvez nascestes
 Da Grecia no regaço ? Argos , Mycenás . . .
 Onde corre minha alma preocupada ? . . .
 Ah ! não as conheceis , se não me engano ;

ORESTES.

Prouvera aos Ceos que hum barbaro deserto
 Nascer me visse , e me tirasse a vida,
 Antes de conhecellas !

IPHIGENIA.

Como ! em Argos
 Tiveste o berço ?

ORESTES.

Ah ! porque nascendo
 Não foi o meu sepulcro !

IPHIGENIA.

Oh ! se he verdade ,
Enchei , ou dissipai minha alegria.
No regaço da gloria , e dos tesouros
Da debellada Troia , de Agamemnon
Qual he em seu Palacio hoje a fortuna ?
Goza huma dita igual a seu grão nome ?

ORESTES.

Ceos ! que dizeis ? hum braço parricida . . .

IPHIGENIA.

Sem duvida o entregou nas mãos da Parca ?
E que braço ?

ORESTES.

Senhora . . .

IPHIGENIA:

Respondei-me.

ORESTES.

Ah ! não posso.

IPHIGENIA.

Fallai : que temor tendes ?

ORESTES *á parte.*

Eu não sei onde estou.

(1119 11) IPHIGENIA.

Seu assassino

Quem foi?

ORESTES.

Foi sua adúltera consorte.

IPHIGENIA.

Clitemnestra?

ORESTES.

Amor ordio a trama,
E de hum punhal armou a mão traidora.

IPHIGENIA.

Oh crime! oh frenesi o mais horrivel!
E qual o fructo foi desse assassinio?

ORESTES.

A morte.

IPHIGENIA.

Como?

ORESTES *perturbado.*

Seu filho...

PILADES *baixo a Orestes.*

Suspende.

306 IPHIGENIA EM TAURIDE

Desesperar-me faz *HOI!* (A' parte.)

ORISTAS. IPHIGENIA.

Mui bem, seu filho!

ESTADO. ORESTES.

Vingou seu Pai.

IPHIGENIA.

O que? Oh Ceos! que escuto!

PILADES.

Pelos Deoses, a nossa mais suave
Esperança cumpri, que em dilatalla
Vós infieis lhes sois: e que interesse

IPHIGENIA. ORESTES: *OH CEOS!*
De seu filho que he feito?

ORESTES.

O horror do mundo.

IPHIGENIA.

Numes Supremos! *OH CEOS!*

ORISTAS. ORESTES.

De arrastar cansado
Sua immensa miseria, a cruel morte,
A morte busca, e em fim topou com ella.

VI. MO.

IPHIGENIA *à parte.*

Oh sangue deploravel ! oh destinos
Implacaveis ! não logra pois Mycenas (*A*
Orestes.)

Do vencedor de Troia . . . sup mo

ORESTES.

Mais que Electra ,
Entregue sempre a lastimoso pranto.

IPHIGENIA.

Sacerdotizas . . . esses infelices
Ao lugar conduzi onde se ornão
Rara as Aras as victimas : não posso (*A'*
parte.)

Mais tempo ante seus olhos constranger-me.

S C E N A V.

IPHIGENIA , ISMENIA E EUMENE.

IPHIGENIA.

HE morto Orestes !

ISMENIA.

... Misera Iphigenia !

IPHIGENIA.

He morto! para mim se acabou tudo.

ISMENIA.

Ah! em que duro estado vos contemplo!

EUMENE.

A que violenta dor vos vejo entregue!

IPHIGENIA.

Que confusão de Atreo no augusto Paço!
 Que assassínios punidos huns por outros!...
 Proseguí, cruéis Deoses, conjurados
 Contra meu sangue; em meu despedaçado
 Seio buscai as miseras reliquias
 Deste sangue culpavel, que com vosco
 Eu mesma hoje detesto. Oh do futuro
 Perspectiva espantosa, que meus olhos
 Soffrer não podem! que! perpetuamente
 Sobre a terra arrastar hum fatal jugo!
 A sede não saciar senão em sangue
 Que em borborões me inunda! outro objecto
 Ante os olhos não ter, mais do que mortos
 E moribundos, exhalando a vida
 Entre longos soluços a meus golpes!
 E apesar hoje mesmo dos remorsos,
 Que o coração me roem.. Ah! primeiro
 Em meu peito se enterre o agudo ferro.
 Sim, huma vez de respeitar deixemos

Dos humanos as obras : neste templo
 De paz elles só são quem a mão me arma.
 A desesperação em fim sigamos,
 A que minha virtude hoje me entrega.
 Onde o innocente morre , he viver crime.

ISMENIA.

D'humã morada , oh Ceos ! tão rigorosa
 Para sahir , a sorte outro caminho
 Vos não mostra , senão correndo á morte ?
 Que ? esqueceis-vos que Electra inda vos res-
 Que de Orestes supprir o lugar pôde ? (ta?
 A buscar correreis a cruel morte ,
 De humã irmã , que pôde soccorrer-vos ,
 Com desprezo ? ella mesma mortalmente
 De angustias e terrores salteada ,
 Entre as reliquias da familia extincta ,
 E no meio dos rios lastimosos
 Do sangue , que nas veias lhe circula,
 Se arrasta , e de seu fado rigoroso
 Aos horrores succumbe. Ah ! vós por ella
 Ao menos conservai a cara vida.
 Vivei e recobrai o antigo esforço ,
 Na segura esperança de fugires
 De hum barbaro oppressor ; e sobre tudo
 De abrandar de humã irmã os crueis males.

IPHIGENIA.

Ai !

310 IPHIGENIA EM TAURIDE

ISMENIA.

Em fim em tão justa confiança
Vos authoriza o Ceo menos severo ;
A sorte a favorece , pois entrega
Em vossas mãos hum Cidadão de Argos.
De vossos males o grilhão pesado
Ah ! com elle rompei , e destes mares
A passagem lhe abri ; torne a Mycenas ,
Huma feliz mensage Electra instrua
Do segredo de vossa triste vida ,
Que dará certamente alento á sua.
Que ! vacillais ?

IPHIGENIA.

Está bem : eu me entrego
Ao p'rigoso conselho , que me off'rece
Tua piedade : ao menos a desgraça
Abrandarei de hum destes infelices.
Mas presa nesta terra , por que meios

ISMENIA.

No zelo de meu Pai , dos seus amigos
Confiai-vos , Senhora.

IPHIGENIA.

Mas eu temo
Que minha desventura o seu contagio
Sobre elles não estenda : oh ! e se fosse
Sua sorte fazer mais rigorosa !

ISMÊNIA.

Occultos do Tiranno aos feros olhos,
Sem honras, sem riquezas, que suspeitos
A seu temor os fação, confundidos
Em sua escura sorte, sem receo
Bem esperar podeis que elles vos sirvão
Impunemente.

IPHIGENIA.

Cres tu.

ISMÊNIA.

De hum dos Gregos,
Grato á vossa esperança, bem depressa
Vós a vida vereis em segurança.
Eu vou

IPHIGENIA.

Detem-te, escura: aos sentimentos
De huma justa piedade, amiga, attende:
Huns infelices, que une a mesma sorte,
Para que he separar? salvemos ambos.
Hum sentimento occulto mais amado
Hum me faz; mas tambem o outro he ho-
E tambem infeliz. (mem,

ISMÊNIA.

Já prevenido
Meu coração vos tinha, igual cuidado

312 IPHIGENIA EM TAURIDE

Eu sinto que o anima.

IPHIGENIA.

Ao precipicio

Vizinha, hum frio horror me corte os ossos...
Se do Ceo vingativo eu os direitos
Offendesse ! se fosse juntamente
Infeliz e culpada ! . . . não me escutes ,
Corre a buscar teu Pai : já não he tempo
De deliberar : dize-lhe que nada
Sem segurança tente , pois seria
Dobrar os meus desastres , dividillos.

S C E N A VI.

IPHIGENIA E EUMENE.

IPHIGENIA.

TU a Thoante corre : hum innocente
Fingimento o allongue deste Templo ,
Force seu zelo a dilatar a morte
Desses dous infelices , que á fortuna
Melhor sorte merecem : lisonjèa
A illusão que lhos pinta criminosos ;
De execraveis delictos , de que os julgo
Sem duvida incapazes , réos os faze ;
Dize que antes de serem immolados ,
Diana ordena que se purifiquem
Eu vejo com horror que o ministerio ,

Que nos distingue , faz abominavel
 Enganarmos os homens ; mas a causa
 Neste cruel extremo me desculpa :
 Quem serve os desgraçados , serve aos Deo-

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

ORESTES E PILADES.

ORESTES.

Eis-nos , Pilades , sós e em liberdade:
 Respirar posso , e sem temor fallar-te ,
 Antes que o mesmo fado ha tanto tempo
 Esperado , correr faça meu sangue
 Com o teu confundido. Outro cuidado
 A' turbação que sinto se mistura.
 Ah ! dize , quem será esta piedosa
 Sacerdotiza , cujo enternecido
 Sincero coração , da fermosura
 Que em seu semblante resplandece digno ,
 Nos mesmos desgraçados amar sabe
 A triste humanidade ? que secreto
 Interesse , que comprehender não posso ,
 Póde ella de Agamemnon ter na sorte ?
 De onde nasce que a seu aspecto as sombras,

314 IPHIGENIA EM TAURIDE

Que espalhão sobre mim os infortunios
 Que me seguem, se acclarão? por que occulto
 Encanto o horror, que o sangue me congela,
 A mais ternos cuidados em meu peito
 Campo fazia? que outros sentimentos
 São estes que hoje provo? em fim quem póde
 De meus feros remorsos distrahir-me?

PILADES.

Neste fatal momento, que reclama
 A tua honra, que baixos pensamentos
 Vem agitar tua alma perturbada!
 Tua confusa mente em que se occupa,
 Em quanto sobre as aras preparado
 Está o duro ferro! onde te arrasta
 De huma estranha mulher o facil pranto,
 Que excita huma piedade passageira!
 Assás por teus desastres abalado,
 De teus finaes instantes perder queres
 Toda a gloria? ah! tua alma só occupem
 De tua fama dignos pensamentos:
 E se morrer sem gloria he necessario,
 Sem pejo e sem infamia ao menos morre.
 De ti mesmo senhor, de teus algozes
 Te faze respeitar; ver lhes não deixa
 Em ti mais que o heroe. Outro tormento
 Hum coração sublime não conhece
 Mais que a vergonha; a seu rigor só cede;
 De tudo o mais intrepido triunfa.

ORESTES, PILADES E IPHIGENIA.

IPHIGENIA.

EU vejo os vossos rostos perturbados :
 Meu triste aspecto , dignos Estrangeiros ,
 Vos he talvez suspeito ? Ah ! de outro modo
 De hum coração julgai que vos defende !
 Elle que o vosso o offenda não merece
 Convertendo por vós meu ministerio
 Em mais suave emprego , a libertar-vos
 Da rigorosa lei somente venho ;
 Ao menos eu o espero ; a humanidade ,
 Depois de longamente haver lutado
 Com minha obrigação , em fim triunfa .
 Sinto que os mesmos Deoses na minha alma
 Se oppõem ao sacrificio sanguinoso ,
 Qu' impor-me parecião ; e mudando
 Por vós sua vontade sacrosanta ,
 Parece á vossa lastimosa vista
 Que o cruel ministerio em crime tornão .
 Hum cuidado porém , eu o confesso ,
 Que me he nem menos caro nem urgente ,
 Se une á compaixão , que n' alma provo .
 Neste tero paiz sou estrangeira :
 He minha patria a Grecia : escrever quero
 Aos que interesse tem na minha sorte ,

316 IPHIGENIA EM TAURIDE

Livrallos da incerteza em que persistem,
E instruillos por vós de meus destinos.

S C E N A III.

OS DITOS, E ISMENIA.

ISMENIA.

SENhora (*Percebendo os Estrangeiros, faz-lhe sinal para que os mande retirar.*)

IPHIGENIA.

Retirai-vos (a). Ceos! que novas
Vens trazer-me? (*Para Ismenia.*)

ISMENIA:

Que em vão salvar intentas
Ambos os Gregos, quando hum só bastante
He para o fim que desejas anciosa.
Por si e mais por vós todos tremendo
Nossos amigos, dizem que serieis
Victima inutil, qu'rendo livrar ambos,
Que talvez cometeis dobrado crime.
Dizem mais que Thoante só quer sangue,
Bem que para o verter seja preciso
Rasgar vossas entranhas: que he forçoso

(a) *Orestes e Pilades se retirão para o fundo do Theatre.*

Tanto aos Numes (que pôde ser o peção)
 Como ao fero terror , que o attribula ,
 Immolar huma victima : que desta
 Maneira podereis mais felizmente
 Abusar de seu zelo sanguinoso ;
 Que se em fim vê sua alma hum sacrificio ,
 O engano não verá tão facilmente.
 N^huma palavra todos sorprendidos
 De hum terror invencivel , só promettem
 Seu soccorro a meu Pai por este preço.
 Em vão aos rogos ajuntou zeloso
 Senhora , o pranto seu foi-lhe forçoso
 A seus sustos ceder , a seus receios.

IPHIGENIA.

Que extremidade !

ISMENIA.

Arbitrio elles vos aprão : A
 Falla a necessidade : suas vozes sup airta
 Convem seguir.

IPHIGENIA.

Eu sigo , já que he força ,
 O exemplo de teu pai ; cedo a seu risco ,
 Cedo aos Deoses , á minha desventura.

ISMENIA.

A procurallo vou. Mas vós , Senhora ,
 Appressai-vos.

S C E N A. IV.

IPHIGENIA, ORESTES E PILADES no
fundo do Theatro.

IPHIGENIA só na boca do Theatro.

CRuel sorte, quão feros
São teus rigores! ah! donde procede
Que aps. cotações beneficos e humanos
De o serem sempre o Ceo o poder tira!
Chegai vós.. (a) (toda estremecer me sinto!)

(A' parte)

Na minha turbação de vossos males
O excesso podeis ver, e perdoar-m'os.
De minhas poucas forças esquecendo
A fraqueza, não tendo n'alma impresso
Mais que a vossa innocencia, presumia
(Suave e cruel erro!) que pudesse
O horror diminuir de vossos fados:
Adulei-vos com estas esperanças,
E tambem a mim propria me adulava.
Crê facilmente a alma o que deseja.
Cegava-me a piedade: seus esforços
Arriscados não podem quando muito,
Salvar mais que hũ de vós: de minha estrella

(a) A Orestes e Pilades.

E a da vossa he tão grande a tirannia,
 Que he força morrer hum p'ra salvar o outro.
 Vós em meu peito tendes igual parte,
 E vós o lacerais... mas se he preciso
 Escolher... vós (a) partir deveis: já dadas
 As ordens tenho: o risco, o tempo instão.
 Pela minha terrura e por vós corro
 Delle a me aproveitar, e em breve torno.

SOC EN A VICTIMA sup do
 ORESTES E PILADES.

ORESTES transportado. Responde R

Onde estou eu!... e assim partir a deixo!..
 Mas que voz poderá, Deoses supremos,
 Por mim fallar ao miserando amigo!

PILADES.

Finalmente eis aqui de meus desejos
 O justo fim cumprido! da amizade
 Morro victima honrosa: firme amigo,
 Minha ventura firma, firma a escolha
 Dos Numes, á minha honra tão suave:
 Deixa-me morrer só, e dar ao mundo
 De hum amigo leal modello e exemplo:
 De hum Príncipe elle apprenda com assombro

(a) A Orestes.

320 IPHIGENIA EM TAURIDE

Té onde da amizade as Leis se estendem.
Tu não podes pagar por melhor modo
De minhas ternas ancias os desvelos,
Que os meus votos cumprindo e os da Minis-
Oh furor! dize, tu acaso me amas?

PILADES.

Oh que estranha pergunta, que interrompem
Incessantes soluços! ah! se te amo!

ORESTES.

Responde.

PILADES.

Tua horrivel continencia
Nas veias todo o sangue me congelou
Falla: que queres?

ORESTES.

Que meu lugar tomes.

PILADES.

Eu! a escolha ceder...

ORESTES.

E he isso amar-me?
Dize, quem de nós ambos neste Templo
Deve morrer? consulta a amizade

Por meus crimes atrozes maculada
 Deixei por ti a casa, o trono, e a patria?
 O horror de teus crimes, tuas fúrias,
 Teus remorsos por entre immensas mortes
 A este infame país te conduzirão?
 Vingador parricida do homicidio
 De hum grande Pai, góteja de teu braço
 De huma Mãi infeliz o negro sangue?
 Nos ares vês de sangue errantes manchas?
 Vês espectros, relampagos e raios,
 Que abrir fazem o dia? vês a terra
 Fugir ante teus passos espantada?
 Ao teu lado marchar tinta de sangue
 Tua Mãi? e de sua irada frente
 A ti arremessarem-se silvando
 Horrosas serpentes, que te cingem
 E te apertão com suas longas roscas?...
 Hè o trespasso só o teu recurso?
 Póde elle a tanto horror pôr só remate?
 Tu me amas! e tu queres que em estado
 Tão cruel, que esmagado sob o peso
 De meu negro attentado, ao fatal golpe,
 Que só implora meu furor, fugindo,
 Gozar pertenda a luz do claro dia,
 Que mancho e que aborreço, sem azilo,
 Sem Deoses, e sem Lar, desesperado,
 Proscrito, em toda a terra miseravel,
 Em toda detestavel! Ah! tu me amas!
 E queres, oh extremo das affrontas!
 Queres em teu ardor, ou antes furia,

Que por remir meus males e pagar-te
 Teus grandes beneficios, da mais fea
 Das maldades tambem hoje me manche?
 Tu queres que eu dobrando meus horrores,
 Verdugo antes cruel da natureza,
 Hoje por te poupar hum fragil pranto
 No seio da amizade o punhal crave?
 Ah barbaro! conheces tu tao pouco
 O coração do amigo, o heroico sangue
 Que o anima? com que terribreis toques
 Em tua alma me pintas? por ventura
 Ao ver-me reo, me julgas sem virtude?

PILADES.

Onde da turbacão, que te attribulas,
 O cego desvario te transporta?
 Que negro frenesi da minha morte
 Hum delicto te faz? tu o meu sangue
 Para a vida remir, vendeste acaso?
 Deves tu, na mão tendo a nua espada,
 Despedaçar-me o peito? espavorida
 A tua alma, alma fraca, do supplicio
 Desta Sacerdotiza alguma parte
 Tem na escolha?

ORESTES.

E de ser por isso deixo
 O instrumento, cruel, da tua morte?
 A tão fero pais quem os teus passos
 Conduzio?

PILADES.

O rigor da tua sorte.

ORESTES.

Pois bem : . . .

PILADES.

Porém de ti , da resistencia,
 Com que a constancia sem cessar me provas,
 A pesar , teu furor agora deixa
 A morte de imputar-te , que debalde está
 Intentas disputar-me : antes por ella
 A quebrar te resolve os grilhões duros.
 Dos altos Deoses o odio inexoravel
 Posso abrandar : o sangue da amizade,
 Nas aras derramado , expiar pôde
 O erro do teu braço sem accordo.

ORESTES.

Mesquinho ! tambem tu de meus tormentos
 Para dobrar o extremo incompportavel ,
 A minha fera Mãi hoje te ajuntas ?
 Porque intentas roubar-me huma só graça
 Que os Deoses me concedem ? carregar-me
 De hum novo indigno crime ? abominavel
 Ao mundo inteiro , donde minhas furias
 Me desterrão , ah ! dize qual seria
 Meu azilo , se aos Fados inimigos
 Unido , juntamente me roubasses

324 IPHIGENIA EM TAURIDE

A morte e o caro amigo ?

PILADES.

Em fim , tiranno ,
 Morre ! faze , segundo o teu arbitrio ,
 Duas vidas perder ao teu amigo !
 Ai ! eu me lisonjeava que submisso
 Dos Deoses ao Decreto , e respeitando
 Seu sangue que circula em tuas veias ,
 Tua alma sobre si mesma elevada
 Reviver me faria em quem amava :
 Mas tu só , de furor cheo , os meus passos
 Seguir pertendes , e roubar-me ingrato
 Da minha morte o fructo : ah justos Deoses !
 Ah meu amado Orestes ! por piedade ,
 Por graça , pelo amigo , sim , consente
 Sobreviver á sua desventura !
 Que seguindo dos Deoses a vontade
 De teus tristes furores a carreira
 Com a morte , a que cotro , se termine !
 Para triunfar de teu altivo genio ,
 Com Agamemnon he talvez preciso
 E com sua familia , com a Grecia ,
 Em a tua desgraça interessada ,
 Que me prostre a teus pés , e derramando
 De pranto huma torrente copiosa

ORESTES.

Tem-te : e a tanto levar a injuria ousas ?
 Queres em fim que junto destas aras

Tão ternos repetidos juramentos,
 Que união nossas almas, eu subjure?
 Barbaro!... a tão atroz affronta eu cedo...
 Vê meu estado horrivel; vê a tua
 Horrivel obra... eu já me não conheço...
 Mas parece que longe de amolgar-se,
 Mais teu peito inflexivel se endurece?...
 Pois bem: destes altares á Ministra,
 Hum delicto poupando, a descobrir-lhe
 Eu vou o meu horror e o meu delicto,
 E constringella a revogar a escolha
 Por dever.

PILADES.

Ceos! que vas fazer, amigo?

ORESTES.

O que devo...
 PILADES.

Ah! que horrivel desatinó
 Que cruel frenesi! pelo vil preço
 Da infamia deve alguém comprar a morte?
 Tanto, Deoses supremos! de ti mesmo
 Te esquecerás, que a vida acabar queiras
 No opprobrio envilecido?

ORESTES.

Tu me obrigas:
 Tua cega injustiça he quem constringe

326 IPHIGENIA EM TAURIDE

Minha virtude ao sacrificio infame.

PILADES.

Eu , Ceos sagrados !

ORESTES.

Praticas inuteis
Por agora tronquemos : ou me jura
Do trespasso fugir a que tu corres ,
Ou eu compro a morte , que mereço ,
Por este preço : os Deoses , a quem tanto
Minha presença irrita , eu attesto.

PILADES.

E podes tu jurar a tua affronta ?

ORESTES.

Tu o queres assim : a jurar torno.
Ou meus desejos cumpre , ou me declaro
Hum monstro , que aborrece a luz do dia ,
Que hum sepulcro se fez da natureza
Inteira : digo quem me deo a vida ,
E quem fiz perecer : e se piedosa
For a Sacerdotiza inda comigo ,
Seu beneficio acceito . . . á tua vista
Me sacrificio eu mesmo : se a mão treme ,
Abre-te , oh terra , e vós oh Ceos supremos ,
Vós que me ouvis , cahi , despedaçai-me.

PILADES.

Eu me cubro de horror! porém á raiva,
Que tanto o desatina, que oppor posso!
Deuses, inspira-me! ah! que Alceo por certo...

ORESTES. (A' parte.)

Vem a Sacerdotiza,

PILADES.

A' tua fúria

Eu cedo, caro Orestes; a tua vida
Menos preciosa me he que a tua honra.

S C E N A VI.

IPHIGENIA, EUMENE E OS DITOS.

IPHIGENIA com hum carta na mão.

E Iis-aqui (a). Retirai-vos (b): tu Eumene,
Guia seus passos; ao lugar prescrito
Guai! seja condazido.

-
- (a) A Orestes.
(b) A Pilades.

328 IPHIGENIA EM TAURIDE

ORESTES.

Suspendei-vos: (A Iphigenia.)

Não, Senhora, morrer elle não deve.
A mim cumpre acabar a triste vida:
Da victima na escolha se allucina
Vossa piedade.... (Detendo a Pilades.)

IPHIGENIA.

Que fazeis?

ORESTES.

De hum crime
Vos preservo: ah! sobre elle se derramem
(Mostrando a Pilades.)
Da vossa compaixão só os effeitos,
E goardai para mim vossos rigores.

IPHIGENIA:

E com que causa a terna mão propicia,
Que a piedade vos dá do precipicio
Na borda, enjeitais?

ORESTES.

Este heroico amigo
Tudo sacrificou por meu respeito:
Só o fez infeliz minha amizade!

IPHIGENIA.

Que ? pois vós huma morte rigorosa
 Preferis ao cuidado de servir-me,
 De tornar-me contente ?

ORESTES.

Com tão fea
 Exprobração não atterreis minha alma,
 De meu fado o rigor accusai antes.
 Neste fiel amigo que eu vos sirva
 Permitti, permitti que eu o conserve
 Para os vossos desenhos: sem receo
 Delle podeis fiar as vossas cartas;
 E de mim digno perecer deixai-me.

IPHIGENIA.

Que generoso excesso ! que sublime
 Coração ! ide : vós da minha graça
 Mais digno agora sois : vivei , servi-me :
 Não sei q' occulta voz dentro em minha alma
 Por vós me falla , e minha escolha approva.

ORESTES.

Ah Deoses !... minha sorte mais penosa
 Não me façais : deixai que hum miseravel
 Termine a vida sem envilecer-se.
 He a minha esperança só a morte :
 Trahi-la não queirais hoje , Senhora ;
 Nem me forceis talvez a aborrecer-vos.

330 IPHIGENIA EM TAURIDE

IPHIGENIA a *Pilades.*

Mas vós, vós consentis suspenso e mudo
No glorioso transporte que o anima?
Porque igualmente generoso e fero
Não vindes combater minha piedade,
A morte preferir-lhe?

PILADES.

Responder-lhe? Guai! que devo
(*A' parte.*)

ORESTES transportado.

Senhora... (ah não te esqueças...)
(*Para Pilades.*)

IPHIGENIA.

Parece que vos vejo confundidos:
Explicai-vos, fallai.

PILADES.

Sua tiranna
Desesperação, ai! a lei terrivel
De lhe sobreviver me tem imposto.

IPHIGENIA.

Como?

ORESTES.

Dentro no seu heroico peito

Não suspeiteis que exista vil fraqueza !
 Se me deixa morrer he de sua alma
 Hum esforço bem digno : elle vivendo
 Faz por mim muito mais que se morresse...
 Mas , Senhora , deixai de angustiar-vos ,
 E deixai-me salvar-vos o que eu amo.
 Guai ! sou muito infeliz para servir-vos...
 Ao amigo volvei os ternos olhos :
 Que me escolhais vos peço , de outra sorte
 Fareis de todos tres a perda e injuria.

IPHIGENIA.

Finalmente segui , eu o consinto ,
 Esse furor illustre , que minha alma
 Toda chea de horror tremendo admira....
 Morrei.

PILADES.

Oh Ceos ! eu tremo. (*A' parte.*)

IPHIGENIA.

Posso ? sereis fiel ? E em vós fiar-me
 (*A Pilades.*)

PILADES.

Vós o meu zelo
 Conhecereis... somente vos imploro
 Que do amigo o terrivel sacrificio ;
 Que deveis ordenar , por hum só dia
 Vos digneis differir... Ah ! da fogueira

332 IPHIGENIA EM TAURIDE

A sintillante: chama me não siga
Ao menos nestes mares sanguinosos
Assim m'ó prometteis?

IPHIGENIA.

Sim, sobre a minha
Compaixão bem podeis contar seguro.

PILADES.

O receio escusai de hum terno amigo:
Que jureis he preciso: não me atrevo
Sem tão grande penhor a retirar-me.

IPHIGENIA.

Pois que vós o pedis, aos Numes chamo
Por testemunhas. Oh! se elles quizessem
A tão cruel obrigação poupar-me!
Mas o veloz instante favoravel
Escapar não deixemos. Estrangeiro (Pa-
ra Orestes.

Infeliz, muito menos que admiravel,
Ao amigo abraçai, que vossos olhos
A ver não tornarão.

ORESTES abraçando Pilades.

A Deos: suspende
Os inuteis soluços, caro amigo.
Não vejais minha morte, vê somente
As vantagens, que della me resultão..
Eu não tinha mais bens que a desventura;

Que o vil opprobrio...a Deos: em ti conserva,
 A' amizade fiel, de teu amigo,
 Que fiel morre, a mais digna ametade;
 Da minha cara Irmã cuidado toma
 Chegando á Grecia, as lagrimas lhe enxuga,
 Em ti lhe restitue o Irmão amado;
 Sè fiel sobre tudo á mão benigna, (*Mos-
 trando-lhe Iphigenia.*)
 De quem da tua vida o beneficio
 Recebo: a Deos.

PILADES.

Eu morro.

ORESTES.

Vamos, vamos.

(*Arrancando-se dos braços de Pilades.*)

PILADES.

O amigo me abandona... Ceos! detem-te.

ORESTES precipitando-se de novo nos seus
 braços, e depois separando-se.

Oh doce amigo... mas o fado o ordena.

PILADES segurando-o.

Não me posso arrancar.

IPHIGENIA em summa affeição.

He necessario

334 IPHIGENIA EM TAURIDE

Apartar-vos.

PILADES.

Senhora . . .

IPHIGENIA a Pilades.

Entre seus braços
Quereis vós expirar ? (Conduz Orestes
até o fundo do Theatro.)

PILADES á parte na boca do Theatro.

A Deos, amigo.

A salvar-te eu virei, ou a seguir-te.
Ah! e poderia eu, inda querendo,
Sobreviver á tua infeliz morte ?

S C E N A VII.

PILADES E IPHIGENIA.

IPHIGENIA.

A! quanto me lastima a vossa sorte! . . .
Porém são preciosos os momentos :
Parti, e me servi como vos sirvo :
Aqui tendes a Carta que a Mycenae
Dirijo : se da sorte, que tiranna
Vos persegue, domais a cruel sanha,
Não frustreis a esperança que ter posso ;
Fielmente a entregai nas mãos de Electra.

PILADES.

Que ouço! que relação entre vós tendes?

IPHIGENIA.

Deixai-me o meu segredo , pois o vosso Respeitei.

PILADES.

Perdoai-me , eu obedeco.

SCENA VIII.

PILADES , IPHIGENIA , ISMENIA , HUM
ES CRAVO.

ISMENIA.

O Navio está pronto ; sobre as ondas
Ao arbitrio dos ventos , favoravel
Ao vosso grão desenho , lesto boia.
Por entre as altas rochas este Escravo
Se obriga a conduzir esse Estrangeiro
A' praia : a hora insta.

IPHIGENIA a Pilades.

Aos Ceos apraza
Que estas cruentas praias sem ser visto
Deixeis ; e mereçais os meus desvelos.

ACTO QUARTO.

SCENA PRIMEIRA.

IPHIGENIA E EUMENE.

IPHIGENIA.

Inda o Escravo não vem : oh sobresaltos !
 Meus olhos, sem querer, se arrasão de agoa.
 Do Grego tão suave ás minhas dores
 Que será feito ? minha desventura
 Talvez o cercará ? Ceos ! he preciso
 Que eu tambem da incerteza as ancias soffra,
 Entregue aos males todos , que receio ?
 Cruel demora ! oh quanto tudo serve
 A confirmar os meus presentimentos !
 Em vossa indignação , oh Ceos , incorre.
 Quem presta a mão piedosa á innocencia ?
 Pude acaso irritar a vossa sanha ,
 Quando antes comprazer-vos só devia ?
 Talvez me punireis por ter ousado
 Imitar-vos ?

EUMENE.

De algum vão embarço
 Porque vos assustais , Senhora , tanto ?

IPHIGENIA 2

Oraculo fiel de meus desastres
He a perturbação que n'alma sinto.

EUMENE, I

De que serve entregar-vos tanto aos males
Que temeis? de que serve antes de tempo
Desesperar?

IPHIGENIA.

Vai: tenho rematado

Todo o horror do destino, que me atterra:
Oh quantos e talvez por hum delicto
Desgraçados tornei!

EUMENE.

O vão extremo que eu
Senhora, socegai desses receos: bom me he
Ao menos esperai de Ismenia as novas
Eu a vejo.

ACTO II.

ISMENIA. E AS DITAS.

IPHIGENIA.

Que tens? o Escravo e o Estrangeiro
Teu Pai acharão?

Vai!

ISMENIA.
No lugar prefixo
Ainda os dous não tem apparecido
Insoffrido meu Pai correo debalde
As veredas e atalhos máis cerrados,
Que podia tomar. Senhora, o Escravo,
E em todas vilas os não tem achado
Elle esperando officios, e a que attribua
Esta sinistra dilacão não sabe: e a
A pesar disso no Palacio reina
O socego; nas sombras do silencio
Vosso desenho occulto, a vigilancia
Dos olhos, que vos seguem, vai frustrando.
Mas que vejo!

Um momento depois se lhe figura
Ao longe de medonhos precipícios,

As oditas e o escravo
Que o deixa o lugar e a vereda

O perigo que a vereda
Cedo se grande tanto que o indiciu

Depois de hum de hum
Chegai: deixai o espaço.

Aonde o Grego está que a vossa zelo
Eu confiet?

A escra
A nos simos nos

He mono.
A tatei

Que en
A elle vore

Deoses
A

IPHIGENIA.
Como?

ES CRAVO.

Com prosperos auspicios caminhandos
Ao longo de medonhos precipícios,
Ao lugar apartado, onde madava
Para a sua fugida o baixel pronto,
Já ambos quasi tinhamos chegado:
Eu o guiava, abrindo-lhe a vereda;
Quando de hum surdo estrondo salteado,
Elle parar me faz, e attento escuta;

40 IPHIGENIA EM TAURIDE

Hum momento depois se lhe figura
 Ao longe v'lh'um vulto, que avançava
 Para nós lentamente caminhando :
 Seu coração se turba, e em continente
 Que o deixe ordena, e a averiguar me parta
 O perigo que tanto o sobresalta.
 Cedo ao grande terror que o inquieta :
 Debaixo de hum penhasco alcantilado,
 No fundo de huma gruta, onde bramindo
 O mar se quebra, ao medo e á sorpresa
 Eu tremendo tambem o escondo :
 A espiar se seus olhos illudidos
 A nós ambos nós tínhamos enganado.
 A fatal illusão reconhecendo,
 Que em ambos hum igual pavor causara,
 A elle volto : mas oh vá diligencia !
 No concavo da rocha o não encontro.
 Segundo o que parece, as bravas ondas,
 Que nella de continuo se espedaçao,
 Com vossas esperanças o tragááo.

IPHIGENIA.

Oh fado da de (a) : tu (b) da cruel praia
 Faze aparrar teu Pai e seus amigos, no
 A' tua alma ternissima resguarda
 Huma vida tão cara : a seu azilo
 Elle tomou, e deu á minha desventura

(a) Ad. E. ...
 (b) A. I. ...

Queis renunciou: de vos escravas,
 A compaixão que os deuses e os homens
 Removendo a sua delicia,
 Cede a IPHIGENIA E EUMENE

IPHIGENIA.

Tudo acabado está! em fim he força
 Renunciar á credula esperança,
 Que a vida me allongava! e Ceo zeloso
 Do cruento dever que me ha imposto,
 Sem piedade se oppõe á minha volta....
 Já para mim fugio Argos do mundo....
 Esta terra será sempre regada (ça
 Com meu pranto! Ah! pois que sem esperan-
 Devo nella arrastar tirannamente,
 Como escrava a mais vil, o duro peso
 De huma vida que morre a todo o instante;
 Satisfaça-se ao menos a minha alma,
 Vejamos o outro misero Estrangeiro:
 Sobre meu triste fado o perguntemos?
 Sem duvida dos Gregos será este
 O ultimo que me off'reção estas praias,
 Que teme com horror a humanidade;
 He necessario delle aproveitar-nos.

EUMENE.

Que bem funesto vossa dor espera
 De praticação triste? porventura
 Ao dever que vos põe o vosso emprego

342 IPHIGENIA EM TAURIDE

Quereis renunciar ? de vós escrava ,
A compaixão , que suffocar deveis ,
Reanimando , quereis a seus delirios
Ceder , quando convem triunfar delles ?

IPHIGENIA.

Recobrando a victima , que havião
Primeiro a seu altar os altos Deoses .
Destinado , assás me manifestão
A minha obrigação e o meu delicto.

EUMENE.

Não vejas pois , Senhora , o infeliz Grego
Senão quando tiver junto das aras
Sob a mortal segure a frente curva.

IPHIGENIA.

Seja o risco qual for , eu escusallo
Não posso , tu me ajuda em meus pezares ;
Eu absolutamente quero ouvillo ,
E ver em fim desfeita ou confirmada
Huma cruel suspeita , que minha alma
Sobresaltada tem : mas nada temas
Que á minha obrigação opposto seja.
Eu de meu caro Irmão prometto aos Manes
O seu sangue : debaixo do cutello
Tu o verás correr , inda que seja
Em meus tristes delirios necessario
Com elle misturar o que me alenta.

SICILIANA IV.

IPHIGENIA 10. ESTEIRO

DEoses supremos, que tremendo invoca
 Minha dor! Vós que encheis toda de espanto
 Ainda obedecendo vós, minha alma,
 Ao menos concedei-me que achar possa
 Justa a obrigação do meu emprego.
 A vítima deixai-me sem remorsos
 Ferir: e tu mancebo Heroe, tu sombra
 Triste, do grande Pelope reliquia,
 De quem eu me animava a esperar tudo;
 Irmão, toda no horror de minha magoa,
 Desta minha alma tanto mais amado,
 Quanto em minhas primeiras desventuras
 Tu parte não tiveste, e ao contrario
 Em meus desalecidos braços, cheo
 De sustos innocentes, derramaste
 Enternecidas lagrimas, recebe
 Com meu pranto esta offrenda sanguinosa:
 Recebe... mas que victima ofertar-lhe
 Vai o meu eterno amor! dos desgraçados
 O sangue póverá satisfazello!
 Ai que tu para seres seu esteio
 Foste nascido! huma alma illustre e grande
 Dos mesquinhos a sorte tem por sua,
 Ah! de minha... não encubras de vossos intencios

S C E N A I V L

ORESTES , IPHIGENIA E EUMENE.

O H morte! a tanto horror em fim me ar
 Para me conduzir ás cruéis aras
 (ranca! (A parte.)
 (A Iphi-
 genia.)

Me chamais vós, Senhora? vamos, vamos,
 Com alvoroço eu sigo os vossos passos
 Da morte huma ventura me soberão
 Fazer os Deoses. Vamos: mas que vejo?
 Vós chorais?

IPHIGENIA.
 Respeitai minha fraqueza,
 Mostrai menos nobreza, se he possível,
 A meus olhos: não abaleis huma alma
 Cada vez menos firme, que deseja,
 Porém não póde, ser vossa inimiga:
 A meu afflicto coração sensível
 Todo vos escondi: vossa virtude
 A minha obrigação torna impossível:

ORESTES.
 Ah! de minha desgraça o enorme extremo
 Não estendais; de vossos infortunios

Curvar-me com o peso de que serve?
 Este triste espectáculo a meus olhos
 Não apresenteis. Vinde : á minha dita
 Deixai de oppôr obstaculos . . . Senhora,
 Fallai : que causa pôde suspender-vos?
 Se do golpe tremeis que vibrar ides,
 Armai este meu braço : elle do vosso
 O officio cumprirá ; elle seguro
 O cruento sacrificio vai poupar-vos.

IPHIGENIA.

Quanto , de esforço a tão illustre excesso,
 Meu triste coração sente apertar-se !
 E qual o sangue he que generoso
 Vós derramar quereis ! qual he o gremio
 Que ao mundo vos lançou ? porém eu quero
 Ignorallo ; heu receio conhecer-vos
 Deixando este segredo a vós e aos Deoses,
 Somente sobre hum ponto meus desejos
 Satisfazei. Em Argos que se pensa
 Da sorte de Iphigenia , que ligada
 Contra seus dias vio a Grecia inteira ?

ORESTES.

Com que lembrança lacerais meu peito !
 Que perguntais, Senhora ? Oh mortal golpe !

IPHIGENIA.

E donde , ao escutar seu nome , nasce
 O grande sobresalto que vos turba ?

346 IPHIGENIA EM TAÛRIDE

Na tenra flor da idade inda brilhando,
Vós vella não podieis, não podieis
Dos Gregos fervorosos em matalla
Ter na Conjuração alguma parte;
Vós não podieis para o seu supplicio
As aras adornar!

O RESTES.

Mas que cuidado!

IPHIGENIA.

Respondei-me, pois cúmplice não foste.

O RESTES.

Que quereis vós de mim? a mesma sorte
Eu vou a ter, vou pela mesma estrada
Descer ás margens do sombrio Lethes.
Venturoso, se victima obediente,
Como ella, offerecer podesse aos Numes
Huma vida innocente!

IPHIGENIA.

Que! pois inda
Ignorais que ella viva, que Diana
Dos Gregos a roubou á crueldade,
Que transportando-a a huma horrivel praia..

O RESTES.

(vel...

Que ouço! Iphigenia... Oh Deoses! he possi-
Vive? . . . acabou, já menos desgraçado

Morro. . Dizei... sabei-lo? e em que tirannas
Ribeiras huma victima tão cata
E tão terna respira!

IPHIGENIA.

Nestas praias.

ORESTES.

! Oh Ceos !... e qual seja a sua sorte
Dizer-me podereis?

IPHIGENIA.

Ai ! mais mofina
Do que vós , por mais doce ella teria
A sorte , que cruel por vós aguarda !

ORESTES.

Oh Deoses ! que de sustos em mim gera
Esse discurso !... e vella e rocialla
Com meu pranto não posso ! se soubesseis...
Porém não... eu horror só lhe faria...
Execraria meu furor , meu crime...
De hum sangue tão amado inda fumando
Vendo-me a mão , amar-me poderia ? (ço...
Quando eu mesmo a mim proprio me aborre-
Oh ! e quáo grandes são os meus tormentos !
E posso , oh Ceos ! ainda supportallos !
Mas delles o maior he merecellos.

348 IPHIGENIA EM TAURIDE

IPHIGENIA.
Que ! vós sois delinquente, e vos defende
Meu coração ! vós mereceis a morte ,
E minha mão a dar-vo-la se escusa !
Desses vossos delirios espantosos ,
Quando só deveria horrorizar-me ,
Me enteneço , e a gemer somente acerto !
Quem sois ? fallai , que nisso a minha vida
Se interessa.

ORESTES.

E de Orestes desgraçado
Iphigenia que pensa ?

IPHIGENIA.

Nelle tinha
Sua esperança toda : mas já sabe
Que he morto.

ORESTES.

Não , Senhora , sobrevive
Aos horrores crueis da sua sorte.

IPHIGENIA.

Que dizeis ?

ORESTES.

Vive , mas para Iphigenia
Sem esperança alguma.

IPHIGENIA.

... minha alma, mia... Como?

ORESTES.

Oh fados!

Oh eterno rigor! ella não sabe

Que aqui...

(...)

IPHIGENIA.

... sustinam-se os seus membros!

Em pranto detreter-vos vejo!

Ah! quem quer que sejais, fallai, ou morro.

ORESTES.

... a minha confusão, os meus soluços

Assás me manifestão...

IPHIGENIA.

Que suspeitas

Em minha alma sem tino não excita!

A sua verde idade... o seu semblante....

Hum sentimento occulto... póde acaso...

Acabai: e dai fim a meu tormento.

ORESTES.

Pois bem: reconheceei o triste Orestes

Pelos seus espantosos infortunios.

IPHIGENIA.

Meu irmão! (Cabe desmaiada nos braços de Eumene.)

350 IPHIGENIA EM TAURIDE

ORESTES.

Iphigenia? ... sim, minha alma
Toda mo atesta... ah! Iphigenia....
(Com transporte.)

IPHIGENIA.

Orestes....

(Tornando a si.)

Ah! meus sentidos todos encantados....
Meu irmão!.. oh suave e amado nome!..
ORESTES.

Minha Irmã! que! vós me amais!.. não tendes
Horror a vejo correr o vosso pranto?...
Minha amada Iphigenia...

IPHIGENIA.

Oh doce instante!
Cheo todo de glorias!.. em meus braços
Meu irmão está... e eu a degollallo!...
(Torna a cabir nos braços de Eumene.)

ORESTES.

Basta, não prosigais: em que amarguras
Tornais a mergulhar-me!

IPHIGENIA.

E que destino
Vos trouxe a estas praias homicidas?

VOCALIZADO

ORESTES.

O Ceo, ou injusto Ceo, que parricida
 Me fez, e que punindo o meu delicto,
 Das voragens da morte ante meus passos
 Os monstros vingadores todos solta:
 E para me livrar da sua furia,
 A roubar nesta terra me condena
 De Diana a imagem sacrosanta.

IPHIGENIA.

Ah! este inexscrutavel Ceo, que toda
 Estremecer me faz, acaso intenta
 Nossos males findar ou rematallos?
 Mas como do Tiranno, que me observa,
 O zelo enganarei? como salvar-vos
 Da sorte poderei que vos destina?
 Neste fatal momento oh que de horrores
 Vejo! oh superstição! quantas as tuas
 Furias são! um rumor sinto e fugi. Corre,
 (A Orestes.)

Eumene, a occultallo: justos Deoses!
 Se Thoante será! se sua sanha
 Impia!... Retirai-vos.

ORESTES.

Que! deixar-vos!

A vida expire, mas nos vossos braços:
 Esta he minha esperança.

IPHIGENIA.

Desumano D O
 Apeteceis talvez a minha morte?

S. Co E. N. A. g. VIL. O

IPHIGENIA E ISMENIA.

ISMENIA.

DE Thoante fugi, fugi da sua
 Desatinada raiva: do Estrangeiro
 Elle sabe a fugida desgraçada;
 Com a morte o Escravo está lutando;
 É o Tiranno procura no seu seio
 O nó soltar de tão infeliz trama;
 Não sendo a seu furor inda suspeitos,
 Meu Pai e seus amigos prevenirão
 A eminente borrasca: no navio,
 Para o mofino Grego em vão armado;
 Correrão á buscar seguro azilo.

IPHIGENIA.

A morte he só o Deos que ora imploro:
 Em seus braços de hum crime, que abomino,
 Só me posso salvar.

ISMENIA.

Tremer, Senhora,

Vós me fazeis : fallai.

IPHIGENIA.

Este Estrangeiro ,
Que eu ia , e que devera cruelmente
Degollar

ISMENIA.

Bem !

IPHIGENIA.

He meu Irmão.

ISMENIA.

Oh Deoses !

IPHIGENIA.

Tu vès meu sobresalto , vès meu pranto ,
A desesperação que o risco dobra.

ISMENIA.

Senhora , he necessario

354 IPHIGENIA EM TAURIDE

S C E N A VIII. em 2.º V.

EUMENE E AS DITAS.

EUMENE.

EM poder de Arbas

Fica Orestes : por ordem de Thoante
Neste momento acaba de prendello.

IPHIGENIA.

De que golpes cruéis huns sobre os outros
Esta alma aniquilada vem ferir-me,
Ceo vingativo, tua mão pesada!
Hum eterno rancor parece te arma!
Minhas lagrimas tristes abrandar-te
Não poderão jamais? forçar-me queres
Em fim de meu Irmão ao assassinio!
Ah! entre os seus abraços terminemos
Meus desastres: corramos

ISMENIA.

Onde hum cego

Delitio vos transporta!

EUMENE.

Ah! suspendei-vos,
Senhora, que ides vós buscar?

IPHIGENIA.

A morte.

ACTO QUINTO.

SCENA PRIMEIRA.

THOANTE E GOARDAS.

THOANTE.

Que tramas a infiel para enganar-me
 Não ordia ! com que pretextos santos
 Me allongava de si ! fatal misterio !
 Para me impor melhor, impunemente
 Arrogar-se a fazer fallar os Deoses !
 Porque de huma alma perfida illudindo
 Os enganos , eu mesmo ante meus olhos
 Não appressei o justo sacrificio !
 Sob sua fé depor talvez devia
 O meu terror ! Quem pôde submergir-me
 Neste lethargo de erros ? de meu culto
 Vingando os privilegios , á sua alma
 Sacrilega ah ! porque levar não pôsso
 Com meu tormento o ferro e o veneno ?
 Com meu sangue pagar sua perfidia
 Forçoso me será ! oh ! quem me prende
 O braço vingativo ! sim , firamos
 Quem nos opprime: deve hum grande crime
 Até sobre os altares ser punido.

S C E N A II.ª

THOANTE, ARBAS E GOARDAS.

SACIN. ARBAS.

Todos cheos de espanto, Senhor, tornão
 A obedecer-vos: hum dos Estrangeiros,
 Aquelle, cujas furias vos enchião
 De turbção, está em poder vosso....
 Eu mesmo o arranquei das mãos da fãta
 Sacerdotiza, em lagrimas banhada: *SM*
 Mas que novo horror....

THOANTE.

Tudo me he suspeito:
 Tudo debaixo de hum sinistro aspecto
 A meus olhos se offrece: fiel Arbas,
 Cujas faustas suspeitas me vierão
 Sobre a borda accorder do precipicio,
 Crês tu que esse Estrangeiro dos altares
 Evadido, seria com effeito
 Pelas ondas sem vida acapellado;
 E que o traidor abjecto, que o guiava,
 Diria nos tormentos a verdade?

ARBAS.

Eu não creio, Senhor, que se atrevesse
 A enganar-vos: morriendo, que esperança

A mentir induzillo poderia?
 Por outra parte, a victima se achára
 Entre esses desgraçados, pelo crime
 Só conhecidos, que no Porto acaba
 De fazer embargar minha prudencia
 No baixel, que devia transportallos.
 Entre os pesados ferros esperando
 A merecida pena, elles confirmão
 A confissão do cumplice; no resto
 Hum silencio profundo todos goardão.

THOANTE.

Que negro, que intellz presentimento
 Me agita e me confunde!

ARBAS.

Pois bem: nessa
 Presunção, que ser póde bem fundada,
 Faze buscar a victima entre as brenhas:
 Nós ali descobrilla saberemos,
 Nós á morte entregalla, se das vagas
 O abismo em seu seio a não occulta.

THOANTE.

Parte pois; corre, livra-me do susto,
 Que o coração me aperta e me consterna.

358 IPHIGENIA EM TAURIDE

A mente indolente pede
 S C E N A III.
 Para essas desgraças, pelo crime
 THOANTE E GOARDAS.

THOANTE. — Que
 Vós, graças-me a infiel Sacerdotiza.
 (Para hum dos Goardas.)

OS BISHOP E OS GOARDAS.
 S C E N A IV.

THOANTE E OS DITOS.
 THOANTE.

A Resposta do Orac'lo, proferida
 Contra meus tristes derradeiros dias,
 Com sanguinosos golpes vem ferir-me
 O coração gelado. Eu mesmo sinto
 Que Diãna me deixa ao meu destino;
 A perfidia me segue, e a dura morte!
 Em torno me rodea; em vão pertendo
 Cegar-me á vista dos fataes perigos....
 Mas que portento horrivel vem de novo
 A consternar-me! Já da eterna noite
 Por todos os mesquinhos, que meu zelo
 Tem feito perecer, chamar-me sinto;
 Vejo animarem-se os mirrados membros,
 Que minhas mãos em roda destas aras

Tem pendurado . . . Estes espantosos
 Prodigios como interpretar se podem?
 Grandes Deoses, acaso dos Oragos
 Desmentis vós a fé? mas não ouçamos
 Mais que o proprio furor; e despresemos
 Os effeitos de hum panico receo.

S. C E N A V.

IPHIGENIA E OS DITOS.

THOANTE.

Chegai-vos, e tremei: a sentir entre
 Vossa alma sem accordo a justa pena,
 Por seus crimes assás bem merecida.
 Perfida, respondi á minha sanha
 Impiamente trahida, e a vingar pronta
 A desobediencia ao Ceo supremo.
 Mofina! por que causa esse funesto
 Estrangeiro roubaste, mas debalde,
 Ao celeste rigor? vossos projectos
 Quaes erão? que misterio detestavel
 Contra mim vos fazia ser traidora
 Dos Deoses aos Decretos?

IPHIGENIA.

Quando entregue
 A's preauções mais negras a vossa alma,
 aPrece, sua fé seguindo, haver-me

360 IPHIGENIA EM TAURIDE

De todo condenado ; de que serve-me
 Que me humilheis até justificar-me ?
 Mas se he justo fallar sempre a verdade ;
 Quádo os grilhões quebrei d'hum dos cativos,
 Que vosso odio persegue , outro desenho
 Não tive mais do que informar por elle
 Meus parentes afflictos do segredo
 De huma vida , a pesar meu prolongada ;
 E esta alma innocente , a quem infama
 A negra falsidade , ouvio somente
 A voz da natureza.

THOANTE.

E com tão fracas
 Razões pertendeis vós allucinar-me ?
 Porém demos que sejam verdadeiras ,
 D'outra parte quem pôde defender-vos ?
 Se sabeis que hum Oraculo terrivel
 Da sorte mais funesta me ameaça ,
 Se ás Deidades, zelosas do seu culto,
 Em suas santas aras não immolo
 A todos os profanos Estrangeiros ,
 Por sua justa colera proscritos.

IPHIGENIA.

Ah ! e esse tão escuro como horrivel
 Oraculo , do mundo por desgraça ,
 Tão infallivel he ? não poderião
 Os que o derão , Senhor , lisonjear-vos ?
 Do vosso coração não poderião

Aos desejos conforme elles dictallo?
 Os Ministros do Ceo são por ventura
 Incorruptiveis? de erro e de interesse
 Susceptiveis não são? oh! porque ás aras
 Mais nos aproximamos, mais aos Deoses,
 Menos aos mais mortaes nos parecemos?
 Eu mais longe levat não quero agora
 A duvida sobre hum Decreto escuro,
 Que vossa alma horroriza; elle contudo
 Deve pela razão interpretar-se:
 Este Oraculo he que antes de tudo
 Deve ouvir-se.

THOANTE.

Que perfido rodeio!
 Que discurso execravel! que motivo
 Vos obriga ante mim a proferillo!
 Ousais vós das Deidades em desprezo,
 E do gráo que occupais, vossas maldades
 Defender por hum crime mais enorme?
 Oh Diana! e será justo e torçoso
 Por huma compaixão talvez culpavel
 Na sacrilega ainda respeitar-te?
 E não deverci eu de horror despido,
 A honra do teu Templo profanado
 Aqui vingar?

IPHIGENIA.

Pois bem! de vossas furias
 A medida extremai! dos crueis males,

362 IPHIGENIA EM TAURIDE

Que fazem consternar a natureza,
E que meus olhos vem de horror tremendo;
De todo me livrai: ao cego arbitrio
De vossas vãs suspeitas e terrores
Este peito feri, de crime e medo
Incapaz; este peito que debalde
Réo pertendeis fazer de atrozes crimes:
Não esperéis que em lagrimas banhada
Me prostre a vossos pés; cahir ante elles
Para appressar os golpes só desejo.

THOANTE.

A victima fazei que ás aras venha. *(Para os Goardas.)*

Em o seu coração ensanguentado *(Para Iphigenia.)*

Vão consultar aos Ceos as minhas iras
Vosso castigo e seu resentimento. *(Abre-se o interior do Templo; apparece Orestes, e se encaminha para o Altar no meio das Sacerdotizas.)*

IPHIGENIA.

Onde estou! que espectaculo terrivel!
Oh natureza!.. oh caro Irmão!.. oh triste
Sacrificio da vida mais amada! *(A' parte.)*

SCENA VI.

SCENA VI.

THOANTE, ORESTES, IPHIGENIA,
ISMENIA, EUMENE, SACERDOTIZAS

EUGOARDAS.

THOANTE.

Vinde cumprir do vosso ministério

As sagradas funções; das santas aras

Tomai a respeitavel machadinha. (A Iphig.)

IPHIGENIA.

Senhor deus, suplico, que a minha vida

THOANTE.

Obedecei ao Ceo, que o manda;

A's suas iras deitai o sangue

Que elle vos pede.

IPHIGENIA.

Barbaro momento!

Deoses supremos, vinde soccorrer-me!

(A parte.)

Eu desmaio... Senhor... morrer só posso...

THOANTE.

Que! vós ainda aqui contra vós mesma,

Dos Numes na presença respeitavel,

364 IPHIGENIA EM TAURIDE

Ousais trahir as suas santas ordens ?

ORESTES.

Fero Tiranno , que he o que lhe ordenas ?
Tu , cujo pavor de hum sagrado templo
De horror tem feito hum lugubre theatro ,
Podes , monstro , pensar , em menoscabo
Dos Numes , que teu erro ao nada abate
De teu ferino ser , que sequiosos
De infeliz sangue humano , só se abrandem
Com a mão no punhal ? de moldar cessa
A' tua imagem esses mesmos Deoses ,
E de erigir em feudo a morte , o crime.
Se esse teu coração ardendo em sede
Apetece meu sangue , porque , oh tigre ,
Não vens despedaçar minhas entranhas ?

THOANTE.

Que escuto ! temerario , insano , ousas . . .
Obedecei , terei. (Para Iphigenia.)

IPHIGENIA.

He meu Irmão:

ORESTES.

Sim eu o sou , Thoante ; eu sou o filho
De Agamemnon : cobarde , abaixa os olhos ,
Respeita o grande nome , e a volver torna
Da tua torvação entre os horrores.
Eu roubar-te queria juntamente

Com a vida a Estatua. As tristes vozes
 Do desgraçado sangue dos humanos ,
 De que teu coração brutal se ceva ,
 Pelas mãos derramado da innocencia ;
 Estes lugubres gritos lastimosos ,
 Em falta de coriscos , o meu braço
 Vinha vingar , e consolar a terra ;
 E o homem e seu author da atrocidade
 De hum culto assollador com o teu sangue
 Lavar.

IPHIGENIA.

Não prosigais (A Orestes.)

ORESTES.

Sede Iphigenia ,
 De Orestes sede Irmã : huma ignominia
 He para mim o vosso indigno medo :
 Tende a constancia , que á virtude cumpre :
 Quem desmaia , merece a sua sorte.

THOANTE.

De orgulho a tal excesso e de insolencia
 A minha lingua tem o espanto presa
 Quem hes , dize-me tu , para insultar-me ?

ORESTES.

Hum Rei. E se te houvera castigado ,
 Haveria de Rei a lei cumprido.

366 IPHIGENIA EM TAURIDE

THOANTE.

Eu cedo a meu furor: quem quer que seja
Feri: cumpri com vosso ministerio,
De hum traidor me vingai: (Perturbado a

Iphigenia.)

IPHIGENIA.

Deoses supremos,
Vós o escutais, e não brandis os raios!
E o barathro techais sob os seus passos?
Parricida cruel, do cego engano
Ludibrio e escarneo, tu mandar-me ousas
Que ultraje a natureza? tu pertendes
Que seja de hum Irmão cruel verdugo?
Que no peito lhe enterre palpitante
O cutello? que ainda respirando,
Minhas mãos, estas mãos ensanguentadas,
Lhe arranquem fumegando de seu seio
As entranhas? que chea da fereza,
Que te anima, com olhos execraveis
Nellas por ti os Deoses espantados
Consulte? ah! que de horror tão grande extre-
Torna a meu coração todo o alento: (mo
Com que direito teu furor me manda?
Hes tu senhor de mim? hes destas aras
O Deus? todo o meu sangue acaso devo
Ao mais vil dos humanos em tributo?

THOANTE.

Tu sem duvida o deves: tu te atreves

A desconhecer

IPHIGENIA.

Fere : meu verdugo

Sè : mas os Ceos de mim são os Senhores.
(*Corre para o Altar , segura a victima , e depois falla ás Sacerdotizas.*)

E vós não consintais que hum attentado
Contra vossos direitos se cometa.

Aos Numes sede só obedientes ,
Escutai tão somente as minhas vozes :
De vosso ministerio ás funções santas
Recuperai : o misero innocente

Protegei , consolai sua miseria. (*Mos-
trando-lhes Orestes.*)

Velai attentas este puro sangue
Do Senhor dos humanos : sua vida
De vossas mãos o Ceo tem confiado. (*As
Sacerdotizas formão hum circulo á rôda de
Orestes.*)

THOANTE.

Goardas.

ORESTES.

Deixai , deixai a meu esforço
De immolar-me o cuidado á sua sanha.
(*A Iphigenia.*)

THOANTE.

Em fim que he isto ? vós de terror cheos
 Receais seu aspecto ! *(Aos Goardas assus-*
tados. Os Goardas dão hum passo.)

IPHIGENIA.

Suspendei-vos ,
 Profanos : respeitai nelle hum Monarcha.
(Adiantando-se para os Goardas.)

S C E N A VII.

ARBAS E OS DITOS.

ARBAS.

Apparece , Senhor : huma terrivel
 Escolta

THOANTE.

Que rumor tão espantoso *(mos...)*
 Oh Ceos ! quebrão-se as portas : sim corra
 Antes porém a meu furor se immole.

IPHIGENIA.

Vens insultar os Deoses , que combatem
 Por nós ? *(Adiantando-se.)*

ORESTES empurrando com força para trás de si a Iphigenia, e offerecendo-se aos golpes de Thoante.

Ah! a feroz barbaridade
Affogar lhe deixai neste meu sangue.

THOANTE.

Traidor, da minha colera o primeiro
Objecto se tu, (Com o braço levantado para ferir Orestes.)

SCENA VIII.

THOANTE, ORESTES, IPHIGENIA,
ISMENIA, EUMENE, SACERDOTIZAS,
ARBAS, GOARDAS, PILADES, TROPA DE GREGOS.

PILADES na frente dos Soldados Gregos suspende com huma mão a Thoante, e com a outra o mata.

Barbato, suspende,
E morre junto deste altar sagrado.
Dos mesquinhos mortaes sacros tirannos,
(Aos Goardas, e ás Sacerdotizas.)
Fugi. Já nada que temer te resta. (Lança-se nos braços de Orestes.)

370. IPHIGENIA EM TAURIDE

A Guarda está desfeita , tudo foge :
Eu enganei o guia , e a Alceo unido ,
Protegido dos Deoses , e guiado
Da amizade , e os meus torno triunfante
A este sagrado Templo.

IPHIGENIA.

Ismenia , corre
Teu pai a libertar.

S C E N A IX.

ORESTES , PILADES , IPHIGENIA ,
TROPA DE GREGOS.

ORESTES.

Oh da minha alma
Cara ametade!

PILADES.

Vive.

ORESTES.

Ah digno amigo bom!
Torna Iphigenia a ver.

PILADES.

Ceos! Iphigenia!

IPHIGENIA. — Os Deos do Ceo

Vós sabereis meus fados : mas preciosos
São agora os instantes : Deste templo
Da Morte , onde debaixo do cutello
A virtude gemeo atropellada ,
Com respeito roubar vamos a Estatua.
Vós me haveis dito ha pouco, que ao seu rou-
De vossas crueis ancias a carreira (bo
Os Numes limitavão.

ORESTES.

Os effeitos

Já começo a sentir : oh ! que mudança
Em mim provo ! em que paz , em que soce-
De repente me vejo ! os crimes todos (go
Dentro em meu coração sinto expiados.
O devorante abismo ante meus passos
Se cerra : o horror me foge : tudo em torno
De mim se me figura que renasce :
N'hum novo mundo hum novo ser recebo.

IPHIGENIA.

Oh beneficios dantes nunca ouvidos !
Eu reconheço aos Deoses finalmente :
He do Ceo Lei a Lei da natureza.

PILADES.

Com o galerno vento impaciente
Alceo por nós na praia espera : vamos ;

Aa ii

372 IPHIGENIA EM TAURIDE.

E do Ceo , para nós em maravilhas
Fertil , sob os auspicios , nos partamos
A assombrar toda a Grecia e o mundo todo.

Fim da Tragedia.

Os Nomes Individos.
De vossa clemencia a clemencia (po)
Vós me dáis a vida e a honra; que se não tou-
Com respeito a todos os Individos.

Orastes

O

N'hum novo mundo
De mim se me fez
De certa : o honra me deu toda em tal
O devotante adivindade de meus passos
Dentro em meu cor
De repente me vejo
Em mim proveo ! em que paz ; em que sa-
já comego a sentir ; ou

He do Ceo hei a lei
Eu reconheço aos De
Os Individos James

Com o galeno vento impetuoso
Alto nos nos na praia estada : vamo

ROMANCE

Foi feito por occasião da festa do Jordão,
que se celebrou no Mosteiro d'Almos-
ter.

Tirado do Original de Coimbra.

P Astores, que nas campinas,
Que o sagrado Jordão banha,
N'uma ditosa innocencia,
Goardais as vossas manadas:

Vós, que do celeste Empireo
Apeteceis a morada,
Deixai o rebanho, e vinde
Ao cristal de suas agoas.

Que de Deos pelo Cordeiro,
Que do mundo a culpa arranca,
Entre musicas celestes
Hoje estão santificadas.

— Maior prodigio que quando
Ao leve toque das plantas
Dos Levitas, d'improviso
Os seus cristaes se rasgáão,

E n'hum transparente monte
 Suas lagoas levantadas
 Virão cheas de respeito

Passar do Testamento a arca (1);

Hoje contemplou suspensa
 A sua corrente clara,
 Quando do filho de Deos,
 Tocou as plantas sagradas.

Vio o Anjo do Senhor (2),
 Que o mesmo Senhor mandára
 Do suspirado Messias
 A preparar as estradas (3);

João, a quem o Eterno
 Mais que Profeta declara,
 E por maior entre os filhos
 Das mulheres assinalla (4);

Quando dentro em seus cristaes
 Reverente o baptisava,
 Abrir-se do claro Ceo
 A superficie azulada,

(1) Jos. cap. 3. v. 14.

(2) Malach. cap. 3. v. 1.

(3) Isai. cap. 40.

(4) Math. cap. 11. v. 11.

E desce veloz sobre elle
Por entre as nuves douradas
O espirito do Senhor
Batendo as candidas azas.

Ao mesmo tempo dos ares
Pela região dilatada
Soa huma divina voz
Ao som d'Angelicas arpas.

A cujos ecos os cumes
Os altos montes levantão,
E suspensas dos rochedos
Dos rios ficão as agoas.

Este he meu filho amado,
Diz a musica sagrada,
De que eternamente a minha
Sabedoria se agrada.

Oh correntes do Jordão,
Agoas do Senhor amadas,
Sempre vossas margens bordem
Altos cedros, verdes palmas.

Sempre sejam vossas selvas
De boninas esmaltadas,
Cujos aromas perfumem
Dos Ceos as campinas largas.

Ah vinde , Pastores , vinde
A lavar em suas agoas
Dos espiritos impuros
Todas as terrenas manchas.

E para o Ceo renascidos
Voarão purificadas
Vossas almas a gozar
Com Deos da celeste patria.

CANTIGAS

*Tiradas dos Apontamentos Originaes do
Author.*

Agora que o Ceo
De nuvens se cobre,
E a Noute descobre
O seu negro véo;

Agora que o prado
Se veste de horrores,
E vão os Pastores
Recolhendo o gado:

Deixa, Nise impia,
Do monte os abrolhos,
E vem com teus olhos
A supprir o dia.

Vem, não te demores,
Pastora querida;
Vem a dar-me vida
Com os teus favores:

Vem, não te reporte
Teu fero rigor:
De-me vida Amor,
Se Amor me dá morte.

Das flores do monte
 Trago huma Capella ;
 Vem , Ninfa , e com ella
 Croarás a fronte.

Os tenros filhinhos ,
 A's aves furtados ,
 Para ti goardados
 Trago inda nos ninhos.

Se a ver-me vieres ,
 Terás maior palma ,
 Terás a minha alma ,
 Se acaso a quizeres.

Não fujas , ingrata ,
 D'ouvir meu clamor ;
 Vê que o teu rigor
 Sem razão me mata.

A meus tristes olhos
 Sem teus resplendores
 Se tornão as flores
 Em secos abrolhos.

As rosas do prado ;
 As frutas do monte ;
 O correr da fonte ,
 O balar do gado ,

Nada me contenta,
 Nise, sem te ver;
 E qualquer prazer
 Cruel me atormenta.

Vem, oh Nise impia,
 A ver meus desmaios,
 Vem com os teus raios
 A supprir o dia.

ADVERTENCIA DO EDITOR

Ao Tom. I. que contém os Sonetos, e Retoques e Emendas a alguns lugares do mesmo Tomo.

Este Volume foi formado sobre varias Collecções das Poesias de Diniz. A primeira consta de dous Livros, hum em folha, outro em quarto, nos quaes se contém grande parte das suas Prosas e Poesias, escritas todas pela sua letra, e entre ellas 226 Sonetos. Forão trazidos no anno de 1800 do Rio de Janeiro estes dous Livros pelo Senhor Manoel de Figueiredo, actualmente Conego da Sé de Coimbra, e ahi mui fielmente copiados pelo Senhor Professor Joaquim Ignacio de Freitas; e ainda depois cotejada a copia com o original por quem trabalhou esta Edicção, para a qual tem servido a mesma copia de grande soccorro.

A pouca ordem com que nos ditos Livros se achão escritas estas obras, as muitas Variantes e emendas marginaes de que o texto está carregado, a mesma antiguidade da tinta, e finalmente o grande numero de Poesias não acabadas, e de apontamentos e reflexões soltas em varios generos de Literatura, que allí se encontrão, tudo faz crer que estes Livros são de grande antiguidade, e que erão o borrador onde o Poeta primeiro lançava as suas Composições; parte das quaes hia depois pulindo e acabando, despresando as outras com o mesmo Livro, em que as havia escrito. O que se confirma pelo tempo em que estas obras forão compostas, o qual o Author marcou no prin-

típico de quasi todas; pois tendo algumas dellas a data do anno 1754 (ainda antes do estabelecimento da Arcadia), e ainda dous Sonetos a do anno 1750 (tempo em que Diniz começou a poetizar, quando contava desouto annos de idade); em nenhuma parte se encontra data posterior ao anno 1783; e mesmo esta só se lê em 5 Sonetos.

A vista do referido, nenhum outro uso se fez d'esta Collecção (entende-se em materia de Sonetos) que não fosse aproveitar o Soneto 49 da Cent. II. o qual vem omittido em todas as outras Collecções; e considerár abonada por meio della a authoridade da terceira Collecção, onde se achão bastantes Sonetos que d'antes só se tinhão encontrado no dito Original de Coimbra (1).

A segunda Collecção, que servio para esta Edição, he a do Exc. Senhor Bispo de Portalegre (que foi tirada de hum Volume de Sonetos, que o Author tinha em seu poder no anno de 1789, o qual Volume comprehendia pouco mais de duas Centurias, e do 89 por diante erão todos autografos) e tambem o Exemplar Vimieirense, onde se achão alguns Sonetos alem das duas Centurias, ainda que não escritos de letra do Author. Estes dous Livros servirão muito para esta Edição; não só porque se aproveitirão muitos Sonetos, que não se achão nas outras Collecções, os quaes quasi todos são tirados do Exemplar Vimieiren-

(1) Tais são na Cent. I. os Son. 5, 6, 10, 16. Na II. os Son. 71, 73, 83, 88, 91, 97. Na III. os Son. 1, 7, 56, 57, 72, 75, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88.

382 A D Y E R T E N C I A .

25, como são na Cent. I. os Son. 14, 15, 36, na Cent. II. os Son. 42, 43, 44, 51, 56, 81; na Cent. III. os Son. 71, 73, 90; mas porque também fica abonada a authoridade da terceira Collecção, pelos Sonetos que nella se encontrão, que só são communs a estas duas Collecções (1).

Alem disto, recorre-se a estas, especialmente a segunda, por ser mais moderna e aperfeçoada, quando ou a lição dellas era manifestamente digna de preferencia, ou se conheceo, que na terceira tinha havido descuido ou do Poeta, ou do Copista.

A terceira Collecção consta de dous Livros, o primeiro em quarto, e outro, em octavo, os quaes trouxe do Rio de Janeiro, pouco depois da morte de Antonio Diniz, o Senhor Desembargador, Francisco Luis Alves da Rocha, Nephift d'elles, foi escrito pelo Author, e cada hum contém tres Centurias de Sonetos, ainda que sejam muito differentes hum do outro não so na escolha dos Sonetos, mas na lição d'elles, e na ordem por que se achão escritos.

Muitas razões, alem da que já apontamos, abonão a authoridade destes Livros, e elles mesmos subministrão outras para se acreditar que estas diversas copias foram tiradas sobre Manuscritos originaes, ou feitas talvez debaixo das vistas do Poeta e por elle dictadas. Nelles se acha muito aperfeçoada a lição da segunda Collecção, e a elles devemos os So-

(1) Taes são na Cent. I. os Son. 47, 58, 64. Na II. os Son. 24, 25, 26, 27, 50, 53, 54, 67, 69, 70, 72. Na III. os Son. 23, 25, 27, 70, 36, 53, 62, 63, 68, 69, 73.

A DVERTENCIA. 383

netos novos, isto he, posteriores ao anno de 1789 em que esta acaba (1).

O Livro em quarto he o que servio para esta Edicção, e para este fim nos foi generosamente communicado pelo Exc. Senhor Principal Castro. A copia era mais exacta, a ordem melhor, e a letra de pessoa já conhecida por copias d'outras Poesias de Diniz, que servirão para os outros Volumes. Diversas considerações nos obrigarão comtudo a omitir alguns Sonetos, que se achão neste Livro, e enchendo os lugares, em que elles estavam, com os outros tirados da segunda Collecção.

Em quanto ao livro em octavo, os Sonetos 66 da Cent. II. e 74 da Cent. III. são os unicos que se não achão n'outro Exemplar, nem mesmo no Livro em quarto. Elle existia em poder do Padre José Francisco de Borja, ultimamente fallecido.

Em duas Pastas de Apontamentos originaes de Diniz, que no tempo da impressão do Tom. I. nos communicou o Senhor Francisco Soares de Araujo e Silva, achão-se alguns Sonetos autografos, que só se tinhão encontrado na III. Collecção (2), com o que novamente fica abonada a authoridade della.

(1) *Taes são na Cent. I. os Son. 2, 3, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 63. Na II. os Son. 66, 77, 79, 82, 84, 85, 86, 87, 89, 92, 93, 94, 95, 99, 100. Na III. os Son. 2, 3, 4, 5, 6, 8, 43 até 55, 58 até 67, 69, 74, 77, 83, 84, 89, 91, até 96, 98, 99, 100.*

(2) *Taes são na Cent. I. o Son. 12. Na II. os Son. 77, 87, 94, 95, 99, 100. Na III. os Son. 4, 8, 58, 59, 92, 93, 94, 95, 96, 99.*

Os Sonetos, que atrás não ficão apontados, achão-se em todas as três Collecções referidas.

Ultimamente em quanto ás Variantes e Notas, que vem no fim do Volume, forão ellas indistinctamente tiradas das três diversas Collecções; no que só he de notar 1.º que são raras as Variantes que o Poeta conservou nos Exemplares ultimos, e ainda mesmo no de 1789; 2.º que as dos Sonetos 11 e 63 da Cent. I. a do Son. 192 da Cent. II. e a do Son. 61 da Cent. III. que são tiradas das Collecções authografas, confirmão ultimamente a authoridade da terceira Collecção, na qual tão somente se tinham encontrado os Sonetos a que as ditas Variantes se referem; 3.º que de proposito se omittirão algumas Notas, que servião ou de abreviar o uso classico d'alguma palavra, ou de explicar algum ponto de Mythologia, ou de dar exemplos da maneira diversa por que se achão tirados os Sonetos, sobre o que teve Dittz por si não só a authoridade dos Poetas Italianos que allega, mas a dos antigos Portuguezes, como Ferreira, Bernardes e Camões.

Retoques e emendas alem das que se apontarão no fim do Volume.

Pag. 122 v. 11. Note-se em geral que o Author escrevendo, a maior parte das vezes não fazia as syncopes, e deixava esse cuidado a quem lesse, ou quizesse medir o verso. Por isso se imprimio, como se achou escrito.

Pag. 38. v. 3. feia-se a alheo mal.

Pag. 97. b. v. 13. para ficar certo, deve ler-se:

Que da desesp'ração &c. ou: Que da

o sup. 1910 *desesperança* &c. como parece que es-
creveo huma vez o Author neste mes-
mo tom no imp. legal. ou *Que da desesperança*
o2 210 &c. palavra de que (se me não en-
gahou) usou Bernardini Ribeiro na
Menina e Moça.

Pag. 145. v. 9. Talvez fosse melhor: *Admirando*
&c. *Payto que* &c. pois *admirado* parece
pedir *de que*: comtudo imp. mio-sa
do modo por que se leo.

Pag. 188. v. 4. leia-se: *Vem, acompanha a dor*
&c.

Pag. 196. v. 13. Assim, sem duvida escreveo o
Poeta, porem a certeza do verso pe-
de que se leia *Arvore*, ou melhor
Arvor, como muitas vezes diziao e
escreviao os nossos antigos: a não se
dizer *Minha arvore* o que faria o
verso mais armonioso.

Pag. 226. v. 9. Assim escreveo o Author na pri-
meira e terceira Collecção; e na se-
gunda *Eu pois a quem hoje o Ceo sus-
tenta* &c. *Benino*: lição que se pôde mi-
bem conservar, huma vez que se fa-
ça *Echilpse*; pois que desta figura
ha innumeraveis exemplos nos nossos
Classicos; ainda que hoje a tenhos
por dura: o Author usou della a pag.
181. v. 13. e em outros lugares.

Pag. 269. Note-se que o 1.º e 8.º versos deste
Soneto acabão do mesmo modo, por
distracção (segundo parece) de quem
escreveo.

Pag. 274. v. 4. leia-se: *com chacharas.*

Pag. 294. v. 4. Assim se lê n'hum dos Exem-
plos exemplares da terceira Collecção; e no
outro *Deixa o trifauzão ao atormen-*

386 A D V E R T E N C I A :

tado : contudo deve-se crer que o Poeta escreveu *adormentado*.

Pag. 298. o v. 9. acha-se errado em ambos os Manuscritos d'onde he tirado este Soneto ; mas n'hum delles lem-se os dous tercetos do modo seguinte :

Que a siga me pede qualquer dellas,
E eu, sem me cegar desta o rico estado,
D'aquella as perfeições sigo singellas :

Então a que deixei, com rosto irado
Diz : pois assim por essa me atropellas,
Serás sempre no mundo desgraçado.

Retoques e Emendas a alguns lugares do Tom. II. que contém os Idyllios.

NA Dissert. I. pag. 8. linha 13. *Hum homem* &c. O Poeta combate nestas duas Dissertações o estilo rustico, que então tinha por si a authoridade de Francisco de Pina e de Mello, o qual em 1755 havia publicado a sua Bucolica repartida em dês Eglogas deste estilo. O merecimento deste Poeta (que hoje está reduzido ao seu justo valor) era tal no tempo em que Diniz escrevia, e tal a sua authoridade, que não pequena gloria foi a de o combater com tanta força e energia, e de introduzir no Parnaso Portuguez hum diverso e inteiramente opposto estilo Pastoral, qual he o que se observa nas Composições da Arcadia.

Quando estas Dissertações se imprimirão, não se reflectio (e até não estava á mão a Bucolica de Pina) que Diniz tinha copiado com alguma infidelidade as muitas passagens que ci-

ADVERTENCIA. 387

ta destas Eglogas; mas como o que elle re-
prova tem igualmente lugar em huma e outra
lição, pareceo escusado acrescentar agora as
emendas, excepto na Dissertação II. pag. 2. l.
ultima, onde em lugar de *hum su.*, se deve ler
hum-Ou

Idyllio I. pag. 28. v. 1. O Poeta devia dizer:

Das frautas pastoris se a antiga gloria.

pag. 30. v. 6. He preciso emendar:

Com Tirse, Coridão, e Nemeroso.

Idyllio II. Quando se imprimio este Idyllio,
não adventio o Editor (aliás o no-
taria) que elle contém não huma imi-
tiação, mas huma traducção literal
do Idyllio de Gessner, intitulado
Daphnis; e talvez por esta razão o
omittisse Diniz nas seguintes Collec-
ções.

pag. 33. v. 24. O Poeta no original
de Coimbra escreveu: *Loga escolhes*;
e a *afficto Pastor dizes*: Este he o
sentido de Gessner: mas o Traduc-
tor o conservaria igualmente, e faria
o verso mais armonioso, se dissesse:
e ao *traste Pastor dizes*.

Idyllio III. pag. 44. v. 7. Este lugar lê-se do
modo seguinte no original de Coim-
bra:

*E como em verde cana convertida
Q. som, que suspirando ali fizera,*

Bb ii

Este sustendo o verso errado, e o con-
sigo a rima, lembrou substituir-lhe o que
se segue, e se achou lançado a margem no dito
original, que por obitura não seria
de outro escrito pelo Poeta com outro final
que fazer-lhe lembrar o modo por que
devia acabar o verso; tanto elle offe-
rece uma sentença escuro, e talvez
inintelligivel. Poder-se-hia emendar
do modo seguinte:

*E como em verde planta convertida,
O som que fazem, suspirando, as canas*
ou de outro que parecesse mais che-
gado á letra do Poeta.

Idyllio III. pag. 46. v. 132. Este modo de fal-
lar não parecer proprio, pôde-se an-
tes dizer
Crescendo, e perfazendo &c.

v. 3. A elegancia da lin-
guagem pedia que se dissesse *a quem*
destina; e tambem assim fica o ver-
so mais cheo e suavel; porém mais
de uma vez cahio o Poeta em se-
melhante descuido.

Idyllio V. pag. 62. v. 11. Deve-se preferir por
hum motivo bem obvio a lição da
segunda Collecção:
O rebanho convulso, o que faminto.

Idyllio IX. pag. 116. v. 17. Leia-se:
Nunca com maior ansia suspirada.

A DVERTENCIA 389

Idyllio XIV. pag. 186. O 6. verso 2.º ou o
 3.º versos podem omitir, para fi-
 zear o período ou estância com o mes-
 mo número de versos que a antece-
 dentes, como parece que pedem as
 Cantigas alternadas; hindeza a que
 o Poeta não attendeo, quando for
 emendar este Idyllio.

Idyllio XIX. pag. 233. v. 5. leia-se: *Eis de mos-*
ca a vinda desta zozoncha &c.

Idyllio XXVII. pag. 294. v. 6. O Poeta faria o
 sup. aq. person. mais o heo se dit. e se:

Premio, que de usania excheq. se deve.

Retornos e emendas a alguns lugares do Tom.
III. que contém as Poemas Lyricas.

Pag. 113. Nota final. Nota no accrescente de r
traxerum petim. uation. para dos seus mon-
tes mais celebres.

Pag. 113. v. 12. e 14. Parece evidente que o
 Poeta tomou a liberdade de inven-
 ção em dar os seus verbos *brindar* e *brindar*,
 dando-lhes a significação de *brindar*,
ou beber á saude, os quaes tomados
 na accepção de *brincar* a lingua-
 gem Inglesa, onde *brave* significa
brindar ou *saude*.

Pag. 201. v. 21. leia-se: *Te me pinta Baccho,*
 &c.

Pag. 265. Os quatro Hymnos, que se imprimi-

390 ADVERTENCIA.

o no o. e rão, já tishão sido impressos no
 -n hsq, e Opusculo intitulado: *Santos Patro-*
 -com o me nos contra as tempestades de raes,
 -20076 n invocados em devotos Hymnos, publi-
 -22 2080q cados por Candido Lusitano, Lisboa
 200 5 220 1767, a pag. 33 e seguintes.
 Pag. 287. no principio, leia-se:

A graça, o luximento,
 O claro entendimento,
 De que a dotou a sabia Natureza &c.

N. B. Este segundo verso he do
 Author, e escapou na copia que ser-
 vio para a impressão.

Pag. 292 l. 76. Emende-se
 N. B. Na Est. 9. faltava o v. 7.
 Em praticas honestas, o qual se sup-
 prio para ella ficar semelhante ás ou-
 tras Estancias.

Emendas a alguns lugares do Tomo IV. que
 contém Poesias varias.

Pag. 14. v. 2. dá-se por causa Nos Ms. mais an-
 tigos lê-se dava
 27. v. 24. Sundo Sunda.
 44. v. 24. Sundo Sunda.
 22. v. 16. Tão Não
 191. v. 6. perdendo pendendo
 359. v. ult. a Prece Parece,
F I M.

81 - - - - -
 13 - - - - -
 22 - - - - -
Das Poesias , que se contém neste Volume,

10 - - - - -
 18 - - - - -
 20 - - - - -
SONETOS.

DE Glauco li eu já que mastigando Pag. 7
 Errado o vulgo cegamente cria , - - 4
 Lançou em fim por terra astro inimigo 6
 Quando, oh Céos, deixará o sentimento 8
 Que longas esperanças vás traçando , 3
 Vendo Amor seu imperio soberano - 5

22 - - - - -
 25 - - - - -
EPIGRAMAS.

25 - - - - -
 28 - - - - -
A cinzas reduzido aqui habita - - - 27
A fome me attribula, e amor sobejo; - 29
A raposa, que ás uvas não chegava, 17
A trança dizem, Marcia, que pintaste: 20
Abrindo o grande Gama o mar ufano, 11
Alvergue digno as Graças procuração, 14
Aretino aqui jaz Vate Toscano, - - 26
Augusto a hum camponez, que o as-
 semelhava, - - - - - 28
Certo Pascasio, que passar queria - 21
Com o famoso Heitor cahio rendida - 15
Com razão Celio as Musas desestima, 17
De Venus tens o rosto e a galhardia; 21

Debaixo destas pedras sepultado	18
Decepadas as mãos, o grão Duarte	12
Depondo o fero Amor o arco, e as flechas	26
Deste horto Ninfa sou, e sou tutella	29
Dizem, Bavió, que em velho dialeto	18
Dizes que hes sabio, nobre e poderoso;	20
Do Trono, a que subio independente	13
Doces pastéis Francisco háje me envia,	18
Duas pombas no casto d'hum soldado	12
Em horta mesa Mestre Hilario hum dia	24
Em refidêr de Pegú o Reino inteiro	13
Em vão provocas a lascivia tua	20
Essa feliz abelha, que imprudente	16
Esse olho que só tens, bello menino,	25
Esta de Egle gentil he a figura,	30
Estas rosas a ti, Venus formosa,	31
Este Timagènes, páterio eterno,	20
Hum Poeta o Epitafio engrandecia	22
Hum vizinho a hum vizinho cho catreiro	27
Na gloria de vencer em campo armado	25
Não cessa em toda a noite a chuva fria,	25
Não teme do martello o estrondo e o peso	24
No Carta enganoso, confiado,	22
O Poema de Homero telebrado	26
Ornada hes, Amarinda, Citherea;	28
Os dentes de marfim, que tras Daliana,	28
Os ladroes com meus ladros persegua,	24
Para pintar de Helena a formosura	24

Podes impor fallando fraudulento de . . . 16
 Quando, Laurindo, sahes tão penteado, . . . 23
 Quando moço, vive sempre em pobreza, . . . 28
 Queima Scevola a mão, que o golpe . . .
 de errara, . . . 30
 Querendo honrar Manoel de Affonso o . . .
 nome, . . . 11
 Queres pinar, quando, a Cinella? . . . 15
 Se Apelles Cinella não pinar, . . . 23
 Se no campo Marcial Guilherme armado . . . 10
 Se o ser sesado e triste he só Or. 8, . . . 19
 Se o trazer grandes barbas dá sciencia, . . . 21
 Se os poetas, segundo o teu juizo, . . . 17
 Se saes, Marilia, na manhã saudosa, . . . 17
 Sonhou Hermon, que muito ouro gas-
 tava; . . . 21
 Seu Apello ser, como desejas, . . . 22
 Tudo, Laurindo, tens; trajas a Ingleza, . . . 24
 Valeroso, prudente, justiceiro . . . 13
 Vendo Asclepiades, misero avarento, . . . 23
 . . . o nome do . . . ab. obs. . .

A. P. R. Q. S.

A Raposa e o Grou fez sociedade . . . 36
 Chama Lebre um Coelho de juíta . . . 37
 Compadre Grillo (a hum Grillo, que
 vivia 34
 Hum Gallo, que famelico pastando, . . . 36
 Hum Lobo da Vora sempre abocado, . . . 37

Hum Lobo , que comera hum bom carneiro - - - - -	39
Hum pardal , que invejoso hum aivão vira - - - - -	33
Hum rato , qu'a primeira vez sahia - - - - -	35
Huma Aguia generosa a huma Andorinha - - - - -	34
Huma velha Raposa abriu matreira - - - - -	38
Os ratos , que se vião cruelmente - - - - -	38

PROFEMPTICON.

Illustrissimo Conde , em cujas veias - - - - -	40
--	----

VISÃO.

Das castas Musas pelo vasto imperio - - - - -	48
---	----

SONHO.

Cansado de lutar o pensamento - - - - -	53
---	----

CARTAS.

Diniz , meu bom Diniz , da vil lisonja - - - - -	57
Se a sã Filosofia , que o engenho - - - - -	61

T-R-A-D-U-C-Ç-Ã-O.

Eupolis , Aristophanes , Cratino , - - - - -	65
--	----

ELEGIAS.

Ai que funesto objecto, e que horroroso	74
Lá onde o rio Lima socegado, - -	79

METAMORPHOSES.

I. A Tejuca:	
Entre os soberbos montes, que formando	90
II. O Cristal e o Topazio.	
Inda no seio da espumosa Thetis, -	94
III. A Mariposa.	
Houve nos priscos tempos huma Ninfa	100
IV. O Cauhy.	
Junto das verdes margens, que talhando	105
V. O Manacá e o Beija-flor.	
N'hum dos largos certões, que em si encerra	112
VI. O Bem-te-vi e Macahé.	
N'huma serra de crespa penedia, -	116
VII. O Diamante e o Jacinto.	
Entre as asperas serras, que rodeão	121
VIII. A Rosa do mato.	
Araciba e Guassu ambos vivião - -	127
IX. O Ytambé.	
Não longe das Ribeiras, que bordando	135
X. O Sahy.	
Sahy, fragueira Ninfa, que seguia -	140

XI. Os Pingos da agoa e o Chrysopraso. Pequi, humas das Ninfas mais formosas 145

XII. O Tyé.

Tyé, Joven gentil, atrezo e bravo,

COMEDIA.

COMEDIA ROMANA

O Falso Heroismo. - - - - - 157

TRAGEDIA.

Iphigenia em Tauride? Traduzida de Mr. de la Fouché

ROMANCO

Pastores, que nas campinas,

ANTIGA

Agora que o Ceo

ADVERTENCIA DO EDITOR

O Editor
das Republicas
das Republicas
das Republicas

